

ESCOLA DE GOVERNO
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

RAIMUNDO CEZAR ANSALONI SOARES

**ADOLESCÊNCIA, LAZER, VULNERABILIDADE: UM
OLHAR SOBRE O PROJETO 2 “TOQUE” NA BOLA**

BELO HORIZONTE
2009

RAIMUNDO CEZAR ANSALONI SOARES

**ADOLESCÊNCIA, LAZER, VULNERABILIDADE: UM OLHAR
SOBRE O PROJETO 2 “TOQUE” NA BOLA**

Dissertação de mestrado apresentada ao
programa de Mestrado em Administração Pública
da Fundação João Pinheiro.
Área de concentração: Gestão de Políticas Sociais
Orientador: Professor Bruno Lazzarotti Diniz Costa

BELO HORIZONTE
2009

Autor: Raimundo Cezar Ansaloni Soares
Título: Adolescência, Lazer, Vulnerabilidade: Um Olhar sobre o Projeto 2 “Toque” na Bola
Natureza: Dissertação de Mestrado
Objetivo: Obtenção de Título
Nome da Instituição: Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho da Fundação João Pinheiro
Área de concentração: Gestão de Políticas Sociais

Aprovada na Banca Examinadora

Prof. Dr. Bruno Lazzarotti Diniz Costa, Fundação João Pinheiro

Prof. Dr. Ricardo Carneiro, Fundação João Pinheiro

Profª Dra. Antônia Vitória Soares Aranha, Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG

BELO HORIZONTE, 27 DE OUTUBRO DE 2009

RESUMO

Esta dissertação realiza um estudo exploratório sobre o projeto 2 “Toque” na Bola, com uma abordagem quantitativa e qualitativa. A análise realizada se baseou no conceito de vulnerabilidade social e suas dimensões, procurando formular e analisar possíveis efeitos do projeto sobre a vulnerabilidade. Foi produzido um estudo de caso que teve como fontes documentos do projeto, entrevistas com pais, organizadores e professores e um questionário auto-aplicável (survey).

Inicialmente, a pesquisa investigou o Projeto 2 “Toque” na Bola, enfatizando sua criação. A seguir, apresentou suas características de estrutura e funcionamento. O objetivo deste trabalho foi analisar se e em que medida as ações implantadas pelo projeto influenciaram ou alteraram o comportamento das crianças e dos adolescentes participantes, se essas ações incidiram sobre o estado de vulnerabilidade desse grupo e se contribuíram para que eles se fortalecessem, criando melhores condições para enfrentar os riscos sociais a que estão expostos. A intenção deste estudo não foi responder de forma conclusiva às questões, mas explorar de forma empírica algumas evidências que poderiam indicar a eficácia do projeto, em relação principalmente a três dimensões: a família, a escola e a rede de amizades. Isso foi feito por meio da análise do perfil dos atendidos, da comparação entre o grupo de participantes mais antigos e o dos mais novos e da comparação entre os participantes cuja única motivação é a recreação e aqueles que vêm outros valores no projeto.

Os resultados mostraram que, em primeiro lugar, é importante ressaltar que, por motivos vários, o projeto não atendeu exatamente ao público-alvo pretendido. Com relação à dimensão familiar, constatou-se que o resultado produzido pode interferir na coesão familiar. Em relação à dimensão escolar, verificou-se que, apesar do acompanhamento exercido pelos professores, os resultados demonstraram o rendimento escolar ainda insatisfatório e que isso guarda pouca relação perceptível com o projeto. Com relação à rede de amizades estabelecida pelos atendidos, o que se constatou é que os principais amigos não são do projeto, mas os da escola. No entanto, as amizades construídas no projeto se mostram também importantes, principalmente para os participantes mais antigos.

ABSTRACT

This work realizes an explanatory study about Project 2 " Touch " the Ball with an approaching quantitative and qualitative. The realized analysis based itself on the idea of social vulnerability and its extension, trying to form and analyse possible effects of the project about vulnerability. A case of study was done whose origin were documents of project, interviews with parents , organizers and teachers and there was a self applying questionnaire (survey).

A survey investigated at first the Project 2 Touch the Ball emphasizing its creation and showed its characteristics from structure and working. The target of this work was to analyse how well the implanted actions from the project influenced or changed the children and teenagers behaviour who participated and if the procedures happened on the state of vulnerability of these groups , if the actions helped in order to strengthen them creating better conditions to face social risks which are exposed .

An aim with this study was not to answer in a conclusive way the questions , but to explore some evidence that could show the efficiency of the project mainly in three dimensions: the family , the school and relationships. This was done through the analysis of the profile from the attendants , from the comparison among an old group of participants with a new group that coming more recently on the project and the comparison between the participants whose motivation is more joined to recreation with those people that see other worth on the project.

The result showed that is important first to emphasize that the project did not attend exactly to target public whose idealists hoped to attend because of several things. With relation to the family noticed that the result produced can interfere with the family. According to school relation it could be seen that in spite of the following made by the teachers from the project and schools the result which was unsatisfactory and keep little relation with the project.

About the relationship among the participants , the result showed that the main friends are not from the project , but from the school where they study. However the relationship made on the project is also important , mainly to the old participants.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha esposa e companheira, Rosana Tiago Pinheiro Ansaloni e ao meu filho Renan Pinheiro Soares Ansaloni.

A Rosana pelo seu companheirismo, amor e colaboração durante todo o processo, que foi longo e difícil. Agradeço principalmente por compreender minhas dificuldades, ausências e limitações.

Ao Renan, pela ajuda prestada e por entender a falta de minha companhia nas horas de lazer e viagens.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, presença constante em minha vida, que me proporcionou a saúde necessária ao cumprimento desta missão.

Aos meus queridos pais, Angelina e Adelon (in memoriam) a quem me apegava em momentos difíceis.

Ao professor Bruno Lazzarotti Diniz Costa, meu orientador, por ter acreditado na minha pessoa, no meu trabalho e por sua dedicação, competência e amizade.

A Professora Carla Bronzo, tão prestativa, que muito me ajudou e fez parte de minha banca de qualificação.

Aos professores Ricardo Carneiro e Antônia Soares Graças Aranha que gentilmente, me deram a honra de aceitar fazer parte da banca examinadora de mestrado.

Ao professor Ronaldo Ronan Olete pela sua contribuição na área de cálculos estatísticos

Ao amigo Bruno Magalhães que muito colaborou na elaboração do banco de dados da pesquisa e na confecção de gráficos e tabelas.

Ao funcionário Heitor Vasconcelos Durão que me auxiliou na revisão desta dissertação.

Aos professores e Coordenadores do Projeto 2 “ Toque “ na Bola, que tornaram possíveis esta pesquisa e em especial o Sr. Paulo Cesário da Silva.

A todos os alunos do Projeto 2 “Toque na Bola, em especial aqueles que participaram diretamente, respondendo o questionário e aos pais que foram entrevistados.

À direção do CEFET-MG , que arcou com as despesas do curso e me liberou do trabalho na fase de redação da dissertação.

Ao Departamento de Educação Física do CEFET-MG que me deu o apoio para a realização do mestrado.

Aos professores do CEFET- MG que me apoiaram e substituíram, especialmente a professora Sueli.

Ao amigo e professor do CEFET-MG, Luiz Alberto de Souza Ferreira Pinto, que tanto me apoiou com orientações e empréstimo de materiais antes e durante o mestrado.

Ao amigo e professor do CEFET-MG, Maurício de Azevedo Couto, grande incentivador e colaborador durante todo o Mestrado.

Aos meus irmãos e seus cônjuges e todos os meus sobrinhos que sempre me incentivaram e minha irmã, Ivete Ansaloni (in memoriam) .

Ao meu sobrinho, Felipe José Ansaloni Barbosa ex-aluno da FJP, que me incentivou e ajudou , principalmente no processo seletivo.

A minha sogra Jacyra, e a todos os seus filhos pelo incentivo e apoio.

A todos os meus amigos que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho se tornasse realidade.

À professora Margareth Ferreira Avelar pela colaboração durante o Mestrado.

À Kely Laura de Oliveira, bibliotecária, que tanto me ajudou na busca de bibliografias.

A todos os professores e funcionários da Fundação João Pinheiro que contribuíram para a minha conclusão do Mestrado.

A todos, obrigado pelo carinho e amizade.

“A sorte acompanha os destemidos”

Alexandre, O Grande

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sexo	59
Figura 2 - Histograma de idades.....	60
Figura 3 - Ano de entrada dos alunos	60
Figura 4 - Ano de entrada dos alunos	61
Figura 5 - Situação de atividade do responsável pela família	66
Figura 6 - Ambiente familiar	67
Figura 7 - Seus principais amigos são	68
Figura 8 - Se já repetiu o ano escolar	69
Figura 9 - Se já ficou algum tempo sem estudar	70
Figura 10 - Como avalia os espaços onde é realizado o projeto.....	73
Figura 11 - Em que medida avalia que as atividades e palestras ajudam em sua vida.....	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Bairro de residência	62
Tabela 2 - Situação de moradia	63
Tabela 3 - Se tem medo da criminalidade próximo de casa	63
Tabela 4 - Quantidade de espaços públicos de lazer/esportivos na comunidade onde mora	64
Tabela 5 - Responsável pela moradia	65
Tabela 6 - Quantas pessoas residem em sua casa incluindo você	67
Tabela 7 - Tempo de escolaridade	70
Tabela 8 - Tempo de Escolaridade por Idade	71
Tabela 9 – Defasagem de escolaridade.....	71
Tabela 10 - Qual a principal razão de você ter procurado o projeto?.....	72
Tabela 11 – O que pretende ao participar do projeto	72
Tabela 12 - Como você vê a atuação dos professores do projeto? 1ª opção	74
Tabela 13 - Como você vê a atuação dos professores do projeto? 2ª opção	74
Tabela 14 - Faça um comentário sobre a importância do projeto para você e para a sua vida	76
Tabela 15 - O que é mais importante para você? 1ª opção.....	77
Tabela 16 - O que é mais importante para você? 2ª opção.....	78
Tabela 17 - O que é mais importante para você? 3ª opção.....	78
Tabela 18 – Como se relaciona com o álcool na maioria das vezes.....	79
Tabela 19 - Como se relaciona com o álcool na maioria das vezes	80
Tabela 20 – Se fuma	81
Tabela 21 - Acompanhamento dos pais na escola * Se já repetiu o ano escolar.....	87
Tabela 22 - Acompanhamento dos pais na escola * Se consome drogas, álcool ou fumo... 88	
Tabela 23 - Situação de atividade do responsável pela sua família * Se consome drogas, álcool ou fumo	89
Tabela 24 - Situação de atividade do responsável pela sua família * Se já repetiu o ano escolar.....	91
Tabela 25 - Se alguém da sua família consome álcool ou drogas * Se consome drogas, álcool ou fumo	92
Tabela 26 - Idade	93
Tabela 27 - Seus principais amigos são.....	94
Tabela 28 - Como os seus amigos se relacionam com as drogas	95
Tabela 29 - Como os seus amigos se relacionam com as bebidas alcoólicas.....	95
Tabela 30 - Se os amigos participam de alguma “gangue” ou “tribo”	96
Tabela 31 - Como qualifica o seu ambiente familiar.....	97
Tabela 32 - Como é o acompanhamento dos pais em relação à escola	97
Tabela 33 - Como é o acompanhamento dos pais em relação ao lazer	98
Tabela 34 - Acompanhamento dos pais em relação aos amigos	99
Tabela 35 - Se alguém da família apresenta problemas de vício de álcool	99
Tabela 36 - Como se considera como estudante.....	100
Tabela 37 - Frequência de estudo em casa por semana.....	101
Tabela 38 - Se já repetiu o ano	101
Tabela 39 - Se já ficou algum tempo sem estudar	102
Tabela 40 - Como você se relaciona com o álcool na maioria das vezes.....	103

Tabela 41 - Se fuma.....	103
Tabela 42 - Se consome drogas.....	104
Tabela 43 - Pensando no futuro, com que afirmação mais concorda.....	104
Tabela 44 - Expectativas profissionais em relação ao futuro.....	105
Tabela 45 - Importancia do Projeto * Se consome drogas, álcool ou fumo.....	107
Tabela 46 - Importância do projeto * Se já repetiu o ano escolar.....	108

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
1.2 METODOLOGIA.....	18
2 A VULNERABILIDADE SOCIAL.....	22
2.1 Conceituação	22
2.2 As dimensões da vulnerabilidade	25
2.2.1 A vulnerabilidade familiar.....	25
2.2.2 A vulnerabilidade sócio-econômica	26
2.2.3 – A vulnerabilidade da segurança.....	28
2.3 Grupos especialmente vulneráveis	30
2.4 Lazer, esportes e vulnerabilidades de crianças e adolescentes.....	31
2.5 Programas sociais no Brasil na área dos esportes	34
2.6 Esporte, lazer e socialização: diferentes modelos e conexões.....	38
2.6.1 O Projeto Guanabara	39
2.6.2 O programa Segundo Tempo.....	40
2.6.3 O projeto Espaço Criança Esperança	41
2.6.4 O Projeto 2 “Toque” na Bola.....	42
3 PROJETO 2 “TOQUE” NA BOLA	47
4 PERFIL DOS ATENDIDOS	56
4.1 A expectativa dos idealizadores	56
4.2 O perfil dos atendidos.....	58
4.2.1 Perfil quanto ao número de participantes, sexo e à idade.....	58
4.2.2 Perfil da situação de moradia.....	61
4.2.3 Perfil do ambiente familiar	64
4.2.4 Perfil dos amigos	68
4.2.5 Perfil em relação à escolaridade	69
4.2.6 Avaliação do projeto.....	71
4.2.7 Perfil dos valores pessoais.....	76
4.3 Análise comparativa dos perfis.....	81
5 ANÁLISE FINAL	84
5.1 Interações entre diferentes dimensões da vulnerabilidade	86
5.2 Comparativo entre alunos novos e antigos	92
5.2.1 Influência do projeto no círculo de amizades.....	93
5.2.2 Influência do projeto no ambiente familiar	96
5.2.3 Influência do projeto na vida escolar.....	100
5.2.4 Influência do projeto na perspectiva e visão do respondente	102
5.3 A importância do projeto em outras dimensões	105
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110

REFERÊNCIAS	115
APÊNDICE A – LISTA DOS ENTREVISTADOS	117
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS DOS PROFESSORES	118
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS PAIS	120
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO.....	122
ANEXO I – FICHA DE CADASTRAMENTO.....	130

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende contribuir para uma análise do Projeto 2 “Toque” na Bola, levantar seus objetivos e verificar se eles estão sendo alcançados. Para a sua elaboração, parte-se de uma abordagem ampla do projeto, desde a criação até os dias de hoje. Para isso, utiliza-se como instrumento de pesquisa quantitativa e qualitativa principalmente os alunos participantes, além de depoimentos dos organizadores e alguns pais.

Este trabalho está organizado em cinco partes: esta introdução, quatro capítulos e as considerações finais. O primeiro capítulo trata da vulnerabilidade social e apresenta as características de alguns modelos de programas sociais no Brasil. O segundo capítulo descreve tudo sobre o Projeto 2 “Toque” na Bola, seu histórico de criação e sua estrutura de funcionamento. O terceiro capítulo apresenta o perfil dos alunos atendidos. O quarto faz uma análise completa dos resultados obtidos com a aplicação do survey. A última parte retoma toda a discussão teórica da dissertação e apresenta as conclusões.

O Estado não consegue atender às demandas da população, no que tange ao esporte e lazer. O que se pode observar é que a construção desse projeto se dá graças à mobilização e participação de uma parcela da sociedade, carente, insatisfeita, de condições socioeconômicas precárias, alijada de processos que as levem a um estado de bem-estar social.

No momento em que percebem as suas carências e a impossibilidade de suas reivindicações serem atendidas, as famílias e as comunidades buscam soluções que possam atender os seus anseios, principalmente no que diz respeito aos seus filhos. Os esportes, as artes e os movimentos culturais podem desempenhar um papel importante na formação da identidade e na socialização das crianças e dos adolescentes. Nesse caso, a comunidade do aglomerado Morro das Pedras se organizou para a criação desse projeto e passou a usar os esportes como ferramenta transformadora para alcançar seus objetivos.

A proposta dos organizadores do projeto foi a de atender de modo mais amplo aos seus jovens, sem se restringir a proporcionar atividades de lazer, mas procurando envolver os diversos atores sociais, a interação com as famílias, os amigos e escola. Um dos objetivos principais do projeto é o de, por meio de suas ações, promover a formação integral das crianças e dos adolescentes da comunidade, utilizando o esporte como promotor de educação desenvolvimento humano e de transformação e inclusão social.

Assim, as práticas esportivas passam a ser uma oportunidade para que esses jovens desenvolvam suas potencialidades. Outro objetivo importante se relaciona com a vida escolar dos jovens. Nessa fase de vida, é no ambiente escolar onde ele se relaciona de forma mais intensa. Sendo assim, o projeto se propõe a atuar como forma complementar à escola. Para isso, utiliza como estratégia de atuação um trabalho conjunto de interação entre professores das escolas, do projeto e alunos envolvidos. Esses grupos de professores vão auxiliar e cobrar dos seus alunos um melhor rendimento escolar.

A meta principal que os idealizadores do projeto visam a atingir, ao proporcionar esse trabalho junto aos jovens, é dar uma orientação completa, que os tornem mais fortes e menos vulneráveis, de modo a não deixar que se envolvam com o mundo das drogas e da criminalidade.

A contribuição que esta dissertação pretende é analisar se e em que medida as ações implantadas pelo Projeto 2 “Toque” na Bola alteram o comportamento das crianças e dos adolescentes, se essas ações incidem sobre o estado de vulnerabilidade desses grupos, se contribuem para que eles se fortaleçam e criem melhores condições para enfrentar os riscos sociais. A intenção com este estudo não é responder de forma conclusiva às questões levantadas, mas explorar de forma empírica algumas evidências que poderiam verificar a eficácia do projeto.

Este trabalho adota, como referencial teórico, as dimensões da vulnerabilidade social. A intenção é fazer uma aproximação exploratória, que relacione o projeto e a vulnerabilidade. Este é um tema relevante, muito discutido tanto pelos governos quanto pela sociedade.

Estudiosos do tema associam esse fenômeno à pobreza, ou seja, famílias que apresentam uma renda financeira insuficiente para suprir suas necessidades básicas. Mas a vulnerabilidade abrange várias dimensões, desde uma perspectiva micro (do indivíduo) até estruturas macro, as famílias e comunidades, com os seus bens e características sociodemográficas, quanto àquelas relativas ao meio social em que estão inseridas.

A seguir, a vulnerabilidade é analisada sob três dimensões: a familiar, que aborda aspectos particulares referentes aos rendimentos, às condições de moradia, grau de escolaridade dos membros e relações familiares; a socioeconômica, que analisa a situação de trabalho, os bens materiais e a rede de relacionamentos e a sociabilidade das famílias; e,

por último, a de segurança, que aponta, por exemplo, o grau de violência a que estão sujeitos essas famílias pobres e mais vulneráveis.

Prosseguindo, destacam-se grupos especialmente vulneráveis: as famílias residentes em bairros periféricos e de condições socioeconômicas precárias e, mais especificamente, os jovens desses grupos.

Em outra análise, relaciona-se a vulnerabilidade à prática de esportes e lazer para crianças e adolescentes. É apresentado e discutido que uma das formas mais eficazes de combate às vulnerabilidades sociais relaciona-se com as práticas de atividades de lazer e esportes.

Este capítulo inicial foi dividido em três partes. A primeira tratou, mais especificamente, de questões relativas às vulnerabilidades sociais. Como o tema deste trabalho é direcionado para a análise de um projeto social, nesta segunda parte, abordam-se quatro programas sociais na área de esportes no Brasil. Apresentam-se de uma forma sucinta as principais características e os principais objetivos dos seguintes programas: o Projeto Guanabara, o Projeto 2 “Toque” na Bola, o Projeto Espaço Criança e Esperança e o Programa Segundo Tempo.

Após as apresentações, fez-se uma análise comparativa entre os quatro, destacando o que cada um apresenta de diferente na forma de atuação e nos objetivos a alcançar. Verifica-se que todos eles têm uma coisa em comum: a adoção dos esportes para atingir outros objetivos. Variam em relação à posição que o esporte e o lazer ocupam em cada estratégia, voltadas ao mesmo tipo de público-alvo, crianças e adolescentes.

No segundo capítulo deste trabalho, realiza-se um diagnóstico completo do projeto 2 “Toque na Bola”, desse o momento de sua criação, o processo de sua implantação, passando por uma descrição plena de sua estrutura e funcionamento, até os objetivos que se propõe a alcançar. Refere-se também como funciona o seu relacionamento com os parceiros do projeto e a comunidade envolvida.

A terceira parte descreve os processos metodológicos utilizados neste trabalho. A pesquisa utilizou uma abordagem quanti-qualitativa para descrever o projeto 2 “Toque” na Bola e também o método survey na pesquisa empírica. Finalizando, foram feitas a apuração e a análise dos dados coletados.

O terceiro capítulo faz uma interpretação geral do público atendido pelo projeto. Inicialmente, revela-se a opinião dos idealizadores, de como eles supunham o perfil dos atendidos pelo projeto e os espaços de lazer disponíveis na comunidade envolvida. Em segundo lugar, mostra-se o real perfil dos atendidos segundo os resultados obtidos de uma pesquisa de opinião (survey) realizada com os jovens participantes do projeto. Finalizando este capítulo, fez-se uma análise comparativa entre o perfil esperado pelos organizadores e o que foi apontado pelos respondentes da pesquisa.

O quarto capítulo apresenta a análise dos dados obtidos da pesquisa realizada com os alunos do projeto. A interpretação dos dados teve como objetivo avaliar o comportamento, o grau de satisfação e, sobretudo, verificar as reações e os possíveis efeitos que o projeto poderia provocar na vida dos envolvidos. Para isso, fez-se a interpretação de vários cruzamentos de questões extraídas do questionário de pesquisa, na busca de respostas que levassem a resultados mais sólidos em relação ao efeitos provocados pela ação do projeto.

Finalmente, apresentam-se as considerações finais, em que são retomadas as questões teóricas, e elas, são confrontadas com a pesquisa empírica. Com isso, são tecidos novos comentários e conclusões acerca de toda a dissertação.

1.2. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se por uma abordagem quantitativa e qualitativa que busca realizar um mapeamento sobre o funcionamento do Projeto 2 “Toque” na Bola e suas influências na redução das vulnerabilidades sociais a que está sujeito seu público-alvo.

O passo inicial para a composição deste trabalho (I capítulo) foi a elaboração do referencial teórico. Para construí-lo, foi feita uma prolongada pesquisa bibliográfica sobre o tema elegido, a vulnerabilidade. Procurou-se, inicialmente, dissertar sobre ela, fazer sua conceituação, caracterizá-la perante a nossa sociedade e relacioná-la às intenções do projeto. A seguir, tratou-se sobre alguns programas sociais na área de esporte no Brasil, alguns implantados pelo governo federal, outros criados por instituições particulares e também por iniciativas da sociedade.

A próxima etapa fez um levantamento de todo o processo de criação do Projeto 2 “Toque” na Bola. Para tanto, foi realizada um pesquisa documental, foram resgatados os

arquivos da organização e também entrevistas com os idealizadores e professores do projeto. Além disso, foram ouvidos alguns pais dos alunos envolvidos, (capítulo II). Descreveu-se a forma como o projeto foi gestado, as expectativas dos criadores e moradores da comunidade, seus objetivos, suas metas e as dificuldades a serem enfrentadas. Foram expostas também as dimensões a serem focalizadas e as partes da sociedade e dos organismos públicos que se envolvem com a causa do projeto.

Após identificar e conhecer toda a estrutura e o funcionamento do projeto, partiu-se para um trabalho de campo. Como era propósito desta pesquisa apurar os efeitos que o projeto provoca na vida dos envolvidos, seria lógico eles participarem do processo. Por ser um projeto criado e gerido por uma organização não oficial e que enfrenta enormes dificuldades, ele deixa a desejar em sua organização e gestão. Portanto, dispensou-se algum tempo na confecção, no ordenamento e na atualização das fichas de cadastro dos jovens participantes do projeto.

Realizado o cadastramento dos participantes, iniciou-se a elaboração de um questionário auto-aplicável (tipo survey) que posteriormente seria ministrado aos alunos. Para sua fundamentação, baseou-se em três dimensões: a família, a escola e a rede de relacionamentos dos indivíduos envolvidos. Para construí-lo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma consulta ao questionário elaborado pelo Programa Poupança Jovem.

Antes da aplicação final, foi realizado, no Cefet-MG, um pré-teste, com oito alunos do projeto, no intuito de avaliá-lo e verificar a necessidade ou não de adaptações e/ou correções. A seguir, esses questionários foram avaliados, e as adaptações pertinentes foram feitas. O questionário auto-aplicável ficou constituído, então, de 66 perguntas. Procurou-se abranger os mais variados temas presentes no cotidiano dos participantes do projeto: o ambiente familiar e comunitário, seu relacionamento com a escola, professores e colegas, quais suas opções de lazer, quem e como são os relacionamentos de amizade, o envolvimento ou não com a criminalidade urbana, o tráfico de drogas e o consumo de bebidas alcoólicas.

Definido o questionário, o próximo passo foi estabelecer quais seriam os indivíduos que fariam o teste. O projeto atende alunos de diversas faixas etárias – crianças, adolescentes e adultos – e de ambos os sexos. Para efeito da presente análise, limitou-se o público-alvo somente aos alunos entre 12 e 20 anos de idade, por entendermos que nessa

faixa etária concentram-se aqueles mais estão sujeitos a influências do meio social no qual vivem.

Esses alunos com idade de 12 a 20 anos formam um universo de 122 alunos, aos quais tentou-se inicialmente aplicar a todos um questionário quantitativo do tipo survey (Anexo I). Entretanto, por razões de limitações de tempo e disponibilidade dos próprios alunos, apenas 107 responderam à pesquisa. Assim, considerando que esses 107 formam uma amostra, procurou-se calcular o respectivo erro de amostragem, tomando como fórmula a fornecida por STEVENSON (1981, p.217):

$$e = Z \cdot \sqrt{\frac{\left(\frac{x}{n}\right) \left[1 - \left(\frac{x}{n}\right)\right]}{n}} \cdot \sqrt{\frac{(N - n)}{(N - 1)}}$$

na qual,

n = tamanho da amostra = 107;

N = tamanho do universo = 122;

Z = 1,96 = variável reduzida normal ao nível de 95% de confiança;

e = erro de estimação a ser calculado;

(x/n) = proporção (porcentagem) dos entrevistados que percebem positivamente as questões colocadas no instrumento de pesquisa. Como ela é desconhecida *a priori*, usar-se-á a estimativa de 50% (0,5) por entender que fica garantida a maior cobertura para o tamanho da amostra;

[1 - (x/n)] = complemento da proporção = 1 - 0,5 = 0,5.

Assim, o erro de estimativa ficou em:

$$e = 1,96 \cdot \sqrt{\frac{(0,5)[1 - (0,5)]}{92}} \cdot \sqrt{\frac{(122 - 107)}{(122 - 1)}} = 1,96 \cdot 0,0521 \cdot 0,3521 = 0,036$$

Isso significa um erro de estimativa de 3,6%, perfeitamente aceitável considerando que se trata de um trabalho monográfico que busca mostrar o conhecimento de algumas ferramentas científicas, sendo o erro de estimação uma delas e por, também, se apresentar relativamente baixo, não chegando a 5%.¹

Vale ressaltar que, para a aplicação do questionário quantitativo, foi realizado um teste que ajudou na elaboração da versão final.

Além do questionário, a pesquisa também constou de outra etapa quantitativa. Nela, realizaram-se entrevistas com sete pais de alunos e dois professores do projeto. Tais entrevistas seguiram um roteiro pré-elaborado (Anexo II). Por intermédio delas, buscou-se delinear alguns aspectos intangíveis do projeto e de suas influências.

Finalmente, foi constituído um banco de dados, acrescido de tabelas e gráficos. Eles serviram de base para as análises dos resultados da pesquisa.

¹ Cálculo do erro de estimativa fornecido por Ronaldo Ronan Olete, Pesquisador em Ciência e Tecnologia do CEI/FJP.

2. A VULNERABILIDADE SOCIAL

2.1. Conceituação

Na acepção da palavra, vulnerável é um estado de fraqueza em que se encontra um indivíduo, a ponto de poder ser atacado ou ferido.

O conceito de vulnerabilidade social tem sido discutido por inúmeros especialistas; alguns serão citados neste capítulo. Entretanto, a questão é polêmica. Sem consenso ainda sobre o seu significado, os conceitos de vulnerabilidade social têm, ganho força nos estudos latino-americanos por sua capacidade de melhor expressar a dinâmica de reprodução da desigualdade social e de avançar com relação a enfoques tradicionais de análise da pobreza.

Ao se analisar o conceito de vulnerabilidade social, reconhece-se que ele carece de muito mais discussão, validação e confronto com outros conceitos — como segregação socioespacial, pobreza e exclusão social — utilizados na literatura desde os anos 70 por especialistas de várias áreas nos estudos sobre as condições de vida e alternativas de sobrevivência da população nas grandes cidades brasileiras.

O caráter multifacetado do conceito de vulnerabilidade social é um dos pontos de consenso a que chegam os estudiosos do tema. Ele abrange várias dimensões, a partir das quais é possível identificar situações de vulnerabilidade dos indivíduos, das famílias ou comunidades².

Tais dimensões dizem respeito a elementos ligados tanto às características próprias dos indivíduos ou das famílias — seus bens e características sociodemográficas, por exemplo — quanto àquelas relativas ao meio social em que estão inseridos. O que se percebe é que existe um caráter essencial da vulnerabilidade: referir-se a um atributo relativo à capacidade de resposta frente a situações de risco ou constrangimentos.

De acordo com (Busso, 2001: 25), o enfoque da vulnerabilidade tem como potencialidade contribuir para identificar indivíduos, grupos e comunidades que, por sua

² O conceito de vulnerabilidade tem atraído principalmente estudiosos das mudanças ambientais de várias disciplinas. Apesar disso, porém, há pouco consenso sobre definições apropriadas. Hogan et. al. (2001) notam que autores como Cutter (199B) identificam 18 tipos diferentes de definição de vulnerabilidade. Esse termo faz parte do vocabulário tanto da academia quanto da sociedade e é usado sob vários pontos de vista e significados (Torres et ai., 2003; Cepal,2002; Kowarick, 2002; Watts e Bohle,1993).

menor dotação de ativos e diversificação de estratégias, estão expostos a maiores níveis de risco por grandes alterações nos planos sociais, políticos e econômicos que afetam suas condições de vida individual, familiar e comunitária.

Atuando nos aspectos que compõem o ambiente de vivência dessas pessoas, as desvantagens com relação a certos grupos de indivíduos e comunidades se dão muitas vezes por questões étnicas, que podem ser minoradas a partir de intervenções governamentais.

Busso, (2001) enfatizou que as cidades e áreas urbanas têm passado por processos de fragmentação das relações, onde se observa a existência de áreas onde as condições de vida são pouco adequadas, com relação à situação de domicílios, espaços públicos disponíveis e segurança que compõem os níveis apresentados de sensação de bem estar. Tal fragmentação se reproduz por meio de determinados mecanismos como políticas de assentamentos urbanos, acesso às escolas, a serviços de saúde e ao lazer. Com esses processos, são criados bairros onde a maioria é muito pobre e tem acesso restrito ou de pouca qualidade aos serviços citados acima, reproduzindo assim suas condições de vida pouco privilegiadas para seus filhos e netos.

O estudo de Busso (2001) analisa a vulnerabilidade social como um conceito marcado pela interdisciplinaridade que pode ser expresso de várias formas, como a fragilidade, a sensação de ausência de defesa, a imobilização frente às mudanças e a incapacidade de aproveitar as oportunidades que se apresentam quando tais mudanças ocorrem. Isso deixa os carentes sem perspectiva de um futuro melhor.

O conceito trata também da construção do indivíduo, lugar e da comunidade a partir da conjunção de fatores internos e externos, num espaço de tempo geográfico determinado, sendo um indivíduo cujos fatores externos a que está exposto conjuram de forma desfavorável juntamente com suas dificuldades internas e corroboram para que o mesmo enfrente queda nos níveis de bem estar social.

O conceito de vulnerabilidade social expressa sua complexidade por intermédio de níveis de análises diferentes das condições de vida social refletidas (política, social, ambiental e econômica). Tal conceito é utilizado pelas entidades nacionais e internacionais voltadas à solução de problemas sociais, em especial a pobreza, onde surgem questionamentos heurísticos, utilizados para fundamentar as práticas utilizadas no combate à pobreza, esses questionamentos trazem efeitos benéficos de atualização do conceito de

pobreza e de seus indicadores, visando melhorar os resultados apresentados pelas políticas sociais, tais discussões tem também trazido à baila novos conceitos abrangentes que são difundidos na elaboração dessas agendas.

Para Castel (2005), a vulnerabilidade social é uma zona intermediária instável que conjuga a precariedade do trabalho e a fragilidade dos suportes de proximidade [...] se ocorrer algo como uma crise econômica, o aumento do desemprego, a generalização do subemprego: a zona de vulnerabilidade se dilata, avança sobre a de integração e elimina a desfiliação. É do trabalho e da sua proteção que se organizam o direito social, a seguridade Social e a sociedade moderna [...] mais grave que o desemprego é na vulnerabilidade do trabalho sua precarização e submissão à ordem do mercado, gerando trabalhadores excluídos, sobrantes inválidos³.

Vulnerabilidade é conceito que pede recorrência às diversas unidades de análise — indivíduos, domicílios e comunidades — além de recomendar que se identifiquem cenários e contextos (Vignoli, 2001, Arriagada, 2001 e Filgueira 2001, entre outros). Diferentemente do conceito de exclusão, pede, portanto, olhares para múltiplos planos e, em particular, para estruturas sociais vulnerabilizantes ou condicionamentos de vulnerabilidade.

Conforme Castro e Abramavoy (2002), alguns dos principais autores sobre o tema, vulnerabilidade social, como Vignoli, Figueira e Arriagada (2001), trabalham com as possibilidades positivas e negativas que cercam o conceito. Na visão negativa, identificam as dificuldades e os riscos aos quais as famílias e comunidades estão expostas devido à vulnerabilidade. Na positiva, consideram a importância da identificação dos ativos que compõem as estratégias elaboradas pelos que vivem em periferias em prol de seu próprio bem estar social e sua consequente adaptação ao combate suas condições precárias de vida.

³ A noção de vulnerabilidade social, segundo Castel, nos permite refletir sobre as novas facetas da exclusão presentes em nossa sociedade. Ainda que o foco do autor seja o cenário francês, muitos elementos são úteis para indagarmos a presença da "precariedade do emprego" e "desfiliação social". A noção de vulnerabilidade social de Castel, tendo em vista o contexto brasileiro, contribui para iluminar uma questão central: "a idéia de que as metamorfoses de questão social não dizem respeito apenas a quem, de um modo ou de outro, foi atingido pelas novas formas do desemprego ou de precarização, aos novos inúteis do mundo, aos inimpregáveis, aos que se localizam nas margens da sociedade salarial. É o centro das relações salariais e sociais que está igualmente em discussão, isto é, a própria natureza dos laços e vínculos que constituem o seu núcleo. Não se trata, então, de dar conta somente dos processos de exclusão (...) mas também o que acontece com os que permanecem no interior das zonas de coesão social ou nas zonas de integração em seu frágil equilíbrio, constituído a partir do vínculo entre as relações de trabalho e as formas de sociabilidade...". A categoria trabalho é entendida para além das relações técnicas de produção, implicando num feixe de relações sociais, culturais e identitárias de indivíduos e grupos coletivos.

Nesse sentido, há uma relação entre a criminalidade (sofrida e praticada por jovens) e sua condição de vulnerabilidade social. Esta última é tratada aqui como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade de recursos (materiais ou simbólicos) e o acesso à estrutura de oportunidades⁴.

Os eventos que vulnerabilizam as pessoas não são apenas determinados por aspectos de natureza econômica. Fatores como a fragilização dos vínculos afetivos e relacionais e de pertencimento social (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiência) ou vinculados à violência, ao território e à representação política, entre outros, também afetam as pessoas.

2.2. As dimensões da vulnerabilidade

Outro aspecto perverso da vulnerabilidade é a escassa disponibilidade de recursos materiais ou simbólicos quando se trata de indivíduos ou grupos excluídos da sociedade. Não ter acesso a determinados insumos (educação, trabalho, saúde, lazer e cultura) diminui as chances de aquisição e aperfeiçoamento desses recursos fundamentais para que os jovens aproveitem as oportunidades de ascensão social oferecidas pelo Estado, mercado e pela sociedade.

2.2.1. A vulnerabilidade familiar

Dois dos objetivos deste estudo são apontar a vulnerabilidade da família pobre que, desassistida pelas políticas públicas, se vê impossibilitada de responder às necessidades básicas de seus membros, e aprofundar o debate acerca da construção de alternativas para o fortalecimento da família.

A gravidade do quadro de pobreza e miséria no Brasil é permanente preocupação e obriga a refletir sobre suas influências no quadro social e, principalmente, na área de atuação junto da família, área na qual as políticas públicas ainda se ressentem de uma ação mais expressiva. Vários aspectos relacionam a vulnerabilidade ao contexto familiar. Para a

⁴ Desde 1997, a UNESCO-Brasil iniciou uma série de pesquisas centradas nos temas de juventude, violência e cidadania. Alguns dos livros que resultaram dessas pesquisas são os seguintes: Juventude, Violência e Cidadania nas Cidades da Periferia de Brasília (1998); Gangues, Galeras, Chegados e Rappers – Juventude, Violência e Cidadania nas Cidades da Periferia de Brasília (1999); Cultivando Vidas, Desarmando Violências – Experiências em Educação, Cultura, Lazer, Esporte e Cidadania com Jovens em Situação de Pobreza (2001), Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas (2002) e Escolas Inovadoras: Experiências Bem-Sucedidas em Escolas Públicas (2003).

família pobre, marcada pela fome e pela miséria, a precariedade de sua moradia pode representar privação, instabilidade e esgarçamento dos laços afetivos e de solidariedade.

A família que reside num ambiente de condições precárias, em área de risco, onde a insegurança e criminalidade são constantes, torna-se mais fragilizada e exposta às vulnerabilidades que a cercam. Outro fator preponderante é o ambiente familiar. Se ele é ruim, conflituoso, provoca instabilidade na estrutura da família, implicando falta de coesão entre seus membros e, por consequência, mais dificuldades para enfrentar os problemas, permanecendo mais vulneráveis.

2.2.2. A vulnerabilidade sócio-econômica

Uma das graves consequências do processo de redistribuição populacional é o fato de a concentração de população nas aglomerações urbanas, em especial nas regiões metropolitanas, representar um desafio ainda não adequadamente enfrentado pelas políticas públicas. Num contexto de crise econômica, desenvolvimento socioeconômico desigual, forte concentração da renda e da posse da terra e gradual empobrecimento da população, a fragilidade da regulação da expansão das metrópoles brasileiras acabou por implicar maior deterioração das condições de vida da população, particularmente no que tange à localização no território, às altas taxas de desemprego, à precarização das relações de trabalho e ao aumento da informalidade.

Uma das formas de diminuir a reprodução das desigualdades e das desvantagens sociais é ofertando melhores condições de trabalho. A inserção no mercado é a fonte de renda para prover as necessidades básicas. Pesquisas em todo mundo apresentam aumento nos níveis de desemprego. Aumenta também a inserção no mercado informal. É mais difícil entrar no mercado formal de emprego, já que o número de vagas abertas não atende a demanda, devido à modernização das estruturas de trabalho, entre outros motivos.

Outra forma de atuação na redução das desigualdades é trabalhar para que menos pessoas permaneçam na linha de pobreza. Consegue-se isso aumentando os índices de segurança e diminuindo-se as situações de risco, fazendo com que os ativos pessoais sejam potencializados e solidificados para enfrentar situações de risco.

Para que isso ocorra, além do capital econômico, é necessário também que as famílias possam contar com índices adequados de capital social. É a capacidade de interagir com pessoas, instituições e grupos capazes de auxiliar a potencializar os ativos por meio de

informações, incentivos e posicionamentos favoráveis, muito úteis na superação de suas condições de vida precárias. Tal capital social adequado ajuda a fortalecer as reações dos jovens em situações de conflito ligadas diretamente à sua capacidade de enfrentamento das vivências marcadas pela vulnerabilidade social.

Os jovens continuam a ser os mais afetados pela pobreza no país. A Síntese de Indicadores Sociais, divulgada no senso de 2009 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2007), mostra que, quanto mais nova a criança, maior a probabilidade de encontrar-se em situação mais vulnerável, não importa a região do país.

O fator socioeconômico tem um relacionamento importante com a escolaridade. O rendimento familiar tem ligação direta com a educação infantil. Ainda segundo o último senso do IBGE, enquanto 94,7% das crianças das famílias com rendimentos superiores a três salários mínimos frequentavam a escola, a taxa era de 71,4% nas famílias com rendimento de até meio salário mínimo no ano passado. "Esse fenômeno é observado em todas as regiões: quanto maior o rendimento da família, maior a chance de a criança de quatro a seis anos de idade estar na escola, evidenciando que o rendimento da família é determinante no seu desenvolvimento", nota do IBGE.

Ainda que deva ser de base material para seu mais amplo enquadramento, a definição econômica de vulnerabilidade é insuficiente e incompleta, pois não especifica as condições necessárias ao ingresso no campo dos vulneráveis. A redução da vulnerabilidade não repousa apenas no nível econômico, ainda que indispensável. Ela se associa ao processo de discriminação social, no qual o mercado é o produtor mais amplo da própria discriminação.

A estratégia deve ser a de mobilização de recursos, com a elaboração de atividades diferentes. Podem ser ferramentas de uso individual, familiar ou em grupo. Podem estar embasadas nas oportunidades de acesso a recursos públicos, por meio de políticas públicas de cunho local, regional ou nacional. As possibilidades de articulação das estratégias podem ser contempladas, e suas necessidades de complementação se dão em espaços diferentes, reduzindo os níveis de vulnerabilidade em territórios específicos. A responsabilidade pública se expressa por intermédio das regras de convivência, do incentivo à sociedade e ao mercado, por meio de políticas macroeconômicas, sociais e

ambientais, e de infraestrutura. Juntos, eles constroem o cenário geral em que se desenvolvem as estratégias.

A desigualdade social se materializa na paisagem urbana. Quanto maiores as disparidades entre os diferentes grupos sociais, maiores as desigualdades de moradia, acesso a serviços públicos e qualidade de vida e maior a segregação espacial. No entanto, mesmo num bairro pobre, essa qualidade pode ser melhorada, caso os serviços públicos de educação, saúde e transporte coletivo, entre outros, passem a funcionar de forma adequada. Essas mudanças positivas têm maiores chances de se concretizar quando a comunidade se organiza para melhorar o seu cotidiano e reivindicar os seus direitos.

2.2.3. A vulnerabilidade da segurança

A falta de segurança, principalmente das famílias pobres, relaciona-se diretamente com o grau de violência que podem sofrer.

Assim, a vida cotidiana brasileira vem sendo permeada pela insegurança, pelo medo, pela criminalidade. Esses fantasmas assombram de modo peculiar a nossa sociedade e adquirem um caráter impactante nos últimos anos do século XX e início do século XXI. Os últimos anos testemunharam grandes mudanças em todo o mundo. Ele torna-se unificado, em virtude de novas condições técnicas, bases sólidas para uma ação humana mundializada. Ela, entretanto, impõe-se à maior parte da humanidade como uma globalização perversa⁵.

A criminalidade urbana – roubo, assalto, seqüestro e homicídio, entre outros – atinge milhares de pessoas todos os anos, notadamente em países subdesenvolvidos, fazendo muitas vítimas e gerando medo e insegurança. Deve ser destacado, entretanto, que criminalidade não está necessariamente associada à pobreza. Há países pobres como o Brasil e com IDH⁶ maior, como o Paraguai, a Nicarágua e a Índia (WAISELFISZ, 2004),

⁵ De acordo com o sociólogo Octávio Ianni, em seu artigo - “Globalização e a Nova Ordem Internacional”, publicado no livro – O Século XX : Tempo da dúvidas - do declínio das utopias às globalizações , Volume III, Editora Civilização Brasileira , Rio de Janeiro, 2000- A Globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo , como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial. Um processo de amplas proporções, envolvendo nações e nacionalidades, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações. Assinala a emergência de uma sociedade global, como uma totalidade abrangente, complexa e contraditória. Uma realidade ainda pouco conhecida, desafiando práticas e idéias, situações consolidadas, interpretações sedimentadas e formas de pensamento e vãos da imaginação.

⁶ IDH- Índice de Desenvolvimento Humano – compara a qualidade de vida da população de várias nações . Criado em 1990, pelo Programa das Nações Unidas, considera a dimensão econômica (renda), e aspectos sociais, culturais e de saúde. A escala do IDH varia de 0 a 1 . Os países com IDH de 0,449 são considerados de baixo desenvolvimento

que apresentam índices bem menores de criminalidade urbana. Ela, é mais acentuada em países de desenvolvimento intermediário, como o Brasil, marcado por violenta desigualdade socioeconômica.

A criminalidade é um fenômeno social que preocupa a sociedade e os governos na esfera pública e privada. Seu conceito está em constante mutação. Não é fácil defini-lo, não existe um absoluto. Enquanto um conceito mais restrito pode deixar de fora parte das vítimas, uma definição muito ampla corre o risco de deixar de fora parte das vítimas e de não levar em conta as micro criminalidades do cotidiano. Em sentido estrito, o conceito refere-se à violência física como a intervenção de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) indivíduo(s) ou grupo(s) e também contra si mesmo⁷.

Já a criminalidade simbólica refere-se ao abuso do poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade, como a violência verbal e também a institucional, marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder.

Outras formas de crime com as quais os jovens se deparam são o posicionamento arbitrário das autoridades, na maioria das vezes policiais. Mesmo nem sempre ligado diretamente à criminalidade, o consumo de drogas, sejam lícitas ou ilícitas, também funciona como combustível que alimenta seu círculo vicioso.

Embora, em muitos casos, associada à pobreza, a criminalidade não é consequência direta da primeira. É consequência sim da forma como operam nas especificidades da cada grupo social, desencadeando comportamentos violentos, as desigualdades sociais, a negação do acesso a bens e equipamentos de lazer, esporte e cultura.

Assumindo que os recursos à disposição do Estado e do mercado são insuficientes para, sozinhos, promoverem a superação da vulnerabilidade e de suas consequências, em particular a criminalidade, advoga-se o fortalecimento do capital social intergrupar, por meio do aumento da participação e valorização das formas de organização e expressão do

humano ; os de IDH entre 0,500 e 0,799, de médio desenvolvimento ; e os de 0,800 em diante , os de elevado desenvolvimento. Fonte: Pnud de 2008, que divulgou o IDH de 179 nações.

⁷ Tal definição abarca desde os suicídios, espaçamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito (camuflada sobre o nome de “acidentes”) e todas as diversas formas de agressão sexual, ou seja a violência que se encontra no código civil.

jovem, como estratégia de ação para envolver a sociedade e seus recursos na busca de soluções para o problema como descreveremos no próximo capítulo.

2.3. Grupos especialmente vulneráveis

Vulnerabilidade é algo global, ela atinge todas as camadas da sociedade contemporânea, só que de formas e intensidades bastante diversas. Como foi dito na seção anterior, as camadas mais pobres de uma população são as mais atingidas e mais vulneráveis. Nesse grupo se situam as famílias que vivem nos bairros periféricos das grandes cidades, onde as condições socioeconômicas são precárias e os riscos sociais são grandes. Mais especificamente, no seio familiar, os jovens é que são os mais afetados, por diversas razões.

Para Castro e Abramavoy (2002) e Castro e Abramavoy (2005), as crianças e os jovens em situação de vulnerabilidade social na maioria das vezes vivem em comunidades periféricas das grandes cidades e são vítimas constantes de vários preconceitos⁸.

É válido ainda ressaltar as formas de violência relativas à convivência entre crianças e adolescentes, como os comentários e apelidos que traduzem posições racistas, homofóbicas, sexistas e agressividade exagerada, comportamentos pautados pela possessividade, dominação e pelo ciúme nas relações afetivas. O uso de drogas é um potencializador de comportamentos ligados à violência que origina furtos, sequestros relâmpago, assaltos e vandalismo. Jovens em situação de vulnerabilidade negativa tanto podem ser agentes quanto vítimas dos processos citados. É geralmente nos ambientes de convivência que tal violência se manifesta, , algumas vezes dentro das próprias escolas. Também têm aumentado as formas de violência envolvendo práticas sexuais, nas quais

⁸ Pela sua juventude, por serem jovens muitas vezes são vistos como irresponsáveis e taxados como levianos seja em suas relações sociais ou mesmo quando procuram colocações no mercado de trabalho.

Por sua situação de moradia, os jovens têm uma necessidade natural nessa fase da vida de auto-afirmação e socialização, e por morarem em casas ou barracos em condições precárias com relação a espaço e localização os mesmos acabam se envergonhado de suas moradias ou mesmo de revelarem em que bairro moram, pois sabem que a repercussão que essa informação trará para sua vivência diária, será marcado pelo negativismo com relação às expectativas das outras pessoas.

Por sua condição social, sendo esses jovens pouco capazes de inserirem na sociedade atual pautada pelo consumismo, e conforme suas condições econômicas, culturais e sociais eles são vistos também pouco capazes de estabelecerem relações estáveis e produtivas sejam elas de ordem emocional ou profissional;

Por suas características pessoais, os jovens e crianças que vivem em comunidades de periferia apresentam características próprias marcadas pela cultura da auto-valorização, pois não são valorizados pela cultura dominante e pelo seu alto poder de adaptação em busca de condições de vida mais adequadas, também conhecida popularmente como “jogo de cintura” que pauta a realização de ações dentro do limite do possível a suas aspirações e pelo que eles podem investir seja econômica, social ou culturalmente. Esse posicionamento nem sempre é bem visto por quem olha de fora e vê apenas a desordem, a falta de rotina, e planejamento estratégico.

crianças e adolescentes são vitimadas por pais e parentes em casa. Seus reflexos são vistos em jovens cada vez mais violentos e revoltados.

Assim, tendo em vista a situação em que vivem esses jovens, as esferas convencionais de sociabilidade já não oferecem respostas suficientes para preencher suas expectativas. Nos vazios deixados por elas surge outra esfera ou dimensão de sociabilidade, cuja marca principal é a transgressão.

No Brasil, a violência está intimamente ligada à condição de vulnerabilidade social de certos extratos populacionais, jovens, por exemplo. Atualmente, eles sofrem o risco de exclusão social num patamar sem precedentes, devido a um conjunto de desequilíbrios provenientes do mercado, Estado e da sociedade, que tendem a concentrar a pobreza entre esse grupo e a distanciá-los do “curso central” do sistema social. (Vignoli, 2001).

Aliada às turbulentas condições socioeconômicas, a situação de vulnerabilidade gera uma grande tensão entre os jovens e agrava diretamente os processos de integração social. Em algumas situações, ela fomenta o aumento da violência e da criminalidade.

É fato que, além de produto de suas próprias relações, o comportamento desses jovens é fruto da evolução social e do acúmulo de conhecimento de gerações anteriores. Eles vivem experiências únicas, e essa fase da vida é fruto também do momento histórico vivenciado. Visto que tais características são inerentes a essa etapa da vida, as políticas públicas voltadas ao combate à vulnerabilidade social juvenil devem se ater a condições atuais e possibilidades futuras com relação ao estado de bem estar ao qual esses adolescentes pertencem. Assim, mais do que trabalhar com projetos e ações pautados por manter e ampliar serviços básicos ligados à saúde e educação, é preciso que as políticas públicas balizem sua atuação no acompanhamento sistêmico dos fatores que indicam o grau de exposição dos jovens à vulnerabilidade e atuem também nesse sentido com dinamismo e atualidades, combatendo a desigualdade social relacionada diretamente com os índices de vulnerabilidade social.

2.4. Lazer, esportes e vulnerabilidades de crianças e adolescentes

Parece haver um consenso sobre o fato de que uma das melhores formas de combate às vulnerabilidades sociais está relacionada às práticas de atividades de lazer e esportes.

Também está muito claro que os governos e a sociedade devem se mobilizar para oferecer condições de que elas sejam implementadas, principalmente para os mais carentes.

Essas iniciativas devem visar a formação integral de crianças e adolescentes, utilizando o esporte como promotor de educação, desenvolvimento humano, inclusão social e transformação social. As práticas esportivas e de lazer procuram proporcionar um espaço privilegiado de socialização e formação de identidade dos jovens, e não devem se restringir somente a uma opção de lazer. Devem integrar diversos atores sociais, unindo escola, família e amigos na promoção da inclusão social.

Com relação à rede de amizades, importante na formação do ser social, a prática de esportes estrategicamente implanta o lazer educativo, utilizando o esporte como agente promotor de socialização e formação humana. Essa rede de amizades formada por meio dos esportes implica relacionamentos mais saudáveis e duradouros, que ajudam no fortalecimento da autoestima dos jovens, influenciando de forma positiva na formação do caráter, conseqüentemente deixando-os menos vulneráveis às más companhias. Ainda sobre este aspecto, existe outro tipo de interação importante, relacionada à sua comunidade. À medida que o jovem participa de um projeto, ele passa a se relacionar mais com os colegas, os pais dos colegas e também com os vizinhos de rua e demais moradores do bairro que participam ou colaboram para o projeto. Com isso, indiretamente, forma-se uma rede de proteção para esse jovem.

Outro fator importante se reflete no relacionamento familiar. À medida que os pais proporcionam atividades de lazer aos filhos, eles assumem um compromisso de acompanhá-los, o que provoca uma interação positiva entre os membros da família. De uma forma ou de outra, isso fortalece os laços afetivos e, ao mesmo tempo, conduz à coesão familiar e cria a sensação de segurança nos jovens.

Como é o caso do objeto deste estudo (projeto social) e de muitos outros espalhados pelo país, que proporcionam atividades de lazer e esportes para jovens carentes e em situação de risco social, tem a ver com os espaços de lazer gratuitos existentes nas grandes cidades. Muitas vezes esses locais apropriados existem e são liberados ao público. Para muitos, todavia, devido à carência econômica, eles são inacessíveis. No entorno das favelas e dos aglomerados praticamente inexistem espaços adequados e seguros de lazer para a população local. Em decorrência disso, surge um grave problema social: crianças e

adolescentes saem para a rua decididos a praticar esportes, ou simplesmente encontrar os amigos, mas frequentemente são convidados ou forçados a participar de pequenos delitos ou brigas entre “gangues “ rivais. Ainda mais grave: são “adotados“ pelos traficantes. Sob a promessa de receberem presentes ou dinheiro, são forçados a realizar pequenos atos ilegais. Nesse caso, o risco social é muito grande. Esse jovem entra num caminho perigoso, de onde dificilmente conseguirá sair sozinho e ileso. Quando essas organizações conseguem espaços de lazer gratuitos, seguros e bem estruturados, portanto, elas dão um enorme passo para que o seu projeto se desenvolva e obtenha sucesso.

Prosseguindo, vale a pena ressaltar a importância da atuação desses projetos na vida escolar das crianças e dos adolescentes. A maioria dos projetos sociais, cobram de seus alunos responsabilidade na escola e com os colegas. Cobram também um bom rendimento acadêmico. Ao mesmo tempo, os professores do projeto aliam-se aos professores da escola e trocam experiências, sempre objetivando ajudar os alunos em dificuldade. Assim, eles conseguem vencer suas dificuldades e tornam-se menos vulneráveis à idéia de desistir dos estudos.

Finalizando, um jovem participante de um projeto dessa envergadura se vê envolvido numa rede de proteção (família, amizades, comunidade, área de lazer e escola) que o acolhe, educa e prepara para a vida, deixando-o mais seguro e forte para enfrentar as adversidades e, ao mesmo tempo, menos vulnerável. Em relação a este ponto, um pai afirma:

“ Houve sim , a partir do momento que a gente começou a se envolver mais com o projeto, porque a presença do pai acompanhando no dia-a-dia aproxima a gente da realidade deles, então eles estão mais carinhosos conosco, estão mais envolvidos e acordam no domingo muito mais animados para poder participar do projeto”⁹.

Primeiramente, estabeleceram-se os conceitos sobre vulnerabilidade social, suas dimensões e o público principal mais exposto a tal vulnerabilidade. A seguir, apresentaram-se as formas que um projeto social utiliza para minimizar a situação de vulnerabilidade de seus alunos carentes.

⁹ Depoimento de Wladimir Segantine, concedido ao autor.

Na próxima seção, serão apresentados alguns projetos sociais na área de esportes no Brasil, com suas características principais, sua organização, seus objetivos, sua forma de atuar e área de abrangência.

2.5. Programas sociais no Brasil na área dos esportes

Crianças e adolescentes se destacam como alvos das ações para inclusão social, posto que, se encontram em fase de amadurecimento, portanto capazes de atividades diversas. Para eles, as descobertas e a convivência em grupo são requisitos necessários ao desenvolvimento e à formação integral. Já há algum tempo, a prática de esportes tem sido incorporada às estratégias de incentivo e apoio à escolarização, à prevenção ao desvio ou à delinquência e, portanto, destinada à redução de algumas dimensões de vulnerabilidade.

Ao desenvolver tais habilidades, os jovens fortalecem seus laços de amizade e sua capacidade de conviver com as diferenças. São exemplos de sucesso projetos sociais que procuram desenvolver tais competências. A necessidade de autoafirmação é uma constante na vida dos jovens, e a prática esportiva vem favorecer, de forma saudável, seu comportamento, sobretudo em comunidades pobres.

A prática de esportes pode resultar em ações específicas que auxiliam no aprimoramento motor, emocional e no desenvolvimento de habilidades necessárias à inserção dos jovens nas atividades do desporto. Pode colaborar ainda para a manutenção da saúde, contribuindo assim para o desenvolvimento do capital social de cada indivíduo e a socialização e aceitação dos outros, num exercício de solidariedade e respeito às diferenças.

Se e em que grau esse potencial se realizará depende, porém, das regras vigentes no grupo e no espaço onde se desenvolvem as atividades. Depende igualmente de que atitudes e comportamentos são aceitos e valorizados, garantindo que a competição saudável não comprometa o respeito nem se deteriore em desprezo pelos menos fortes ou menos hábeis ou em glorificação do sucesso. Depende ainda das maneiras pelas quais as práticas de esportes e lazer incentivem e não concorram com o desempenho e a valorização da escolarização.

Maia (2008) enfatiza a necessidade de compreender as ações cotidianas dos jovens, objetivando perceber o sentido que imprimem a essas ações, seja ao exercer qualquer

atividade, seja ao tomar determinada decisão. É nessa esfera da vida, nas práticas rotineiras e na interação com os pares, professores e funcionários, que os jovens alunos constroem a sua referência de mundo e formam a sua própria identidade .

Maia (2008) entende que é vivendo que esses jovens encontram situações e constroem as categorias que agirão como ferramentas para a elaboração de estratégias destinadas a tratar sua trajetória de vida.

Nela, o esporte é, em muitos casos, eleito forma de atração de crianças e jovens, uma vez que atividades corporais podem ser muito interessantes para eles e, ao mesmo tempo, propiciar o controle do tempo livre e veicular regras de convivência, etiqueta e ética, numa autêntica missão civilizatória, cuja direção vai dos mais velhos para os mais jovens e das camadas médias e altas para as camadas mais baixas da população.

Conforme Guedes, Davies, Rodrigues e Santos (2006) enfatizam, os projetos sociais reconhecidos resumem seu objetivo a “tirar as crianças da rua”¹⁰.

Com bastante clareza, Gonçalves (2003) resume essa forma de legitimação dos investimentos que envolvem projetos sociais: “Afastar os meninos do mundo do crime, tirá-los da rua, livrá-los da violência” – estas têm sido as justificativas usadas pelos projetos sociais voltados para os jovens das comunidades pobres. Todos pretendem ocupá-los com atividades educativas, esportivas, culturais e de formação para o trabalho. Acreditam que o espaço deixado pela carência de atividades possa ser ocupado pelo crime ou pelo ócio. São várias as entidades espalhadas pelo país cuja intenção é tirar moças e rapazes de situação de risco.

Como consequência, a melhoria da educação não se traduz em mais oportunidades de inserção dos jovens no mercado de trabalho. Um enorme contingente de jovens, geralmente pobres e das periferias, integra a sociedade apenas parcialmente. Estão longe de desfrutar de condições de vida adequadas e do aumento de renda, embora tenham crescido

¹⁰ São incontáveis os projetos sociais existentes hoje no Brasil, patrocinados por instituições governamentais, empresas privadas, organizações não-governamentais (ONGs) ou organizações da sociedade civil (OSCIPs) visando atingir crianças e jovens, em especial aqueles das camadas mais pobres da população, algumas vezes classificados como “jovens em situação de risco social”. Contando sempre com inúmeras parcerias, estes projetos espalham-se pelo território nacional, multiplicando-se com a multiplicação das ONGs, intensificada a partir da década de 1990 (Landim, 2002). Não dispomos, até o momento, de um levantamento sistemático acerca destes projetos sociais, tarefa aliás, extremamente complexa pois são de escopo muito distinto, podendo resultar da atividade de um voluntariado local, com pouca institucionalidade, ou ser produzidos em Instituições altamente organizadas como, por exemplo, o Instituto Ayrton Senna. Alguns têm longa trajetória enquanto outros surgem e desaparecem em poucos meses.

expostos às mesmas tentações da cultura de massa e à imposição do consumo típicas do extremo oposto da pirâmide social.

O resultado é uma combinação perversa: mais expectativas aliadas a menos condições de alcançar os objetivos tornam-se o pano de fundo da decepção do jovem. Assim sendo, a válvula de escape para essa frustração é facilmente manipulada em direção à marginalidade e ao crime.

Diante dessa realidade social, é possível entender que um projeto social esportivo exige refletir sobre a diversidade de formas, que exercem influência na formação de visão de mundo, nos valores, no gosto e comportamento dos nossos jovens.

A convivência com jovens desta pesquisa revelou a limitação de muitos deles no acesso a bens culturais, como cinema, teatro, museus e exposições, entre outros. Essa é a realidade dos jovens moradores de periferias e favelas. Seu acesso aos bens culturais se dá quase tão somente via televisão. Essa é a contradição perversa da maioria de nossos jovens, jogando por terra a falsa impressão de que eles pertencem a uma sociedade globalizada e democrática.

Programas governamentais voltados para ações esportivas têm cunho social, uma vez que podem provocar modificações nas condições de vida. Eles podem influenciar positivamente os aspectos relacionados à saúde, à educação e socialização dos indivíduos, firmando novas parcerias com os mais diversos setores da sociedade.

Num país como o Brasil, de extrema diversidade e desigualdade, o esporte é, para muitos adolescentes, uma forma de melhorar de vida. Ele pode possibilitar aos nossos jovens tornarem-se membros autossustentáveis da sociedade, pode capacitá-los a contribuir para uma realidade melhor nas comunidades onde vivem, capacitados a realizar suas escolhas e a atender suas demandas pessoais, mudando de forma consciente sua história de vida.

A prática esportiva transformou-se em representação das mais diversas manifestações de movimento corporal e procuram alcançar diversos objetivos e ampliar a visão do esporte, que se estende para além da formalidade das manifestações em locais pré-determinados, por gente especialmente treinada para tal, com habilidades únicas e restritas a apenas um grupo privilegiado de indivíduos. A conceituação do que é esporte passa por reformulações que ampliam suas formas de prática e representação.

A tarefa de reestruturar o conceito de prática esportiva, na esteira do que se traduz como inclusão social, transforma as políticas públicas voltadas para esse setor em alvos de atenção cada vez maior dos governos. Obviamente, não se perde de vista suas qualidades imanentes: instrumento positivo para diminuir os índices de criminalidade e consumo de drogas e minimizar outros comportamentos perniciosos comumente verificados em jovens e adultos.

Reiteram-se aqui os efeitos positivos que pode produzir a prática esportiva no cotidiano das pessoas: diminuição dos índices de repetência e evasão, decréscimo da criminalidade, aumento da autoestima, incentivo a posturas e valores mais humanos, voltados para a superação dos problemas por intermédio da cooperação e da solidariedade, tudo isso segundo, Marcelino (1987).

Segundo Storoli (2007), a cultura do esporte dedicado à juventude, que teve início na época da ditadura, ainda mostra sua face na atualidade, quando são analisadas algumas políticas sociais baseadas nos esportes, em alguns casos alimentando a idéia do esporte.

Esse posicionamento incute idéias preconceituosas, pois concebe o jovem pobre como sempre inclinado ao crime. Tal idéia se baseia na tendência à competitividade excessiva promovida pela sociedade liberal e ao individualismo, que visa ao topo da pirâmide, a custo de treinamentos intensivos em busca de uma relação profissional como o esporte.

Com a tomada de consciência do verdadeiro potencial e das devidas aplicações das atividades esportivas, em contrapartida às práticas populistas valorizadas por governos autoritários, foram ampliadas as atividades esportivas, sendo realçadas as não necessariamente voltadas à competição¹¹. Aumentou-se assim a abrangência do esporte. Ele passa a ser direito de qualquer um que se disponha a praticá-lo e se dedique.

Ainda para Storoli, quando o jovem, conta com um núcleo esportivo que funcione orientado por diretrizes institucionais, as possibilidades de influências positivas do esporte se potencializam, valorizando as atividades elaboradas, balizadas na cultura corporal

¹¹ O Presidente da República Getúlio Vargas patrocinava competições por meio da máquina estatal e aproveitava, já na década de 1940, o Estádio de São Januário, então o maior do Rio de Janeiro, para seus discursos comemorativos no Dia do Trabalho. Compunha assim sua imagem de “pai dos pobres”, associado ao trabalhador assalariado e a suas áreas de interesse. O governo Médici aproveitou a Copa do Mundo de 1970, conquistada pela Seleção Brasileira, para insuflar o patriotismo, usado como arma contra distúrbios políticos internos. Ao som da música tema da campanha, lembrou a união do povo e a idéia de um país grande e próspero, fomentando uma identidade positiva e associando o sucesso da vitória esportiva a um suposto sucesso político do governo. (ALVES E PIERANTI, 2007, p.6)

utilizando-se de práticas ligadas à dança, aos jogos, à ginástica, às brincadeiras e a uma série de outras atividades que envolvam o corpo e valorizem o movimento como forma de exercício. O esporte é capaz de atuar como representante da produção cultural e histórica da sociedade, intensificando suas práticas e aumentando os índices de autoestima.

As práticas esportivas podem contribuir também para alterar as dimensões psíquicas e sociais decorrentes da convivência entre famílias, comunidades locais e organizações. Sendo assim, tais práticas são eficientes também no combate às situações que potencializam o aumento dos riscos. Tal contribuição se dá principalmente pelo aumento nos estoques de capital humano e social dessas famílias, possibilitando lidar melhor com sua realidade, desenvolver sua autonomia, a partir de práticas voltadas para a sustentabilidade, competência e estratégia de elaboração de pensamentos e ações.

No tocante ao desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, a partir de um conjunto integrado de ações que servirá de diretriz para atitudes e escolhas, o esporte também atua no auxílio desse processo, por meio de práticas diversas de expressão corporal ligadas à motricidade. Atua também nos eventos culturais de socialização e educação, potencializando os benefícios dessas práticas e facilitando a consciência da cidadania em níveis mais altos de qualidade de vida.

O esporte em si deve ser pautado pela escolha das atividades a serem desenvolvidas levando-se em consideração as diretrizes propostas por uma equipe qualificada para tal, que avalia tanto a condição física do futuro praticante quanto as condições específicas do local e do material necessário às atividades, fatores que influenciam as práticas de inclusão social baseadas no esporte.

2.6. Esporte, lazer e socialização: diferentes modelos e conexões

A utilização do esporte como meio ou apoio a outros objetivos – ressocialização, prevenção ao aliciamento para práticas delituosas, apoio à escolarização etc. – não é novidade, mas vem sendo incorporada também pela renovação no campo da educação física e das práticas desportivas, que se orientam para práticas corporais como expressão e componente da educação geral.

A recente divulgação da “Política Nacional do Esporte/2005” destaca justamente a finalidade educativa do esporte como direito social e ferramenta utilizável no aumento dos

níveis de bem-estar social. Isso contribuiu para legitimar a prática de elaboração estratégica de ações que tornem cada dia mais seus praticantes capazes de decidir de forma consciente e responsável, a fim de formar cidadãos capazes tanto de assegurarem seu próprio bem-estar social quanto de contribuir com sua comunidade e, extensivamente, com a sociedade.

2.6.1. O Projeto Guanabara

No entanto, a inserção do esporte ou lazer varia bastante entre diferentes modelos de intervenção que o utilizam. Há programas que fazem uso deles como apoio direto à escolarização. Este tipo de intervenção, o acompanhamento da vida escolar dos participantes e o contato cotidiano com a escola são fundamentais

O Projeto Guanabara, parceria entre a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO – UFMG), o Instituto Ayrton Senna, AUDI do Brasil (IAS-AUDI) e a Escola Municipal Maria Mourici Granieri (EMMMG), fazem parte do programa de educação pelo esporte do Instituto Ayrton Senna. Seu objetivo é propiciar à população carente atividades esportivas, artísticas, culturais, educacionais e de manutenção da saúde, com base nos princípios do esporte educacional e nos pilares da educação – aprender a ser (competência pessoal), aprender a conviver (competência social) aprender a fazer (competência produtiva) e aprender a conhecer (competência cognitiva).

A finalidade principal é, por meio do esporte, criar um meio facilitador e complementar para que os membros das comunidades participantes do programa possam vivenciar ativamente a construção de sua cidadania, tornando-se então sujeitos de sua própria história.

É estratégica básica do projeto Guanabara, atingir crianças e adolescentes das camadas mais desfavorecidas e desamparadas da população, na faixa etária dos sete aos 14 anos. São atendidos 440 alunos, nos dois módulos, durante a semana, sempre no horário que não coincide com o do ensino formal. As atividades acontecem em dois locais distintos: na Escola de Educação Física da UFMG e na Escola Municipal Maria Mourici Granieri.

Sua característica básica é sua atuação interdisciplinar, baseada no trabalho por projetos. Todas as áreas envolvidas desenvolvem seus conteúdos a partir de um tema que gera um único projeto interdisciplinar. A interdisciplinaridade então pressupõe uma relação

íntima de diferentes áreas com seus diferentes profissionais, que têm como objetivo a formação humana e para isso utilizam seu saber e o intercâmbio entre eles de modo a atingir o fim maior, a educação.

2.6.2. O programa Segundo Tempo

Este modelo é aquele em que o próprio esporte é o objetivo e foco principal da iniciativa. Nele, o treinamento ou o rendimento esportivo são primordiais, e a competição, tem papel mais central na intervenção. É o caso da formação de times e “escolinhas” esportivas, que se orientam para o lazer, mas também para a formação de times, que participam de competições diversas.

Programa estratégico do governo federal, o Segundo Tempo objetiva democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social.

O programa caracteriza-se pelo acesso a diversas atividades e modalidades esportivas (individuais e coletivas) e ações complementares, desenvolvidas em espaços da escola ou comunitários, e tem como enfoque principal o esporte educacional. Seu público-alvo são crianças e adolescentes expostos aos riscos sociais. A unidade básica de atendimento do Programa Segundo Tempo são os núcleos de esporte educacional, destinados à prática esportiva dos participantes do projeto, mediante programação de atividades a serem desenvolvidas no contra-turno escolar sob orientação de professores e estagiários de educação física devidamente, habilitados e capacitados para a função. Há uma quantidade mínima de alunos estipulada, e cada núcleo deve ter, no mínimo, 200.¹²

Os núcleos oferecem também a prática de duas modalidades coletivas (futebol, futsal, handebol, basquete ou vôlei) e uma modalidade individual (atletismo, natação, vela, tênis de mesa, dança, capoeira etc). Para as modalidades coletivas, devem ser formadas

¹² Os recursos humanos envolvidos na implementação do Programa comporta **Coordenador-Geral do Projeto Local** (gestor): 01 para cada convênio firmado com o Ministério do Esporte. Preferencialmente profissional da área de Educação Física ou de Educação, com experiência em gestão de programas esportivo-educacionais; **Coordenador de Núcleo**: 01 para cada núcleo de 200 alunos. Preferencialmente profissional da área de Educação Física ou de Educação; **Monitores**: 02 para cada 200 alunos ou 04 monitores para cada 200 alunos, quando a entidade realizar acompanhamento pedagógico e outras atividades, desde que se garanta o mínimo de 2 monitores para as atividades esportivas, sendo estes estudantes de graduação regularmente matriculados em curso de Educação Física ou Educação, preferencialmente já tendo concluído a primeira metade do curso.

turmas de no mínimo 25 e no máximo 40 alunos. Para as individuais, de no mínimo 10 e no máximo 25. Os núcleos promovem também a distribuição de material esportivo¹³. Esses programas, sob gestão do Ministério do Esporte (ME), são operados com recursos do Orçamento Geral da União (OGU). O ME seleciona as operações a serem atendidas pelo programa e informa à Caixa Econômica Federal para fins de análise e contratação da operação¹⁴.

2.6.3. O projeto Espaço Criança Esperança

Este tipo de projeto cujo objetivo principal é oferecer espaço e oportunidades de lazer a públicos em áreas que carecem do acesso a tal direito. Nesse caso, a supervisão e o acompanhamento são mais restritos à organização das atividades e rotinas próprias daquele espaço, sem intervenções ou estratégias mais específicas para atuar sobre outras dimensões da vida social das crianças.

O Projeto Espaço Criança Esperança surgiu no Brasil em 1999, numa iniciativa da Unicef e da Rede Globo de Televisão, sendo que, a partir de 2005, ele passa para a Unesco. Em Belo Horizonte, tem a parceria da PUC-Minas e da PBH. É um projeto social voltado para crianças, adolescentes, suas famílias e comunidades vivendo em áreas de exclusão social. Possui forte inserção comunitária com ampla participação dos envolvidos. O projeto se propõe atender crianças e adolescentes de sete a 18 anos e suas famílias.

O núcleo belorizontino do projeto está localizado no aglomerado da Serra e se apresenta de forma centralizada, é um espaço que concentra diferentes atividades de arte, esportes, cultura e lazer e multimídia. De forma descentralizada, atua em parceria com a creche Quita Tolentino, o Conselho de Pais Criança Feliz, o Centro de Integração Martinho, o grupo de Teatro Paternon e o Acolus, a Associação Beneficente da Serra, a Fraternidade Irmão Lázaro e o Projeto Providência-Fazendinha. Juntos, eles compartilham espaços e

¹³ O Ministério do Esporte fornece materiais esportivos confeccionados pelos Programas Pintando a Liberdade e Pintando a Cidadania, que possuem centros de produção em unidades prisionais e em outros espaços comunitários de diversas regiões do Brasil. O material é distribuído de acordo com os quantitativos que se seguem: 10 bolas de cada uma das modalidades oferecidas (voleibol, basquetebol, handebol, futsal e futebol de campo) para cada 200 alunos; 01 par de redes de cada modalidade (1 para futebol de campo, futsal e handebol; 1 para basquete e 1 para a modalidade voleibol) para cada 200 alunos envolvidos; 01 camisa para cada aluno cadastrado.

¹⁴ As informações contidas nesta pesquisa, sobre o programa Segundo Tempo estão disponíveis no Site do Ministério do Esporte – (portal.esporte.gov.br) e (www.esporte.gov.br/Segundotempo).Consulta feita em setembro de 2009.

projeto pedagógico. É o trabalho em rede que propõe uma estratégia de articulação de serviços para o atendimento de crianças, adolescentes e suas famílias.

2.6.4. O Projeto 2 “Toque” na Bola

Este tipo de intervenção é aquele em que o esporte ou o lazer tem a função de socialização, formação de redes de sociabilidade supervisionadas e saudáveis, incentivo ao lazer em espaços institucionalizados e protegidos. Nesse tipo de projeto, a convivência, o respeito às regras e aos valores e o apoio à convivência familiar são o foco principal da intervenção.

O Projeto 2 “Toque” na Bola visa a promover a formação integral de crianças e adolescentes, utilizando o esporte como promotor de educação, desenvolvimento humano, inclusão social e transformação social. Tendo sido implantando no aglomerado Morro das Pedras, em BH, em abril de 2003, é uma opção de lazer, ocupação, prática de esportes (futebol de campo, futsal, voleibol e basquetebol) para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade e risco social, na faixa etária de oito a 20 anos.

O “Projeto 2 Toque na Bola” procura se projetar na realidade, num espaço privilegiado de socialização e formação de identidade dos jovens, e não se restringe somente a uma opção de lazer. Ele compreende a integração de diversos atores sociais e procura agregar escola, família e amigos na inclusão social. Com as práticas esportivas, os assistidos têm a oportunidade de desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe, manter e ampliar os valores voltados à manutenção das regras de boa convivência em grupo, além de adquirir mais confiança, melhorando sua auto-estima e qualidade de vida.

Atualmente, o projeto atende 164 indivíduos. Uma vez por semana, à noite, eles participam de palestras ministradas por convidados ou professores do projeto. Nelas, junto aos pais interessados em acompanhar, se abordam assuntos como cidadania, relações em família, orientações sobre trabalho, relacionamento com os colegas, informações sobre práticas higiênicas e de saúde e também orientações sobre sexualidade¹⁵.

Nas dependências do Departamento de Educação Física do Cefet-MG, acontecem as principais atividades do projeto, aos finais de semana. As escolas monitoram o rendimento escolar dos jovens, e seus professores e orientadores, semestralmente,

¹⁵ As palestras da área de saúde são ministradas por profissionais do Centro de Saúde, São Jorge, da Prefeitura de Belo Horizonte, localizado no bairro Grajaú.

informam os organizadores do projeto. Eles, por sua vez, orientam crianças e adolescentes em práticas esportivas pensadas para resultar em mais empenho nas atividades escolares.

Os quatro projetos têm um objetivo comum e central: atender crianças e adolescentes carentes de oportunidades e/ou expostas a riscos sociais. Cada um possui características próprias, conforme seus objetivos específicos e o ambiente de atuação.

O projeto Guanabara tem lugar em Belo Horizonte, em parceria com outras instituições públicas. Ele trabalha com o esporte numa vertente voltada à educação complementar. Sua característica principal é o fato de o trabalho ser realizado por meio de projetos, nos quais vários profissionais de outras áreas se complementam. Ele tem lugar nas escolas e num núcleo da UFMG, durante a semana, sempre na parte do dia que não coincide com o horário escolar.

O programa Segundo Tempo, do governo federal, se espalha pelo Brasil inteiro. Seu modelo já é exportado para 17 países, e seu foco principal é o esporte educacional. Através da prática esportiva, são passadas aos alunos lições de vida, valores pessoais e conceitos educacionais. Ministradas por professores e estudantes de Educação Física, as aulas têm lugar em núcleos esportivos (escolas e associações) de três a cinco vezes por semana. Outro diferencial é que o projeto pode assumir características diferentes, conforme a cidade ou região do país.

A primeira característica diferenciada do Projeto Espaço Criança Esperança (Pece) é que ele acontece com o apoio de grandes instituições, como Unesco e Rede Globo, e atinge várias partes do país. A segunda característica, diferenciada, é que ele prega a articulação de serviços, criando uma estrutura para buscar os equipamentos sociais da comunidade (escola, igreja, posto de saúde e organizações da sociedade, entre outros). Esse princípio caracteriza o trabalho em rede preconizado pelo Pece.

O projeto 2 “Toque” na Bola acontece em Belo Horizonte, também com parcerias de instituições públicas. O esporte é o foco principal, mas ele acompanha o rendimento escolar dos alunos. O diferencial maior em relação aos outros é que ele foi idealizado e criado por iniciativa dos moradores da região de Morro das Pedras no intuito de proporcionar um espaço de lazer às crianças e aos adolescentes da comunidade e, ao mesmo tempo, tentar afastá-los dos riscos sociais. Outro diferencial é que ele envolve as famílias com palestras e orientações, e também participam setores da comunidade como o

comércio, a associação de bairro e o centro de saúde. É um projeto informal, seus professores são voluntários da própria comunidade, e as atividades acontecem nos finais de semana.

Finalmente, o que se vê é que a sociedade brasileira se movimenta de várias formas para atender às necessidades de uma parcela da nossa população carente tanto de uma estrutura escolar de qualidade quanto de atividades culturais e de lazer.

Examinando em conjunto os projetos do Ministério da Educação, é possível perceber a mudança de concepção do esporte no Brasil. A criação de um órgão de caráter permanente, ao menos em tese, possibilitou a consolidação de políticas e projetos para esse setor. O esporte passou a ser visto não apenas como terreno das modalidades e competições de alto rendimento, mas também como prática recreativa. Ficou ainda evidente a opção pela integração dessas diversas possibilidades, facilitando a associação da prática esportiva com outras áreas-alvo de políticas públicas federais, como a educação, a saúde e o trabalho.

Conforme Storoli (2007), os espaços utilizados para as práticas das atividades relacionadas podem e devem também servir de opção para o uso das comunidades tão carentes de lazer e eventos culturais, auxiliando na construção de vivências saudáveis e experiências que contribuam para dar ênfase aos valores importantes na construção de uma sociedade mais justa.

Reitera-se neste texto a mesma preocupação:

[...] reestruturação dos jogos estudantis seja em nível nacional, seja em nível regional, é intenção do ministério, que sob o comando do PC do B conta, como já mencionado, com o apoio fundamental, nesse aspecto, da União Nacional dos Estudantes (UNE). (ALVES E PIERANTI, 2007, p. 14)

Conforme Tubino apud (Laurindo, 2007), é inegável a importância e a abrangência do esporte como fenômeno social. Ao longo do seu desenvolvimento, ele deixa de ter como foco de atuação exclusivo o rendimento e passa a ser visto como instrumento educativo, promotor de bem estar social, caracterizando-se ainda como instituição social baseada em feitos democráticos, na qual todos têm direito de praticá-lo. É visto sob três principais aspectos: esporte de rendimento, com fins educativos e baseado em práticas populares.

Cada vez mais, aumentam os problemas. Transformam -se num processo ainda mais difícil para elaboração de políticas públicas capazes de atuar no combate a fatores de

exclusão social. Como forma de combate a tais dificuldades, surgem mobilizações em prol da diminuição das desigualdades sociais e esforços para aumentar as oportunidades dos cidadãos.

A concepção descrita acima é ratificada constantemente por programas esportivos veiculados na mídia, que mostram profissionais do esporte, frequentemente de origem humilde, ganhando milhões de dólares. Assim, o esporte aparece sempre vinculado às possibilidades máximas de sucesso e prestígio.

Comprovadamente ele é capaz de auxiliar no combate às desigualdades sociais de inúmeras comunidades. Atribuir a ele o papel de salvador da pátria, como se dá com qualquer outra atividade é, porém, destruir seu potencial pela excessiva expectativa. A desigualdade social possui fatores que influenciam em suas origens e evolução. O problema é por demais complexo, para que se possa ser resolvido apenas com uma abordagem: *“o esporte não pode ser tratado como solução de problemas que requerem ações de ordem políticas muito mais incisivas do que simplesmente a criação de programas esportivos”* (MELO apud Storoli, 2007, p.34).

A diminuição dos índices de desigualdades sociais não é tarefa simples. Atualmente as políticas sociais voltadas ao esporte e direcionadas a jovens de camadas sociais mais baixas são menos voltadas para promessas vazias de profissionalização. Sua postura é outra, suas benesses são observadas em vários setores da vida dessas pessoas e das comunidades. Como qualquer outra atividade, o esporte tem suas potencialidades. Devido a uma série de fatores, elas podem ou não se realizar.

Reitera-se aqui o que se pode ver nas políticas públicas, em dimensões que focalizam os aspectos políticos e educacionais, balizando projetos sociais que promovam a prática de atividades esportivas, com fins de aprimoramento do indivíduo. Entre elas está o aprendizado de ações que viabilizam o desenvolvimento comunitário, primordial para a superação das desigualdades enfrentadas por essas pessoas.

O esporte em si muitas vezes não consegue mudar de imediato a situação de bens materiais de quem o pratica. Ele atua de forma a ampliar o desenvolvimento e a capacidade de aprender, de se concentrar e aprimorar aspectos de objetividade da sua personalidade. Atua ainda sobre os aspectos sociais que premiam a vida do praticante, fazendo com que

ele desenvolva sistematicamente esses aspectos que, com certeza, refletem na vida material das pessoas ligadas ao esporte.

Praticar esportes se opõe a "ficar à toa". Esse é, inclusive, um dos motivos de sua valorização, uma vez que, na maioria das vezes, a ação é valorizada, em contrapartida ao ócio. Ter uma ocupação e manter-se ativo é um indício de bom comportamento, enquanto a ociosidade é ruim. Ser visto como "um à-toa" desmerece o jovem. Frequentar uma instituição onde é possível ocupar-se em atividades esportivas ajuda em sua auto-valorização tanto quanto o seu reconhecimento como membro da sociedade em que vive.

Ao utilizar o esporte para aumentar os índices de bem-estar social de uma comunidade, o governo tem pela frente o desafio de basear seus compromissos na busca da qualidade de ações a curto, médio e longo prazo, procurando manter relações de equilíbrio entre as práticas voltadas à educação, saúde, proteção à infância e ao fomento à cultura, entre outras.

Conforme (Vargas, 2007), são pontos importantes para o êxito das ações voltadas ao desenvolvimento social: a efetivação de práticas para engrandecimento do seu potencial individual, a criação de oportunidades para ampliação do potencial com fundo educativo e a capacitação pessoal para a efetivação de escolhas conscientes a partir de experiências nas mais diversas situações.

Em outras palavras: quem pratica esporte se relaciona com o mundo de uma maneira particular, com características que lhe são intrínsecas.

3. PROJETO 2 “TOQUE” NA BOLA

Como se destacou no primeiro capítulo, as vulnerabilidades sociais rondam o cotidiano dos alunos do Projeto 2 “Toque” na Bola. O desemprego, a dificuldade de acesso aos serviços públicos, como saúde e transportes, uma educação de má qualidade, situação de moradia precária e a falta de opções de lazer geram uma situação de vulnerabilidade. A forma que essa vulnerabilidade pode atingir os moradores da comunidade vai depender dos recursos físicos e financeiros das famílias, de suas estratégias de enfrentamento e da infraestrutura de oportunidades oferecidas pelo Estado.

Antes da criação do projeto, os moradores procuraram identificar os principais problemas que envolviam sua comunidade, para depois eleger seu público alvo. Escolheram crianças e adolescentes. A seguir, objetivaram focalizar suas estratégias e ações em três dimensões: a família, a escola e a rede de relacionamentos.

O ambiente familiar é um espaço importante de socialização primária. Se existe coesão familiar, ela proporcionará equilíbrio na vida dos jovens. Por isso, o projeto parte para ações estratégicas destinadas a provocar a participação efetiva dos pais, acompanhando e interagindo com os filhos. Uma das ações acontece quando os pais são convidados a acompanhar os filhos às reuniões mensais na associação do bairro. Eles participam de palestras com profissionais de outras áreas e também recebem orientações sobre o projeto. Outra forma de participação é quando eles são convocados a levarem os filhos às atividades esportivas e a assistirem-nas. Tais momentos produzem uma interação mais sadia entre as gerações. Ocasionalmente, professores do projeto visitam alunos e conversam com os pais. O intuito é ajudá-los a estabelecer uma relação harmoniosa entre os jovens e as demais pessoas da casa.

Outro espaço relevante é o da escola. É lá que o jovem aprende e se relaciona de forma mais intensa e socialmente. A estratégia de atuação referente a esse local foi a de fazer interagir professores do projeto com os da escola e os alunos. O objetivo é unir esforços para a integração e melhoria do rendimento escolar. Isso acontece da seguinte maneira: a partir do momento em que os adolescentes entram para o projeto, eles são avisados de que, para continuar participando, deverão ter um comportamento exemplar na escola. Suas notas serão monitoradas, seu rendimento escolar precisa ser bom. Os

coordenadores e professores do projeto visitam essas escolas e conversam com professoras e supervisoras de modo a acompanhar a vida escolar dos jovens.

Finalmente, em relação à rede de amizades, importante na formação do ser social, o projeto implanta o lazer educativo estrategicamente, utilizando o esporte como agente promotor de socialização e formação humana.

Neste capítulo, discorre-se com mais detalhes sobre a criação e implantação do projeto, com suas metas, seus objetivos e suas formas de atuação. Todos os dados que relatam a criação e o funcionamento do projeto foram retirados de documentos que contêm seus registros. Também, devido à precariedade e informalidade de dados oficiais, foram consultados depoimentos, retirados de entrevistas com membros da diretoria, professores e pais de alunos do projeto.

O “Projeto 2 “Toque” na Bola procura se projetar na realidade, num espaço privilegiado de socialização e formação de identidade dos jovens. Ele não se restringe a uma opção de lazer. Ao contrário, integra diversos atores sociais na promoção da inclusão social. O projeto nasceu, fundamentalmente, da iniciativa dos moradores do aglomerado Morro das Pedras (vizinho ao bairro Nova Granada), por meio de reuniões e discussões sobre possíveis mudanças importantes para a comunidade. Sempre houve um consenso sobre a necessidade de se oferecerem alternativas que contemplassem atividades envolvendo crianças e jovens da comunidade local. Após várias dessas reuniões, optou-se pela criação do Projeto 2 “Toque” na Bola em 23 de abril de 2003. A principal intenção dos moradores era manter ocupados crianças e jovens, preferencialmente de oito a 20 anos, utilizando para isso a prática de atividades físicas e recreativas, afastando-os assim de situações de risco.

Inicialmente, foi feita uma ampla divulgação do projeto na comunidade carente, objetivando chamar os alunos para as atividades. O processo para o aluno se inscrever é simples, eles não são escolhidos ou preteridos, para tanto eles devem procurar os organizadores e solicitarem sua entrada, bastando para isto que preencham uma ficha de inscrição. Preferencialmente, atende-se os jovens mais carentes do ponto de vista socioeconômico.

No início organizado com informalidade, a equipe do projeto contava apenas com o trabalho voluntário de pessoas da comunidade. Com o desenvolvimento das ações e

atividades, foram geradas parcerias com a direção de três escolas da região (Escola Estadual Nossa Senhora do Belo Ramo, Escola Municipal Hugo Werneck e Escola Municipal Oswaldo Cruz). Elas cedem ocasionalmente o espaço utilizado para a realização das atividades nos finais de semana. Ainda no processo de desenvolvimento do projeto, buscou-se expandir sua atuação. Para tanto, foram estabelecidos contatos com associações de bairro da região. Em setembro de 2004 foi estabelecida oficialmente parceria com a Associação Comunitária Social Cultural Desportiva – Gameleira Nova Suíça (ACSCD-G/NS).

Com a expansão do projeto, acompanhada pela crescente demanda por parte das comunidades carentes da região, seus organizadores criaram, em 31 de outubro de 2004, a Organização Toque de Arte (OTA), organização sem fins lucrativos de caráter filantrópico cujo propósito primordial é gerir e dar visibilidade ao Projeto 2 "Toque" na Bola. Essa organização foi criada também para dar condições jurídicas para o funcionamento do projeto, de forma legal, ser reconhecido como pessoa jurídica. Assim sendo, obter um número de CNPJ e com isto, ter representação junto a federações, ligas e também canalizar recursos perante a Instituições públicas e privadas.

No início de 2005, houve o contato inicial com a diretoria do Cefet-MG para estabelecer novas parcerias. De várias reuniões participaram representantes da associação de bairro, coordenadores do projeto, diretores das escolas envolvidas e oficiais da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG). Após as negociações, foi estabelecida oficialmente a parceria entre o Cefet-MG e o projeto. No lançamento, no Cefet-MG, houve uma grande solenidade de abertura, que contou com a cobertura dos principais jornais da capital. Com a efetivação dessa parceria, o projeto alcançou maior visibilidade, aumentou consideravelmente seu atendimento e alcançou o reconhecimento público.

Outro objetivo do 2 "Toque" na Bola é promover o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes com o envolvimento familiar e da comunidade. Com a prática esportiva, os assistidos têm a oportunidade de desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe, manter e ampliar os valores voltados para a manutenção das regras de boa convivência em grupo, além de adquirir mais confiança, melhorando sua auto-estima e qualidade de vida.

Sendo assim, o esporte passa a ser uma opção de vida para quem contam com tão poucas, um caminho para as crianças e os jovens terem a oportunidade de desenvolver suas potencialidades.

As atividades esportivas são aliadas a atividades socioeducativas que favorecem a reflexão e a busca pelo aprimoramento de valores como responsabilidade, solidariedade, cooperação, autonomia, limite e participação social. As bases positivas com relação a esses valores passadas pelas famílias e incentivadas pela prática escolar podem assim ser complementadas pelas atividades do projeto em prol da formação global de crianças e jovens. Atuam ainda na promoção do bem estar infantil e juvenil, procurando afastá-los da vulnerabilidade. Com relação aos aspectos emocionais e físicos trabalhados pelo projeto, eles almejam melhorar o aprendizado, aumentar a permanência na escola e ajudar na construção da cidadania, tornando os envolvidos cientes de seus direitos e deveres como futuros cidadãos.

A co-construção da cidadania, visando a um projeto de vida digna e saudável, é meta de trabalho dos voluntários e idealizadores do Projeto 2 “Toque” na Bola tanto em relação às crianças e aos jovens atendidos quanto a suas famílias. Ele visa a estreitar os laços de união entre famílias e o projeto, buscando a melhoria das ações voltadas para o processo de formação dos assistidos em prol da promoção do direito, da convivência familiar e comunitária das crianças e dos adolescentes.

A prática vinculada ao projeto oferece uma visão múltipla do lazer educativo. Para isso, utilizando-se de uma intervenção interativa de caráter preventivo destinada a desenvolver habilidades, busca permanentemente descobrir novos talentos e auxiliar no enfrentamento de obstáculos que atrapalham o curso normal na escola e no plano emocional e social dos atendidos.

Em abril de 2005 foi implantada na Gameleira nova área de abrangência que atende demanda das vilas Calafate, Amizade, Guaratã e bairros adjacentes. Estabeleceu-se a parceria com o Cefet-MG por intermédio de seu Departamento de Extensão Comunitária, via ACSCD-G/NS , para utilização de sua infraestrutura esportiva, onde são desenvolvidas as atividades esportivas, e também de outros espaços para solenidades e reuniões com pais, beneficiários e comunidades. O projeto beneficia, hoje, 164 crianças e adolescentes. Sua execução é de responsabilidade de uma equipe de voluntários que desempenham funções de

coordenação pedagógica, coordenação de esportes, treinador, psicólogo, supervisor de campo e monitores.

As dificuldades enfrentadas pelos atendidos e suas famílias para a permanência na escola, conclusão dos estudos regulares, profissionalização, inserção no mercado de trabalho, e as restrições ao acesso ao lazer e à cultura tornam crianças e adolescentes mais vulneráveis ao envolvimento com drogas e à exposição à situação de risco social. Esses são componentes motivadores para a criação e manutenção das atividades organizadas pelo Projeto 2 “Toque” na Bola, cujos idealizadores e voluntários percebem em sua atuação diária a escassez de lideranças comunitárias e associações de bairro atuantes, que possibilitariam a implantação e/ou ampliação de projetos voltados para a reconstrução de uma comunidade participativa. Isso, é claro, não diminui o valor das atividades nesse sentido, motivando assim os atores do projeto a incentivar a existência de grupos de moradores que, conjunta ou isoladamente, esforçam-se para buscar soluções coletivas para os problemas de crianças e adolescentes da localidade.

Com relação ainda a esses espaços, no tocante às famílias, o desgaste das relações de vida, entre outros fatores, o consumismo, o contexto socioeconômico, a rotina na qual todas têm cada vez menos tempo para si e para os outros, sem saber como educar os filhos diante da permissividade que o acomodamento traz e da falta de limites da sociedade para formação saudável dos filhos. Já com relação à escola, é fato que ela sofre os efeitos da carência cumulativa de políticas educacionais coerentes com a realidade vivida por seus atores.

Nessa mesma fase da vida, crianças e adolescentes convivem diariamente com violência de toda ordem, o acesso fácil às drogas, problemas envolvendo a sexualidade, a profissional, a falta de preparo para o mercado de trabalho e a inversão de valores, entre outras dificuldades que perpassam o difícil processo do “crescer”, da conquista de um lugar no mundo. Sem referenciais positivos, filhos de pais despreparados para lidar com a diversidade contemporânea acabam buscando modelos e referências na rua. Diante desse contexto é que foi proposta uma intervenção sócio educativa apta a contemplar a formação global do participante. O esporte exerce sua função de promotor de desenvolvimento humano nos níveis individual e comunitário. Tem o poder transformador e desenvolve

competências, transformando crianças e jovens em cidadãos mais participativos e conscientes de seus direitos e deveres.

A Organização das Nações Unidas (ONU) definiu o ano de 2005 como o Ano Internacional do Esporte e da Educação Física. A intenção era chamar a atenção do mundo para sua importância e a dos programas de educação física como ferramentas de combate à pobreza e ajuda no alcance dos objetivos de desenvolvimento do milênio (ODM).

Como objetivo geral, o projeto tem a finalidade de promover atividades que tragam de volta o interesse da comunidade tanto pela participação como pela formação integral de crianças e adolescentes para construção de um mundo melhor. Como objetivos específicos, ressalta - se:

- desenvolver a prática esportiva nas diversas modalidades;
- desenvolver o treinamento físico como forma de manutenção da saúde;
- reduzir a ociosidade de crianças e adolescentes;
- promover a boa convivência por meio da participação coletiva;
- propiciar o fortalecimento ou a criação dos laços familiares;
- apresentar novos valores na educação e na prática da cooperação e da solidariedade;
- assessorar o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social das crianças;
- dar suporte psicológico e/ou encaminhamento;
- melhorar a auto-estima e autoconfiança dos alunos;
- participar da co-construção da cidadania e do conhecimento dos direitos e deveres e desenvolver lideranças;
- avaliar e auxiliar o desempenho escolar, estimular o gosto pela leitura e o pensamento crítico dos jovens, juntamente com as escolas parceiras;
- estimular e exercitar a sensibilidade e criatividade;
- fornecer orientação afetivo-sexual e realizar atividades de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DST) e à Aids;

- revelar para o participante seus avanços e suas possibilidades de superação de dificuldades.¹⁶

A maioria dos projetos elaborados por associações que visam ao benefício de crianças e jovens buscam parcerias no setor privado, influenciando assim na evolução do conceito e das ações de descentralização administrativa, vistas pela sociedade e pelo Estado como saída mais viável a curto prazo para, o combate a situações de risco aos quais esse público está exposto.

O Projeto 2 “Toque” na Bola é estruturado e funciona da seguinte maneira: a organização, coordenação e execução ficam a cargo de seus diretores e professores. O quadro é formado por sete professores e 12 membros da diretoria. Para facilitar o trabalho, ela reúne-se quinzenalmente com a equipe de execução e demais voluntários que desenvolvem as atividades.

Atualmente, o projeto atende a 164 cadastrados. Eles participam uma vez por semana, à noite, de palestras, ministradas por convidados ou professores do projeto, nas quais se abordam temas sobre cidadania, relações familiares, orientações sobre trabalho, relacionamento com os colegas, informações sobre práticas higiênicas e de saúde e orientações sobre sexualidade¹⁷. Tudo isso é feito junto com os pais interessados em acompanhar. Até o final de 2008, um convênio com a universidade Newton Paiva levava profissionais e estudantes a realizarem oficinas de psicologia de esportes e de monitoramento nutricional.

Nas dependências do Departamento de Educação Física do Cefet-MG acontecem as principais atividades do projeto nos finais de semana. No domingo, de 8:00 às 17:00, são ministrados treinos e realizados jogos de futebol de campo, voleibol e basquetebol, com a participação de todos os alunos do projeto. Aos sábados, eventualmente, são usados espaços das escolas onde eles estudam. Também esporadicamente são realizados jogos amistosos, no meio da semana à noite e aos sábados e domingos em outros locais da cidade, quando são convidados por outras agremiações.

¹⁶Esses dados foram extraídos de documento elaborado pelos idealizadores do projeto 2 “ Toque” na Bola que registra sua formação.

¹⁷ As palestras da área de saúde são ministradas por profissionais do Centro de Saúde , São Jorge, da Prefeitura de Belo Horizonte, localizado no bairro Grajaú.

Os parentes também são envolvidos em palestras realizadas uma vez por mês à noite, juntamente com os filhos. Nelas se discutem as atividades e os resultados atingidos. Eles recebem ainda orientação dos organizadores e aconselhamento de psicólogos. Podem assim acompanhar melhor e mais ativamente seus filhos, orientando de forma mais assertiva seu desenvolvimento e rendimento escolar. Os pais e parentes recebem ainda orientação quanto a outras formas de participação no projeto, visando a alcançar resultados cada vez melhores.

As escolas monitoram o rendimento escolar dos envolvidos no projeto, os professores e orientadores informam os organizadores uma vez por semestre. Eles, por sua vez, orientam os jovens em práticas esportivas destinadas a estimular maior empenho nas atividades escolares. Ainda seguindo uma vertente pedagógica, as ações são dirigidas de forma a promover maior integração e articulação com a comunidade, formando uma rede de atenção às crianças e aos adolescentes, em prol de sua educação.

O comércio contribui com material esportivo e alimentação para os jovens. Finalmente, o Projeto “Fica Vivo”, do Estado, também auxilia financeiramente: fornece material administrativo e ajuda de custo aos executores.

O projeto atua ainda de forma discreta e indireta quando se trata de inserção no mercado de trabalho, já que dá suporte na forma de orientações. Sobre esse assunto, sua proposta não é inserir os adolescentes precocemente no mercado, às vezes em posições inferiores, resolvendo apenas em parte a privação mais imediata, mas sim ensinar-lhes a valorizar a educação como investimento de longo prazo, capaz de aumentar as chances de escapar da situação de risco atual.

Os dois principais componentes dessa situação são a criminalidade e as drogas, ambas muito próximas do cotidiano dos moradores de comunidades carentes. Constantemente eles são “convidados” pelos traficantes a ingressarem nesse mundo. Também aumentam os níveis de risco nessas comunidades a falta de oportunidades de trabalho e de alternativas de lazer e a vulnerabilidade quanto à criminalidade. Tal situação é bastante preocupante. As ações criminosas disseminaram-se, a tal ponto que se banalizaram. Transformaram-se em rotina da sociedade, mais presente nas comunidades de baixa renda devido a outros fatores associados.

Crianças e jovens do Projeto 2 “Toque” na Bola começam a considerar inaceitáveis algumas atitudes: agredir física e verbalmente colegas e professores, cometer atos de vandalismo nas dependências da escola e no local das atividades esportivas, portar armas brancas ou de fogo, furtar ou roubar, beber, usar ou portar drogas nas dependências da escola.

As principais intenções desta pesquisa são:

- Analisar se as ações do programa contribuem e causam impacto para a mudança de atitudes, valores e comportamentos de crianças e adolescentes;
- analisar se tais ações contribuem para afastar os envolvidos da criminalidade e das drogas;
- analisar se elas contribuem para a regularidade e frequência dos jovens na escola e se seus reflexos resultam num rendimento escolar melhor;
- analisar se a participação dos pais influi nas relações pessoais e produzem coesão familiar;
- identificar e descrever as formas de atuação do projeto e a participação de seus atores;
- analisar se os espaços de lazer são bem estruturados e protegidos e se contribuem para o estreitamento dos laços sociais e a integração entre os participantes;
- analisar se a proposta contribui para a formação de hábitos saudáveis;
- identificar e caracterizar o perfil dos envolvidos e conferir se o projeto atende ao perfil de seu público.

Neste capítulo foram abordadas de forma sucinta as vulnerabilidades sociais de algumas comunidades carentes. A partir desses pressupostos, os moradores se reuniram para traçar estratégias capazes de minimizar os efeitos de tais vulnerabilidades, principalmente aqueles a que seus filhos estão sujeitos.

No próximo capítulo, o projeto é analisado de duas formas: a primeira expõe o perfil dos alunos atendidos e sua comunidade na visão dos idealizadores, a segunda mostra o perfil dos atendidos empiricamente, utilizando uma análise de dados obtidos num questionário (Survey). Finaliza-se com um relato comparativo dos dois perfis, o presumido e o encontrado.

4. PERFIL DOS ATENDIDOS

A presente seção expõe um perfil geral do público envolvido com o projeto 2 “Toque” na Bola. Para melhor entendimento, ela foi dividida em três partes. A primeira discorre sobre duas hipóteses centrais na visão dos idealizadores do projeto; uma sobre o perfil geral do público alvo, a outra sobre os espaços de lazer disponíveis nas comunidades envolvidas. A segunda parte mostra o perfil dos atendidos de acordo com o resultado dos dados obtidos de uma pesquisa de opinião, realizada com os jovens participantes do projeto¹⁸. Na terceira parte, fez-se uma análise comparativa entre o perfil esperado pelos organizadores e o que foi apontado pelos respondentes da pesquisa.

4.1. A expectativa dos idealizadores

Nesta seção, analisa-se o perfil socioeconômico do público alvo de acordo com as expectativas dos idealizadores do projeto. Para sua realização, partiu-se de uma abordagem ampla das condições de vida dos envolvidos, tratando de temas centrais: o projeto, a escola, o ambiente familiar e a rede de amizades.

A criação do projeto 2 “Toque” na Bola partiu de uma iniciativa dos moradores do aglomerado Morro das Pedras. Alguns de seus principais objetivos são esclarecidos por Paulo Cesário da Silva¹⁹:

Um dos primeiros focos do projeto era o estreitamento de laços de parentesco, porque a gente entendia que estava aumentando muito a distância entre os membros da família, o filho estava muito distante dos pais. O segundo foco era tentar incentivar a moçada a levar a escola mais a sério, vários meninos estavam fracos em várias matérias, e a gente buscou parcerias nas escolas, começamos a trabalhar também esse lado, que é uma questão de informação. O terceiro foco era abordar a vulnerabilidade a eles estão expostos onde vivem e as raras opções de lazer.

Pode-se notar que os objetivos dos idealizadores do projeto se enquadram em três grandes eixos: a relação entre indivíduo e família — o intuito aqui era estreitar os laços; a relação entre indivíduo e escola — aqui se queria incentivar o bom desempenho escolar e a

¹⁸ O perfil dos envolvidos foi realizado utilizando-se um questionário (survey) e também uma consulta de dados das fichas de cadastro dos alunos participantes do projeto. Os dados da pesquisa foram coletados com 107 alunos na faixa etária de 12 a 20 anos.

¹⁹ O Sr. Paulo Cesário da Silva, foi um dos idealizadores e fundadores do projeto 2 “ Toque na Bola, hoje ele é um dos coordenadores e também professor do mesmo .

conscientização dos alunos; e aquela entre indivíduo e sociedade — aqui o projeto atuaria para diminuir as demais vulnerabilidades sociais. Como? Melhorando as condições de moradia e a coesão familiar, proporcionando espaços e atividades de lazer, criando mecanismos junto aos órgãos competentes para coibir a criminalidade e buscando a melhoria da renda familiar, entre outras já explicitadas nos capítulos anteriores.

Por meio da observação direta, os criadores do projeto (todos os habitantes da vizinhança dos alunos) apresentam um quadro de características gerais esperadas da realidade vivida pelo público-alvo do projeto. O objetivo era atender os moradores do aglomerado do Morro das Pedras uma região populosa, com altos índices de criminalidade, que oferece pouca segurança e tem seus moradores habitando moradias precárias e informais. Com relação ao ambiente familiar, esperava-se encontrar famílias numerosas e monoparentais femininas, onde o pai não seria o cabeça, responsável pela residência. O principal provedor do domicílio teria baixa renda, provavelmente sua inserção no mercado de trabalho seria precária, estaria desempregado ou trabalhando na informalidade e, devido a isso, o ambiente familiar seria conflituoso e violento às vezes. Outra suposição importante estava relacionada à escolaridade. O que eles observavam era um enorme contingente de adolescentes com sérias dificuldades para estudar, uma alta taxa de evasão e repetência escolar e uma relação conflituosa com professores, funcionários e companheiros. Outra hipótese diz respeito à idade e ao sexo desses jovens candidatos a participar do projeto. Para os idealizadores, seriam na maioria adolescentes, do sexo masculino, entre 12 a 19 anos. São esses jovens que perambulam pelas ruas, ociosos e ávidos por atividades de lazer. Por último, com relação a valores pessoais, os idealizadores do projeto consideravam tais jovens bastante preocupados com o futuro, cientes da grande importância do trabalho e do estudo como possibilidades de afastá-los de um ambiente precário e melhorar as condições de vida.

A segunda suposição dos mentores do projeto refere-se aos espaços de lazer, disponíveis ou não na região do Morro das Pedras. Sobre o perfil das áreas de lazer no Brasil, Castro e Abramovay (2002) afirmam: “Os indicadores sobre equipamentos culturais no Brasil justificam e reforçam a preocupação com a falta de espaços de lazer e de cultura para a população jovem, em especial para aqueles em situação de pobreza. Cerca de 19% dos municípios brasileiros não têm uma biblioteca pública; cerca de 73% não dispõem de

um museu; cerca de 75% não contam com um teatro ou uma casa de espetáculos e em 83% não existe um cinema. Predominam carências também quanto a ginásios poliesportivos, já que cerca de 35% dos municípios não contam com tal equipamento, enquanto que em 64% deles não há uma livraria (FIBGE, 1999)”. Também no presente caso observa-se a possibilidade de se estabelecerem parâmetros entre os aspectos da vulnerabilidade social e os espaços de lazer e cultura disponíveis numa dada comunidade. A hipótese levantada pelos criadores do projeto foi a de que há uma distribuição desigual dos equipamentos culturais entre os bairros da cidade. A suposição é de que são escassas e precárias as áreas de lazer para os jovens das comunidades pobres.

A hipótese principal dos organizadores é de que não existem locais de lazer públicos, estruturados, seguros, apropriados e gratuitos à disposição desses jovens do Morro das Pedras e de seu entorno. Tais locais seriam fundamentais para estreitar os laços de amizade e interação entre eles, criando ambientes saudáveis. Esse foi um dos principais motivos para a criação do projeto.

A seguir, é apresentado um perfil geral dos integrantes. Conforme se verá, ele não é totalmente corroborado pelas suposições dos idealizadores. O quadro geral imaginado pelos organizadores é bem mais pessimista no que diz respeito às condições socioeconômicas das famílias dos atendidos.

4.2. O perfil dos atendidos

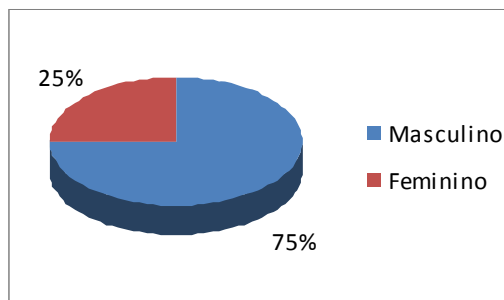
4.2.1. Perfil quanto ao número de participantes, sexo e à idade

A intenção dos responsáveis pelo projeto é atender o maior número possível de jovens, pois a procura é grande. Infelizmente, ele não atende à todos, imediatamente. As razões são: falta de melhor infraestrutura, outros espaços de lazer, limitações materiais e financeiras e de capital humano.

São 164 os alunos participantes do projeto, 123 rapazes e 41 moças.

Nota-se que a participação masculina é bem maior, como nos mostra os resultados apontados na figura 1.

Figura 1 - Sexo



Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

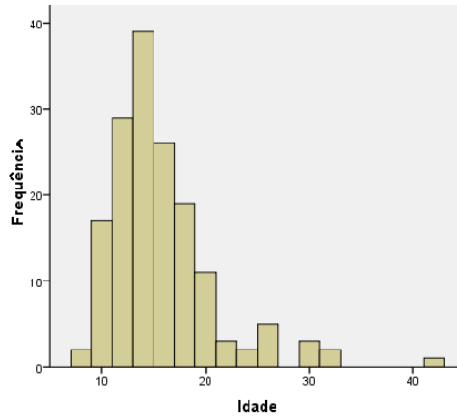
É importante salientar que esse resultado se deve à forma de funcionamento do projeto, que privilegia a participação masculina, pois há muito mais turmas e horários ofertados aos rapazes.

A decisão de se oferecer mais vagas aos homens se dá principalmente por dois motivos: o primeiro, há uma grande procura por parte dos meninos; o segundo, os responsáveis consideram maior a ociosidade entre os homens, conforme citado anteriormente.

Com relação à idade, o projeto apresenta um quadro que abrange a idade mínima de oito e a máxima de 42 anos. Constatou-se que grande parte dos alunos é composta de adolescentes e que a média de idade é de 15 anos, como mostra o resultado apontado na figura 2.

Como no perfil anterior, nota-se que essa maioria composta de adolescentes se encaixa no objetivo dos criadores do projeto, que visam a atender, em sua maior parte, a esse público alvo, por considerá-lo mais vulnerável às situações de risco social.

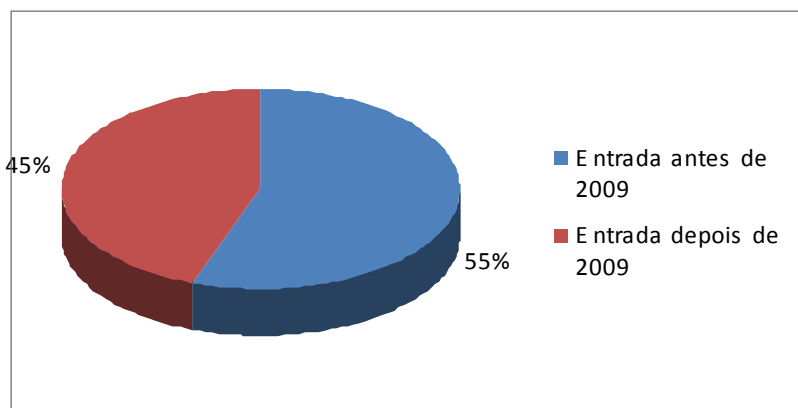
Figura 2
Histograma



O tempo do aluno no projeto foi avaliado sob dois aspectos: o tempo de permanência, tomando por base a totalidade dos alunos (164), e o de permanência, baseando-se nos respondentes, num total de 107 alunos.

Em primeiro lugar foi avaliada a totalidade dos alunos. Nota-se certo equilíbrio entre os mais novos e os mais antigos, com ligeira vantagem para estes últimos. Isso mostra que o projeto sofre de uma considerável renovação de seu público alvo, como é o resultado observado na figura 3.

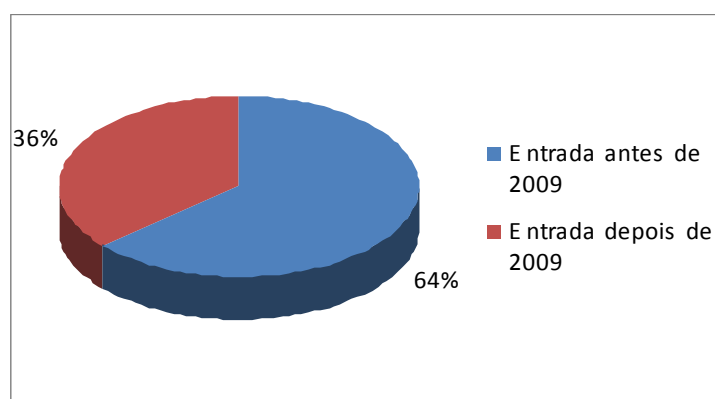
Figura 3 - Ano de entrada dos alunos



Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Em segundo lugar, quando se observa o resultado das respostas dos 107 alunos respondentes, nota-se que mais de 60% são anteriores a 2009. Isso nos mostra que, nessa faixa (12 a 20 anos), os alunos permanecem mais tempo no projeto. Os dados que aparecem na figura 4 ilustra o fato.

Figura 4 - Ano de entrada dos alunos



Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola

4.2.2. Perfil da situação de moradia

Este projeto nasceu na comunidade do Morro das Pedras, local do antigo lixão de Belo Horizonte, agora uma região que abriga sete vilas com alto índice populacional. Tem como vizinhos diretos os bairros Nova Granada, Grajaú, Barroca e Nova Suíça. Como visto anteriormente, o objetivo maior é atender a população do Morro das Pedras. O que se pode perceber, conforme os resultados apontados na tabela 1, é que tal meta não está sendo alcançada, pois atinge apenas 40,1% dos moradores da região (Morro das Pedras e Nova Granada).

Tabela 1 – Bairro de residência

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Válidos	Nova Granada	57	34,8	35,8	35,8
	Nova Suíça	13	7,9	8,2	44,0
	Grajaú	9	5,5	5,7	49,7
	Gameleira	9	5,5	5,7	55,3
	Jardim América	3	1,8	1,9	57,2
	Morro das Pedras	7	4,3	4,4	61,6
	Camargos	6	3,7	3,8	65,4
	Barroca	4	2,4	2,5	67,9
	Palmeiras	5	3,0	3,1	71,1
	Vista Alegre	2	1,2	1,3	72,3
	Buritis	4	2,4	2,5	100,0
	Gutierrez	2	1,2	1,3	97,5
	Outros	38	23,2	23,9	96,2
	Total	159	97,0	100,0	
	Omissos		5	3,0	
Total		164	100,0		

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Nota-se que, pelo resultado, o perfil de atendimento dos usuários mostrou-se bem diversificado, com aproximadamente 24% de moradores do entorno do Morro das Pedras (Nova Suíça, Grajaú, Gameleira, Jardim América e Barroca) e do local das práticas esportivas (Cefet) e os outros 35,9% de moradores de outros bairros. Esse quadro não era o que tinham em mente os mentores do projeto. Duas causas devem ser citadas: os jovens moradores do aglomerado não procuram o projeto devido a várias razões (falta de condições financeiras, de informação, do apoio familiar, coerção da sociedade etc); a partir do momento em que começou a acontecer no Cefet, o projeto ganhou maior visibilidade e, com isso, atraiu adolescentes de outros bairros. Diante disso, as vagas foram preenchidas pelos jovens de vários bairros. Tais informações foram passadas por Paulo Cesário da Silva, professor, coordenador e um dos fundadores do projeto.

Outro aspecto que se observa diz respeito às condições de moradia dos participantes. Como indicam os dados da tabela 2, mais de 2/3, ou seja, quase 70% dos moradores pesquisados possuem casa própria já quitada. Apenas 11% pagam aluguel. Mais uma vez as expectativas da organização não correspondem à realidade da maioria das famílias. Acreditava-se que o público envolvido seria de condição socioeconômica mais

baixa, que morariam em imóveis de outrem. Entretanto, trata-se de um bom resultado, na medida em que a casa própria quitada oferece ao morador maior estabilidade e segurança.

Tabela 2 - Situação de moradia

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Validos	Aluguel	12	11,2	11,3	11,3
	Cedida	4	3,7	3,8	15,1
	Casa própria quitada	72	67,3	67,9	83,0
	Casa própria em pagamento	16	15,0	15,1	98,1
	Outros (invasão)	2	1,9	1,9	100,0
	Total	106	99,1	100,0	
Omissos		1	,9		
Total		107	100,0		

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola

Ainda sobre o mesmo tema, os dados que aparecem na tabela 3 diz respeito ao nível de segurança dos moradores no entorno do local de residência, donde se avalia seu grau de preocupação com os problemas relacionados à criminalidade. Sentem-se bastante ou parcialmente seguros 69,2% dos moradores, segundo nos indica os dados da mesma tabela 3.

Tabela 3 - Se tem medo da criminalidade próximo de casa

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Sinto-me bastante seguro	34	31,8	31,8	31,8
Sinto-me mais seguro do que inseguro	40	37,4	37,4	69,2
Sinto-me mais inseguro do que seguro	17	15,9	15,9	85,0
Sinto-me bastante inseguro	16	15,0	15,0	100,0
Total	107	100,0	100,0	

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Esses resultados mostram um problema de focalização. Supunha-se que os moradores atendidos se sentissem bastantes inseguros em relação à criminalidade urbana e ao local de residência.

O último ponto de análise em relação ao local de moradia estudado nos conduz a verificar sobre os espaços de lazer disponíveis e em condições razoáveis de uso próximos às casas.

Hoje, pode-se constatar que um dos problemas das comunidades carentes é a ausência de espaços de lazer, sua grande distância ou como e quando eles podem ser utilizados.

O que pode ser visto os dados que aparecem na tabela 4 é que a soma dos que responderam que têm poucos, quase nenhum ou nenhum espaço de lazer resultou num percentual de mais de 62%. Apenas 23% dizem que são muitos os espaços.

Tabela 4 - Quantidade de espaços públicos de lazer/esportivos na comunidade onde mora

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Muitos	25	23,4	23,4	23,4
Razoáveis	15	14,0	14,0	37,4
Poucos	40	37,4	37,4	74,8
Muito poucos	11	10,3	10,3	85,0
Nenhum	16	15,0	15,0	100,0
Total	107	100,0	100,0	

Fonte: Banco 2°Toque na Bola/2009

Esses resultados estabelecem uma relação direta com um dos propósitos do projeto: proporcionar atividades esportivas às crianças e aos adolescentes das comunidades envolvidas, carentes de espaços de lazer, por isso mais expostos aos riscos sociais.

4.2.3. Perfil do ambiente familiar

Nesta subdivisão, são apresentados alguns fatores que indicam a formação das estruturas familiares e também os que contribuem para a percepção do desenho do ambiente familiar no qual os participantes do projeto estão inseridos.

Percebemos que houve uma mudança considerável nas últimas décadas no quadro estrutural no que se refere ao chefe das famílias brasileiras. O pai ainda exerce papel

importante no sustento da família. Ele não é, porém, o único provedor, como em décadas anteriores.

Segundo resultados da pesquisa “Retratos das Desigualdades de Gênero e Raça”, elaborada com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad - 2007), “A proporção de famílias formadas por casal com filhos e chefiadas por mulheres aumentou quatro vezes em 13 anos. Em 1993, 3,4% das famílias tinham esse formato. Em 2006, eram 14,2%, ou 2,25 milhões de famílias. Somando esse número ao de famílias chefiadas pelas mulheres sozinhas, a proporção de mulheres chefes de família cresceu 1,5 vez, de 19,7% para 28,8%.

O que foi visto no quadro nacional confirma-se no caso desta pesquisa. Pelos dados que aparecem na tabela 5, se verifica que as famílias chefiadas por mulheres (mães, tias) representam 34,6% dos domicílios, (sem computar as avós e as mães que dividem com os companheiros), um resultado digno de nota. Isso muda as relações familiares. A figura da mãe não é mais aquela “do lar” de década passadas, aumentam-se suas responsabilidades e, por conseqüência, seu poder de decisão e encaminhamento das questões familiares.

Tabela 5 - Responsável pela moradia

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Pai	44	41,1	41,1	41,1
Padrasto	3	2,8	2,8	43,9
Mãe	34	31,8	31,8	75,7
Irmão	3	2,8	2,8	78,5
Avós	5	4,7	4,7	83,2
Tio	2	1,9	1,9	85,0
Parente	1	,9	,9	86,0
Tia	3	2,8	2,8	88,8
Pai e Mãe	12	11,2	11,2	100,0
Total	107	100,0	100,0	

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

Outra referência ao ambiente familiar importante diz respeito às condições socioeconômicas das famílias. Quando se analisa a situação de atividade dos responsáveis, averigua-se que cerca de, 85% estão ocupadas, sendo 65% com carteira assinada. Somente 4% estão desempregados, como aparece nos dados da figura 5.

Figura 5 – Situação de atividade do responsável pela família



Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

Conforme assinalado nos capítulos anteriores, um dos aspectos da vulnerabilidade social diz respeito à renda familiar e à inserção dos indivíduos no mercado de trabalho. Há que se ver em relação à situação do grupo familiar: o número de desempregados, se a ocupação é precária e informal, a capacidade dos pais de sustentação ou reação a momentos adversos etc. Neste caso, todavia, não se fez uma pesquisa específica sobre renda familiar, pela dificuldade de obter respostas confiáveis dos adolescentes sobre tal assunto. Pode-se supor com isso que grande parte dos alunos não pertencem a famílias em situação financeira especialmente precária.

Outro fator relevante analisado se refere ao número de pessoas residentes nas moradias dos respondentes. Ele tem um grau de importância considerável e determinante no que tange a qualificar e quantificar uma estrutura familiar. Acompanhando uma tendência mundial, principalmente nos países desenvolvidos, nota-se que as famílias estão menos numerosas. Como se vê nos resultados apontados na tabela 6, as famílias com quatro e cinco pessoas detêm quase 50% do total geral.

Tabela 6 - Quantas pessoas residem em sua casa incluindo você

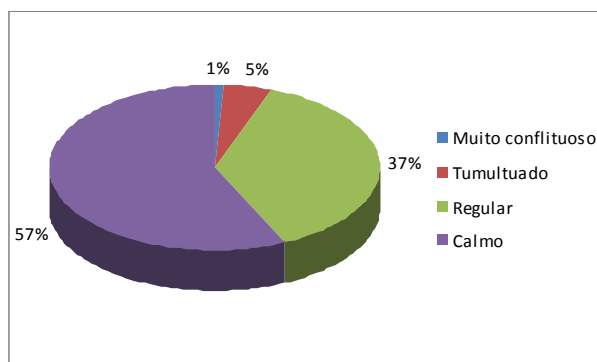
		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Válidos	1	2	1,9	1,9	1,9
	2	5	4,7	4,9	6,8
	3	16	15,0	15,5	22,3
	4	27	25,2	26,2	48,5
	5	25	23,4	24,3	72,8
	6	9	8,4	8,7	81,6
	7	8	7,5	7,8	89,3
	8	4	3,7	3,9	93,2
	9	1	,9	1,0	94,2
	10	2	1,9	1,9	96,1
	11	1	,9	1,0	97,1
	12	1	,9	1,0	98,1
	14	2	1,9	1,9	100,0
		Total	103	96,3	100,0
Missing		4	3,7		
Total		107	100,0		

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Outra questão relevante é a qualidade do ambiente familiar. É muito importante verificar o grau de conflito presente no cotidiano de uma família, estes são estabelecidos pelo tipo de relacionamento e comportamento de seus moradores. Quando se volta para as informações da pesquisa, verifica-se que 94% dos respondentes disseram conviver num ambiente familiar calmo ou regular.

Com mais evidência, pode-se ver nos resultados que aparecem na figura 6 que 94% dos alunos acham o ambiente familiar calmo ou regular. Na outra ponta, somente 1% dos integrantes considera o ambiente conflituoso.

Figura 6 - Ambiente familiar



Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola

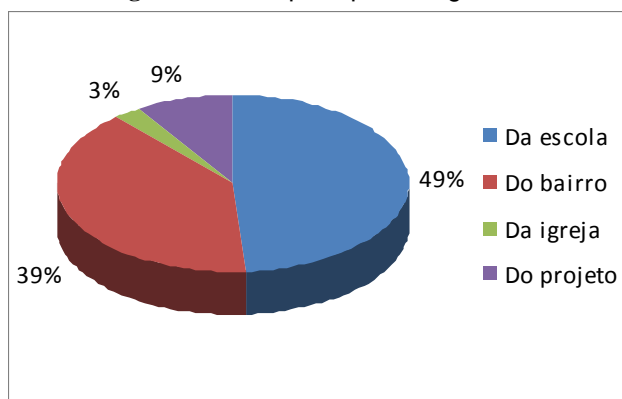
O que se observa é que, independente do local e das condições de moradia dos respondentes, a maioria sinalizou que o ambiente familiar é estável, o que, conseqüentemente, tende a proporcionar mais segurança e tranquilidade para os envolvidos.

Até este ponto, analisaram-se as características do público alvo atendido, constatou-se que a maioria dos atendidos são do sexo masculino, não são tão carentes em termos socioeconômicos e que grande parte deles têm casa própria e não residem em áreas de riscos sociais. Verificou-se também que a maioria dos jovens tem bom relacionamento familiar. A partir de agora, será analisado o comportamento dos jovens em relação aos amigos, à escola, ao projeto e a suas expectativas quanto ao futuro.

4.2.4. Perfil dos amigos

Foi avaliado e identificado neste quesito de onde são os principais amigos dos alunos participantes do projeto. O objetivo é verificar se seu envolvimento com os demais está relacionado com a escola, o bairro ou o projeto. Como mostra os dados encontrados na figura 7, pode-se perceber que a maioria dos amigos são da mesma escola e do mesmo bairro.

Figura 7 - Seus principais amigos são



Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Como mencionado, os fundadores do projeto dão grande importância à rede de amizades que os alunos podem estabelecer durante sua permanência nele. O esperado era que os jovens fizessem novas amizades e que elas se tornassem sólidas. Acreditava-se isso

iria contribuir para que esses jovens formassem outros tipos de amizade, talvez não muito saudáveis, e que isso poderia envolvê-los em atitudes erradas.

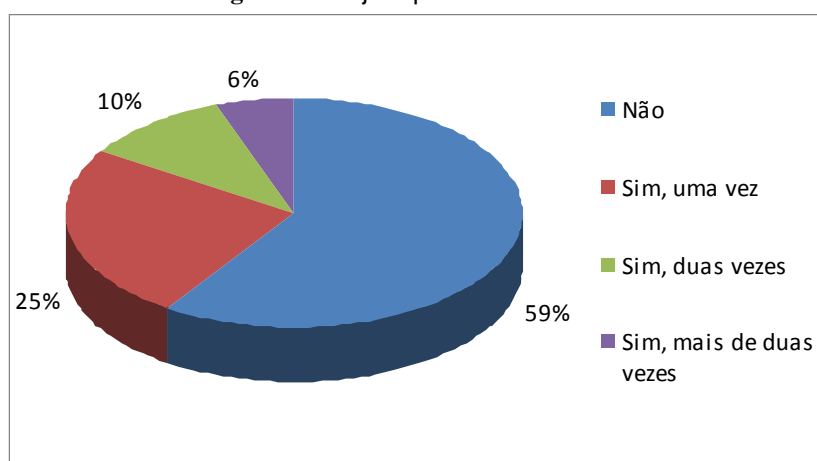
Conforme pode ser observado nos resultados que aparecem na figura 7, o resultado sinaliza para o fato de que o projeto não exerce papel determinante na vida dos alunos quanto à formação e manutenção das amizades.

4.2.5. Perfil em relação à escolaridade

O projeto 2 “Toque” na Bola não tem como um dos seus objetivos uma intervenção maior na vida escolar de seus integrantes. O que se realiza é um acompanhamento parcial do rendimento escolar desses jovens num trabalho conjunto com as escolas, no intuito de ajudar os adolescentes a honrar seus compromissos.

Um dos dados verificados foi que 41% dos jovens já perderam um ano escolar ao longo da trajetória educacional como aparece nos dados da figura 8.

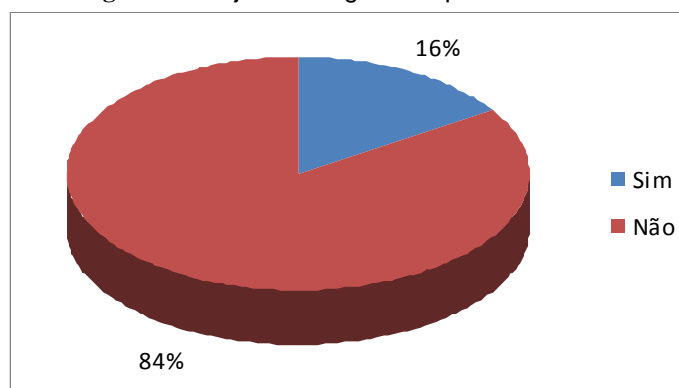
Figura 8 - Se já repetiu o ano escolar



Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

Noutro quesito, foi avaliada a porcentagem de alunos que pararam de estudar por um tempo. Os resultados apontaram uma minoria de 16% que, por algum tempo, abandonaram o estudo, enquanto 84% nunca pararam, como os dados que aparecem na figura 9. Pela dimensão desse resultado, avalia-se que os jovens participantes do projeto não querem parar de estudar precocemente.

Figura 9 - Se já ficou algum tempo sem estudar



Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Os resultados apontados na tabela 7 assinalam que a média de tempo de estudo dos 107 participantes respondentes é próxima de oito anos, o que corresponde em grau de equivalência aos resultados que aparecem na figura 2 do início deste capítulo, que sinaliza que a maioria dos alunos tem idade média de 15 anos, que se equipara a oito anos de estudo.

Tabela 7 - Tempo de escolaridade

Dados Estatísticos		
Tempo de Escolaridade (Anos)		
N	Validos	100
	Omissos	7
Média		7,68
Mediana		7,00
Moda		6
Desvio Padrão		1,989
Escolaridade mínima		4
Escolaridade máxima		12

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Ainda com relação aos alunos respondentes, os dados apontados na tabela 8 mostram o tempo de escolaridade em relação a cada idade.

Tabela 8 - Tempo de Escolaridade por Idade

Idade	Escolaridade									Total
	4 Anos	5 Anos	6 Anos	7 Anos	8 Anos	9 Anos	10 Anos	11 Anos	12 Anos	
12	2	7	13	6	-	-	-	-	-	28
13	1	1	4	8	4	1	1	-	-	20
14	-	-	2	3	6	4	-	-	-	15
15	-	1	1	-	4	2	3	-	-	11
16	-	-	1	1	1	1	2	2	-	8
17	-	-	-	-	2	-	-	2	-	4
18	-	-	-	-	-	1	4	4	2	11
20	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Total	3	9	21	18	17	9	10	10	2	99

Fonte: elaboração própria

Os dados apontados na tabela 9 mostram a média de anos de defasagem dos alunos do projeto (2,88), quase três anos perdidos na trajetória escolar.

Tabela 9 – Defasagem de escolaridade

Dados Estatísticos		
Defasagem de Escolaridade		
N	Validos	100
	Omissos	7
Média		2,88
Mediana		3,00
Moda		2
Desvio Padrão		1,233
Defasagem mínima		0
Defasagem máxima		7

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

4.2.6. Avaliação do projeto

Ao perguntar aos alunos qual a principal razão de terem procurado o projeto, resultado foi o seguinte: a maioria, perto de 70%, afirmaram que o objetivo era praticar esportes, como os resultados que aparecem na tabela 10. No primeiro momento, isso já nos evidencia que os jovens têm muito interesse por essa prática.

Tabela 10 - Qual a principal razão de você ter procurado o projeto?

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Validos	Decisão dos pais	3	2,8	2,9	2,9
	Para praticar esportes	73	68,2	71,6	74,5
	Para não ficar à toa	8	7,5	7,8	82,4
	Para não me envolver com coisas ou pessoas erradas	15	14,0	14,7	97,1
	Outras	3	2,8	2,9	100,0
	Total	102	95,3	100,0	
Omissos		5	4,7		
Total		107	100,0		

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

É importante ressaltar que a segunda opção de resposta à questão anterior como mostra os dados apontados na tabela 10, demonstra uma preocupação real dos jovens em relação a não se envolverem com más companhias. Também mostra o quanto eles reconhecem estarem sujeitos aos riscos sociais. Os gestores do projeto se preocupam muito com as amizades entre os jovens e consideram a maioria ainda não dotada de maturidade e senso de observação para perceber a importância disso.

Quanto à expectativa dos jovens, os dados apontados na tabela 11 evidenciam que 80% deles sonham ser atletas profissionais. Apesar de os coordenadores terem deixado claro que formar atletas não é objetivo do programa, o adolescente acredita fielmente nessa possibilidade.

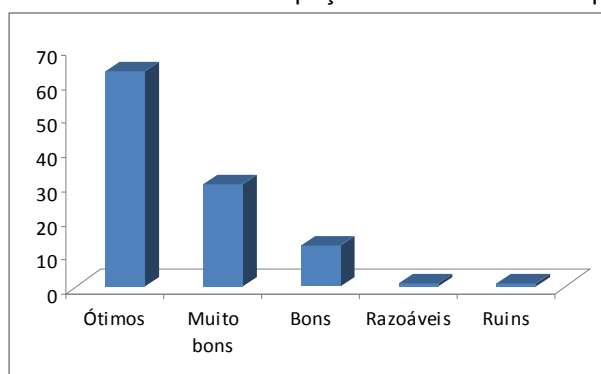
Tabela 11 – O que pretende ao participar do projeto

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Validos	Tornar-se um atleta profissional	84	78,5	80,0	80,0
	Aprender vários esportes	8	7,5	7,6	87,6
	Fugir das más companhias	1	0,9	1,0	88,6
	Fazer novos amigos	2	1,9	1,9	90,5
	Ser mais disciplinado e melhorar o rendimento escolar	4	3,7	3,8	94,3
	Preencher o tempo livre com diversão	6	5,6	5,7	100,0
	Total	105	98,1	100,0	
Omissos		2	1,9		
Total		107	100,0		

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

Outro fato importante nesse caso é que a maioria não tem uma visão ampla dos benefícios do projeto. Muitos não atribuem importância ao projeto nem sabem o quanto ele pode ajudá-los em outros aspectos da vida. Os dados apontados na tabela 11 mostra uma parcela muito pequena que respondeu, por exemplo, poder fazer novos amigos ou fugir de más companhias. Ainda a respeito da avaliação do projeto, é nas dependências do Cefet-MG, onde acontece a maioria das atividades esportivas, onde é disponibilizada toda a estrutura de espaços esportivos, para que seus alunos possam usá-los aos domingos como mostra a figura 10, o nível de satisfação dos alunos com os espaços oferecidos é excelente, atinge mais de 90%.

Figura 10 - Como avalia os espaços onde é realizado o projeto



Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

A atuação dos professores no projeto é a peça fundamental que norteia seu funcionamento. É com eles que os participantes passam a maior parte do tempo, são eles que proporcionam o aprendizado de esportes e de vida aos alunos. Nessa pergunta, os alunos tiveram duas opções de escolha. Conforme a importância, as duas foram avaliadas.

Quando se interpreta a mais importante (primeira opção), nota-se que quase 80% escolheram a alternativa segundo a qual os professores ensinam bem os esportes, como mostra os dados apontados na tabela 12. Isso indica a valorização dada tanto à parte mais prática do projeto quanto à atuação dos professores.

Tabela 12 - Como você vê a atuação dos professores do projeto? 1ª opção

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Validos	Ensinam bem os esportes	79	73,8	77,5	77,5
	Ensinam como nos comportar bem	6	5,6	5,9	83,3
	Têm controle das atividades	3	2,8	2,9	86,3
	Transmitem orientações de vida	5	4,7	4,9	91,2
	Têm um bom relacionamento com os alunos	9	8,4	8,8	100,0
	Total	102	95,3	100,0	
Omissos		5	4,7		
Total		107	100,0		

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

Quando se interpretam os dados que aparecem na (tabela 13, 2ª opção), vislumbra-se um cenário de muito equilíbrio entre as respostas, um patamar na casa dos 20%. Mas é relevante ressaltar que os alunos atribuíram grande importância a outros ensinamentos além do valor dos esportes. Os gestores e atuais coordenadores do projeto objetivam enfatizar a formação geral do indivíduo, uma preparação para a vida e seu desenvolvimento pleno.

Tabela 13 - Como você vê a atuação dos professores do projeto? 2ª opção

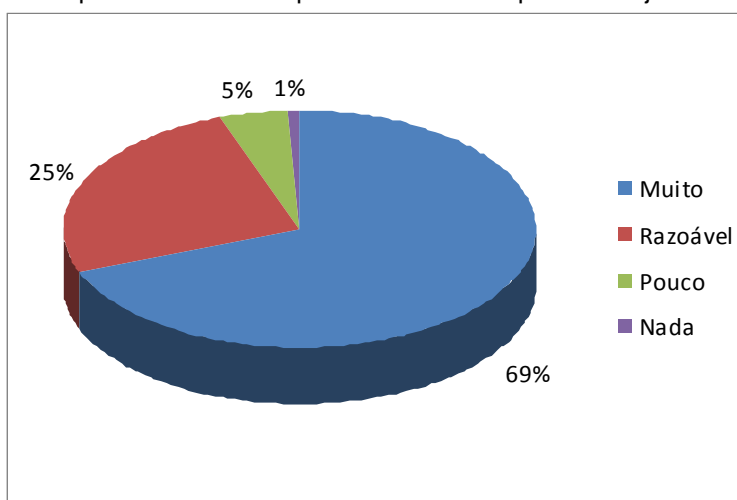
		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Validos	Ensinam bem os esportes	6	5,6	7,4	7,4
	Ensinam como nos comportar bem	22	20,6	27,2	34,6
	Têm controle das atividades	17	15,9	21,0	55,6
	Transmitem orientações de vida	18	16,8	22,2	77,8
	Têm um bom relacionamento com os alunos	18	16,8	22,2	100,0
	Total	81	75,7	100,0	
Omissos		26	24,3		
Total		107	100,0		

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

Com certa regularidade, são ministradas palestras para os alunos, às quais os pais são convidados a participar junto com os filhos. São abordadas questões gerais sobre o projeto, seus objetivos de futuras ações e também sobre a atuação dos participantes, seu comportamento, frequência etc. Esporadicamente, um convidado fala sobre determinado tema de interesse para a comunidade do projeto.

Os alunos valorizam muito tal prática. Como mostra os dados apontados na figura 11, é de 70% o índice de satisfação plena e de 25% o de razoável atendimento.

Figura 11 - Em que medida avalia que as atividades e palestras ajudam em sua vida



Fonte : Banco 2 "Toque" na Bola/2009

O que se observa nos dados apontados na (tabela 14) foi realizada a partir dos dados obtidos do questionário (Survey) através de uma pergunta aberta a que os alunos responderam de forma espontânea. Os resultados foram interessantes. Foi atribuído grande valor às questões relacionadas a valores pessoais e também ao meio de ajuda para um futuro melhor.

Tabela 14 - Faça um comentário sobre a importância do projeto para você e para a sua vida

	Frequência	Percentual
Para tornar-se um atleta profissional e participar de campeonatos	21	28,8
Ajuda na convivência com os outros e proporciona oportunidade de conhecer pessoas	18	24,7
Preenche o tempo livre, ajuda a sair das ruas, a afastar-se das drogas e do "mau caminho"	23	31,5
É fonte de lazer e uma maneira de se divertir por meio da prática de esportes	10	13,7
É importante para a vida, ajuda a ter um futuro melhor, traz novas oportunidades e ajuda na vida profissional	23	31,5
Traz um aprendizado e um ponto crítico acerca de si mesmo e da comunidade em que se encontra	3	4,1
A prática de esportes e atividades físicas traz benefícios para a saúde	13	17,8
Ajuda nos estudos e no rendimento escolar	2	2,7
Outros	19	26,0
Total	107	100,0

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

4.2.7. Perfil dos valores pessoais

Para tentar mensurar sobre o valor mais importante em suas vidas, foram feitas algumas perguntas aos alunos. A primeira deu-lhes a possibilidade de responder em três opções em ordem de importância. O ponto principal era avaliar o que eles consideram mais importante, independente de sua posição social na atualidade.

O primeiro quadro (opção 1) apresentou um resultado bem definido, claro e com uma representação expressiva (87%) na pergunta que considera a família a mais importante e interessante de todas. Tal resultado pode ser comprovado pelos dados apontados na tabela 15. Isso nos indica a importância dada à estrutura e ao ambiente familiar.

Tabela 15 - O que é mais importante para você? 1ª opção

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
****Válidos	Família (mãe, pai, irmãos, avós)	86	80,4	86,9	86,9
	Namorado (a), companheiro (a)	2	1,9	2,0	88,9
	Música, arte, cultura, dança etc.	2	1,9	2,0	90,9
	Festas, bailes, baladas	2	1,9	2,0	92,9
	Religião, fé, Deus	6	5,6	6,1	99,0
	Amigos, colegas	1	,9	1,0	100,0
	Total	99	92,5	100,0	
Omissos		8	7,5		
Total		107	100,0		

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

No segundo quadro (opção 2), nota-se um equilíbrio entre algumas respostas, com ligeira vantagem para a opção de religião, com percentual de 22%, seguido da importância dada ao estudo. É interessante observar dois fatos: primeiro, a importância dada à religião, 1º lugar no cômputo; segundo, a pouca importância atribuída ao estudo, 2º lugar nessa segunda opção. Os resultados apontados na tabela 16 representam melhor os números.

Tabela 16 - O que é mais importante para você? 2ª opção

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Validos	Família (mãe, pai, irmãos, avós)	8	7,5	8,5	8,5
	Namorado(a), companheiro(a)	17	15,9	18,1	26,6
	Música, arte, cultura, dança etc.	8	7,5	8,5	35,1
	Festas, bailes, baladas	1	,9	1,1	36,2
	Religião, fé, Deus	21	19,6	22,3	58,5
	Amigos, colegas	11	10,3	11,7	70,2
	Estudo	18	16,8	19,1	89,4
	Trabalho	9	8,4	9,6	98,9
	Dinheiro	1	,9	1,1	100,0
	Total	94	87,9	100,0	
Omissos	13	12,1			
Total	107	100,0			

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

O terceiro quadro (opção 3) apresenta de novo um equilíbrio entre quatro respostas, girando em torno dos 17 %. Nessa questão, com pequena diferença, os amigos aparecem como melhor opção, conforme se pode observar nos dados assinalados na tabela 17.

Tabela 17 - O que é mais importante para você? 3ª opção

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Validos	Família (mãe, pai, irmãos, avós)	2	1,9	2,1	2,1
	Namorado(a), companheiro(a)	6	5,6	6,4	8,5
	Música, arte, cultura, dança etc.	7	6,5	7,4	16,0
	Festas, bailes, baladas	8	7,5	8,5	24,5
	Religião, fé, Deus	14	13,1	14,9	39,4
	Amigos, colegas	17	15,9	18,1	57,4
	Sexo	2	1,9	2,1	59,6
	Estudo	16	15,0	17,0	76,6
	Trabalho	16	15,0	17,0	93,6
	Dinheiro	4	3,7	4,3	97,9
Outros	2	1,9	2,1	100,0	
Total	94	87,9	100,0		
Omissos	13	12,1			
Total	107	100,0			

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

A pesquisa procurou verificar sobre o possível consumo de bebidas alcoólicas e fumo por parte dos alunos. Segundo pesquisa do Ministério da Saúde de abril de 2009 com 54 mil brasileiros, as informações sobre o consumo de álcool mostraram tendências de crescimento. O consumo é mais frequente em faixas etárias mais baixas e alcança 30% dos homens e 1% das mulheres entre 18 e 44 anos. No entanto, é possível perceber que os adolescentes e jovens adultos praticantes de esporte geralmente tendem a não se envolver com o alcoolismo. É o que se vê nos dados apontados na tabela 18, segundo a qual mais de 80% dos jovens não consomem álcool de forma alguma.

Tabela 18 – Como se relaciona com o álcool na maioria das vezes

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Consumo para aliviar a tensão e o mau humor	6	5,6	5,6	5,6
Consumo para me embebedar	5	4,7	4,7	10,3
Consumo para me relacionar com as pessoas	1	,9	,9	11,2
Consumo por outros motivos	9	8,4	8,4	19,6
Não consumo	86	80,4	80,4	100,0
Total	107	100,0	100,0	

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

Como se pode observar pelos dados apontados na tabela 19, o consumo de bebidas alcoólicas na faixa etária de 16 a 20 anos é 23% maior que na faixa de 12 a 15 anos.

Tabela 19 - Como se relaciona com o álcool na maioria das vezes

Grupos de Idade	Frequencia	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Alunos de 12 a 15 anos	Consumo para aliviar a tensão e o mau humor	3	3,8	3,8
	Consumo para me embriagar	4	5,1	8,9
	Consumo por outros motivos	4	5,1	13,9
	Não consumo	68	86,1	100,0
	Total	79	100,0	100,0
Alunos de 16 a 20 anos	Consumo para aliviar a tensão e o mau humor	3	11,1	11,1
	Consumo para me embriagar	1	3,7	14,8
	Consumo para me relacionar com as pessoas	1	3,7	18,5
	Consumo por outros motivos	5	18,5	37,0
	Não consumo	17	63,0	100,0
Total	27	100,0	100,0	

Fonte: Banco 2 “Toque”na Bola/2009

Nos últimos anos tem-se observado que o número de fumantes tem diminuído gradativamente. Segundo dados do Ministério da Saúde, o consumo de cigarros entre os jovens caiu pela metade nos últimos dois anos. O estudo Vigitel 2008 mostra que 14,8% dos jovens entre 18 e 24 anos não fumam. Em 1989 os jovens fumantes eram 29%. A tendência é de forte queda para o consumo de tabaco entre todas as faixas etárias. A pesquisa nacional de saúde e nutrição realizada há 20 anos mostrou que 35% da população adulta no Brasil eram fumantes. Segundo o Vigitel 2008, esse índice caiu para 15,2%. Graças também a ações governamentais estabelecendo leis de restrição ao consumo em vários lugares antes permitidos, o consumo tem caído.

Não é diferente o apurado neste estudo, quando computamos um resultado extremamente alto, 99%, de pessoas não fumantes, como aponta os resultados da tabela 20.

Tabela 20 – Se fuma

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Sim	1	,9	,9	,9
Não	106	99,1	99,1	100,0
Total	107	100,0	100,0	

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

4.3. Análise comparativa dos perfis

Finalmente, faço uma análise do perfil dos atendidos, em relação ao esperado pelos idealizadores. A avaliação do perfil permite dimensionar várias suposições aqui focalizadas (ambiente familiar, inserção no mercado de trabalho, áreas de lazer disponíveis, escolaridade, situação de moradia, redes de amizades, envolvimento com drogas, criminalidade etc.)

Em primeiro lugar é importante ressaltar que o projeto encontrou dificuldades para atender o público alvo. Sob vários aspectos a situação dos atendidos foi bem diferente do perfil imaginado pelos organizadores. É válido fazer, pois, uma descrição comparativa entre o esperado e o empiricamente constatado.

Primeiramente, quanto à moradia, foi constatado que as famílias dos atendidos moram em diversos bairros, e não só nos vizinhos ao Morro das Pedras, e que 74% deles declararam sentirem-se seguros onde vivem. Mais de 80% dos alunos têm residência própria, e as famílias não são numerosas (média entre quatro e cinco pessoas), contrariando as expectativas.

No que se refere ao ambiente familiar, constatou-se uma transformação: que outras famílias são sustentadas só pela mãe ou outros parentes. Quanto à inserção no mercado de trabalho, cerca de 85% dos responsáveis pelas famílias estão empregados, 65% com carteira assinada.

A terceira suposição diz respeito à rede de amizades estabelecida pelos jovens. Para os gestores, os principais amigos dos adolescentes seriam os do convívio no projeto, mas não é isso o que acontece atualmente. Esse fato é motivo de preocupação dos coordenadores. Nessa fase da vida, a adolescência, é que se forma o caráter e a personalidade, e as amizades podem influir em no comportamento.

Sobre a quarta suposição, em relação à escolaridade, os resultados não confirmaram alta evasão, e somente 16% dos jovens já interromperam os estudos. A maioria está estudando, mas mais de 40,57% já perderam um ano escolar ao menos uma vez na vida.

A quinta suposição, e um dos pontos mais importantes levantados pelos idealizadores do projeto, foi a de que eram pouquíssimos os espaços de lazer e prática de esportes próximos ao local de residência dos respondentes. Nesse ponto as expectativas se confirmam em grande parte: somente 23,4% do total avaliaram existirem muitos deles perto de casa. Mesmo assim, em relação a essa porcentagem, é preciso considerar que, provavelmente, boa parte seja atribuída aos jovens que moradores de bairros com melhor infra-estrutura. Tal carência de espaços de lazer pode gerar problemas para os moradores de comunidades carentes. Segundo Castro e Abramovay, 2002, “ Além da falta de equipamentos nas comunidades, os jovens circulam em raio restrito, segregados em seus bairros, sem exercer certos direitos de cidadania social, como o benefício do uso da cidade onde vivem. A carência de atividades de diversão na comunidade é explorada pelo tráfico que, em muitos lugares, marca presença, ocupando um espaço deixado em aberto pelo poder público, constituindo referência para os jovens.”

Ainda com relação aos resultados obtidos, o perfil dos atendidos mostra dados interessantes. O que se percebe é que muitos dos jovens procuram participar do projeto para praticar esportes num lugar seguro e com a orientação de professores competentes ou simplesmente para não ficarem parados.

No que tange a valores pessoais, os alunos manifestaram, entre várias opções, que a família é o mais importante na vida.

Já 60,3 % dos respondentes vêem o projeto como algo importante e como meio oportuno de vencer profissionalmente.

Uma grande preocupação dos coordenadores do projeto diz respeito ao consumo de bebidas alcoólicas e tabagismo por parte dos alunos. Os dados da pesquisa não indicaram, entretanto, muitos consumidores de bebidas alcoólicas, já que 80% nunca beberam, e 99,1% declararam não fumar.

Fechando este capítulo, assinalo que existe uma parcela de moradores dessa região, carente de recursos scioeconômicos, que acaba excluída do processo, embora seja esse o público alvo dos organizadores. Um dos fatores que levam a isso é o chamado de custo de

oportunidade, cuidar de parentes ou fazer tarefas domésticas. Outros adolescentes deixam de ingressar no projeto pelos seguintes motivos: moram longe do local onde se dão as atividades e não têm dinheiro para o deslocamento; são vítimas de coerção dos parentes, vizinhos ou amigos; desconhecem informações sobre o projeto. Percebe-se então que, apesar de ele focalizar seu atendimento a um público mais carente, a oferta não garante a participação de todos, principalmente de alguns mais pobres.

Este capítulo apresentou a conjuntura atual do projeto, na visão de seus idealizadores e na dos atendidos, retratando fielmente a situação. No próximo capítulo, o projeto será investigado mais a fundo para verificar se os objetivos desta pesquisa foram alcançados.

5. ANÁLISE FINAL

O objetivo maior desta pesquisa foi fazer uma análise de cunho exploratório dos possíveis efeitos proporcionados pelo projeto 2 “ Toque” na Bola e suas atividades na vida das crianças e dos adolescentes. Para isso, em primeiro lugar, foram averiguadas as pretensões dos criadores do projeto e também suas expectativas em relação às condições de vida do público que procuravam atender. Em segundo plano, realizou-se uma análise, a partir de dados obtidos com os atendidos, para avaliar desempenho, grau de satisfação, reações e efeitos provocados na vida dos jovens. O ideal para avaliar os possíveis efeitos do projeto seria ter um grupo de controle ou um conjunto de parâmetros de comparação, mas isso não foi possível²⁰. Então, a partir dos dados obtidos com o questionário aplicado aos alunos, traçaram-se algumas estratégias de análise: em primeiro lugar, exploraram-se algumas interações entre diferentes dimensões da vulnerabilidade e da vida dos atendidos; em segundo lugar, foram confrontados alunos mais antigos no projeto com os mais novatos. A suposição é de que os possíveis efeitos sejam mais perceptíveis naqueles que participam das atividades há mais tempo e menos nos calouros, por assim dizer. Por último, foi feita uma comparação entre os jovens que atribuem maior importância ao projeto (visão mais ampla de seus benefícios) e os que o consideram mera oportunidade de “jogar bola”.

Por outro lado, é importante ressaltar que o projeto nasceu em decorrência dos anseios da sociedade, que se mobilizou diante de problemas sociais que afligem algumas comunidades. Portanto, a construção do projeto se tornou realidade graças à participação de vários setores da sociedade (famílias, associação comunitária, instituições públicas, agentes e organizações intermediárias) em prol de beneficiários diretos, os adolescentes. Analisando o projeto de maneira geral, o quadro é o seguinte: um grupo de moradores de uma comunidade pobre e que residem numa área mais vulnerável a riscos sociais se organizaram e mobilizaram para criar algo que mudasse ou atenuasse tal situação. Decidiram então, em primeiro lugar, trabalhar com crianças e adolescentes, pois consideraram-nos os mais vulneráveis.

²⁰ Tentou-se em vão formar um grupo de alunos em lista de espera, pois eles chegam gradualmente durante o ano, e os pais insistem para que integrem-se ao projeto o mais rápido possível. Portanto, não houve a possibilidade de fazer dois grupos que diferenciassem os atendidos dos não atendidos.

Para tanto, fizeram algumas suposições a respeito da realidade das famílias envolvidas. Conforme o capítulo anterior, a idéia era de encontrarem um quadro de diversas carências: famílias pobres socioeconômico, vivendo em moradias não próprias e precárias, com relacionamento familiar conflituoso, jovens com grandes dificuldades para estudar, sem contar com apoio nem acompanhamento dos pais — o que acarretaria altos índices de evasão e repetência — rede de relacionamentos limitada e questionável, jovens vivendo sem espaços nem oportunidades de lazer e correndo sério risco de envolvimento com gangues ou serem “adotados” por traficantes.

Após essa identificação do contexto desses jovens, os idealizadores do projeto procuraram traçar os objetivos na busca por respostas aos problemas levantados.

Os objetivos principais da estratégia de intervenção voltada aos jovens eram: oferecer a prática de esportes como promotor da educação, do desenvolvimento humano, da inclusão e transformação social aos participantes, consolidar a auto-estima, reforçar o protagonismo, construir uma rede de relacionamentos substancial e saudável, desenvolver a prática da cooperação e solidariedade, auxiliar na superação de fatores que dificultam o rendimento escolar e desenvolver ações que promovam a construção da identidade e a formação integral dos jovens.

O próximo passo foi estabelecer uma cadeia de hipóteses cuja comprovação fosse verificável.

As hipóteses eram de que as ações implantadas pelo projeto produziriam alterações positivas na vida dos atendidos e de isso colaboraria para diminuir sua vulnerabilidade. Exemplos: as palestras das quais alunos e pais participam junto com professores podem ajudar a criar um ambiente familiar menos conflituoso e mais coeso? Como os espaços de lazer são bem estruturados e seguros, isso pode contribuir para diminuir sua exposição aos riscos sociais e ao mesmo tempo afastá-los do assédio de delinquentes e traficantes? A supervisão e o aconselhamento escolar dos professores do projeto e dos das escolas melhorariam o rendimento escolar? As amizades que os alunos constroem no projeto seriam mais sólidas, importantes e contribuiriam para não se envolverem com más companhias?

Sintetizando, foi realizada uma apresentação que se iniciou com as suposições dos organizadores, foram citados os objetivos e, finalmente, foram levantadas as hipóteses a serem corroboradas.

A seguir, seguindo três caminhos, fez-se uma interpretação dos dados encontrados na pesquisa realizada com os atendidos.

5.1. Interações entre diferentes dimensões da vulnerabilidade

Procurou-se aqui explorar algumas questões do cotidiano dos envolvidos que não se relacionam diretamente com as ações do projeto, mas que puderam ser apuradas por meio do amplo questionário aplicado aos jovens. Elas são relevantes para medir diferentes situações de vulnerabilidade e o potencial de enfrentamento dos jovens e de suas famílias.

Uma das preocupações e metas dos idealizadores do projeto foi quanto ao rendimento escolar. Uma das hipóteses era a de que os pais desses adolescentes acompanhavam-nos de forma irregular e ineficiente.

Como mostra os dados que aparecem na tabela 21, o que se observa é que foi pequena a diferença entre os que perderam pelo menos um ano de estudo e os que nunca perderam. No entanto, vale ressaltar que quando o acompanhamento escolar dos pais é menos frequente, a porcentagem de alunos que repetiu ano escolar é bem mais alta, 65,9 %, contra os 34,1% que repetiram ano, mas têm os pais acompanhando seus estudos. Outro resultado interessante foi o fato de somente 1,9%, dois alunos, terem respondido que seus pais não acompanham seus estudos, um bom resultado.

Tabela 21 - Acompanhamento dos pais na escola * Se já repetiu o ano escolar

Acompanhamento dos pais na escola		Frequência	Se já repetiu o ano escolar		Total
			Não	Sim	
Há um acompanhamento próximo	Frequência	23	14	37	
	% Se já repetiu o ano escolar	36,50%	34,10%	35,60%	
Há um acompanhamento menos frequente	Frequência	38	27	65	
	% Se já repetiu o ano escolar	60,30%	65,90%	62,50%	
Não há um acompanhamento	Frequência	2	0	2	
	% Se já repetiu o ano escolar	3,20%	0,00%	1,90%	
Total	Frequência	63	41	104	
	Porcentagem	60,60%	39,10%	100,00%	

Fonte: Elaboração Própria

Qui-quadrado 0,481

Outra hipótese a ser analisada foi a relação entre o acompanhamento escolar dos pais e o envolvimento dos filhos com drogas e álcool. Hoje, verifica-se que elas são ofertadas nas imediações das escolas e até mesmo dentro delas. Alguns alunos faltam às aulas para consumir drogas e bebidas alcoólicas junto com amigos. Aos pais, não basta saber se seus filhos fazem as tarefas escolares e tiram boas notas. É necessário que acompanhem seu comportamento após as aulas e, principalmente, o círculo de amizades ao qual o filho pertence.

Quanto ao acompanhamento dos pais na escola e o consumo de drogas e álcool, pode-se verificar pelos resultados apontados na tabela 22 uma diferença relevante, de

12,6%, a favor dos que não consomem drogas em relação aos consumidores quando os pais acompanham de bem perto seus filhos na escola. Em contrapartida, nota-se que, quando esse acompanhamento é menos freqüente, o número de casos dos que consomem drogas e bebidas alcoólicas é maior em 8,8%.

Tabela 22 - Acompanhamento dos pais na escola * Se consome drogas, álcool ou fumo

Acompanhamento dos pais na escola	Há um acompanhamento próximo	Frequencia	Se consome drogas, álcool ou fumo		Total
			Não consome	Consome	
		Frequencia	32	5	37
		% Se consome drogas, álcool ou fumo (2)	37,60%	25,00%	35,20%
	Há um acompanhamento menos frequente	Frequencia	52	14	66
		% Se consome drogas, álcool ou fumo (2)	61,20%	70,00%	62,90%
	Não há um acompanhamento	Frequencia	1	1	2
		% Se consome drogas, álcool ou fumo (2)	1,20%	5,00%	1,90%
Total		Frequência	85	20	105
		" % (1) "	81,00%	19,00%	100,00%

Fonte: elaboração própria

Qui-quadrado 0,337

Para os idealizadores do projeto, boa parte dos pais ou responsáveis estariam desempregados ou trabalhando na informalidade, o que levaria a um quadro socioeconômico mais precário da família. A hipótese deles era de que tal quadro provocaria maior desequilíbrio familiar, tornando a família menos coesa e mais vulnerável. Diante de

tal instabilidade familiar, os filhos poderiam sentir-se desprotegidos e tornar-se mais susceptíveis ao envolvimento com drogas e bebidas alcoólicas.

Nota-se que, contrariando a hipótese dos organizadores, a soma dos empregados com carteira assinada e dos sem resulta em 84%, a maioria, portanto. Os desempregados somam apenas 3,8%. Não houve diferenças relevantes em cada caso, daqueles exercendo atividade remunerada ou não entre os que consomem drogas ou não, como mostram os resultados apresentados na tabela 23. Pode-se arriscar o palpite de que talvez o número elevado de pais e responsáveis empregados contribua para um ambiente familiar mais saudável e estável. Com isso, os filhos sentem-se mais seguros e fortalecidos, o que pode contribuir para não ser maior o número de crianças e adolescentes envolvidos com algum tipo de droga.

Tabela 23 - Situação de atividade do responsável pela sua família * Se consome drogas, álcool ou fumo

Situação de atividade do responsável pela sua família	Exerce atividade remunerada com carteira assinada	Frequencia	Se consome drogas, álcool ou fumo		Total
			Não consome	Consome	
		Frequencia	54	15	69
		% Se consome drogas, álcool ou fumo	63,50%	71,40%	65,10%
	Desempregado	Frequencia	4	0	4
		% Se consome drogas, álcool ou fumo	4,70%	0,00%	3,80%
	Do lar	Frequencia	2	0	2
		% Se consome drogas, álcool ou fumo	2,40%	0,00%	1,90%
	Aposentado	Frequencia	9	2	11
		% Se consome drogas, álcool ou fumo	10,60%	9,50%	10,40%
	Exerce atividade	Frequencia	16	4	20

remunerada sem carteira assinada	% consome drogas, álcool ou fumo	Se			
			18,80%	19,00%	18,90%
Total	Frequência	85	21	106	
	" % (1) "	80,20%	19,80%	100,00%	

Fonte: elaboração própria

Qui-quadrado 0,797

Outra hipótese dos organizadores do projeto era a de que a relação entre a situação atividade remunerada dos pais ou responsáveis, influiria diretamente no índice de repetência dos alunos. Como dito anteriormente, haveria boa parte de pais desempregados nas famílias, o que provocaria um quadro de instabilidade financeira, levando também à inquietude no seio da família. Tudo isso poderia contribuir para o baixo rendimento escolar dos alunos, acarretando alta taxa de repetência.

O que pode ser visto é que, a maioria dos responsáveis pelas famílias estão empregados e que não houve grande diferença em cada situação de empregado ou não com os que já repetiram o ano escolar pelo menos uma vez em sua trajetória estudantil, como se vê nos resultados que aparecem na tabela 24. Vale ressaltar que, dos 11 que declararam ser o responsável pela família um aposentado, dez não repetiram o ano. Talvez isso se deva ao fato de o responsável ter mais tempo disponível para acompanhar a atividade escolar dos jovens.

Tabela 24 - Situação de atividade do responsável pela sua família * Se já repetiu o ano escolar

		Se já repetiu o ano escolar			
		Não	Sim	Total	
Situação de atividade do responsável pela sua família	Exerce atividade remunerada com carteira assinada	Frequencia	40	29	69
	% Se já repetiu o ano escolar (2)				
		63,50%	69,00%	65,70%	
Desempregado	Frequencia	1	2	3	
	% Se já repetiu o ano escolar (2)				
		1,60%	4,80%	2,90%	
Do lar	Frequencia	1	1	2	
	% Se já repetiu o ano escolar (2)				
		1,60%	2,40%	1,90%	
Aposentado	Frequencia	10	1	11	
	% Se já repetiu o ano escolar (2)				
		15,90%	2,40%	10,50%	
Exerce atividade remunerada sem carteira assinada	Frequencia	11	9	20	
	% Se já repetiu o ano escolar (2)				
		17,50%	21,40%	19,00%	
Total	Frequência	63	42	105	
	" % (1) "	60,00%	40,00%	100,00%	

Fonte: elaboração própria

Qui-quadrado 0,225

Uma das hipóteses dos idealizadores que mais corroboraram suas expectativas foi a de que, se houvesse na família viciados em drogas, fumo ou álcool, poderia ser maior o consumo dessas substâncias por parte das crianças e dos adolescentes.

Percebe-se claramente uma associação: se alguém na família é viciado, os jovens também consomem. Os dados apresentados na tabela 25, ilustra tal associação. Em contrapartida, quando um dos parentes não são viciados, a maioria dos jovens também não consomem drogas.

Nesse aspecto da pesquisa, percebe-se de forma clara que o exemplo de conduta dos parentes pode, com certeza, influenciar diretamente as ações dos filhos.

Tabela 25 - Se alguém da sua família consome álcool ou drogas * Se consome drogas, álcool ou fumo

		Se consome drogas, álcool ou fumo			
		Não consome	Consome	Total	
Se alguém da sua família consome álcool ou drogas	Sim	Frequencia	33	15	48
		% Se consome drogas, álcool ou fumo (2)	38,40%	71,40%	44,90%
	Não	Frequencia	53	6	59
		% Se consome drogas, álcool ou fumo (2)	61,60%	28,60%	55,10%
Total		Frequência	86	21	107
		" % (1) "	80,40%	19,60%	100,00%

Fonte: elaboração própria

Qui-quadrado 0,006

5.2. Comparativo entre alunos novos e antigos

Inicialmente, os alunos foram separados em dois grupos, os mais novos, que entraram em 2009, e os mais antigos, de 2005 a 2008. O objetivo era compará-los para

descobrir se as ações do projeto produziam efeitos diferentes e dignos de nota nos dois. Foram realizados vários cruzamentos, mas me ative aos principais, que envolvem família, escola, amigos e comportamento.

É importante ressaltar também que os dois grupos podem ser comparáveis, pois há alunos de todas as idades, mas pode-se observar que o grupo mais recente é mais jovem, e isso pode ter influenciado alguns resultados, como mostra os dados que aparecem na tabela 26.

Tabela 26 - Idade

Grupo de alunos antigos e novos no projeto, tendo por base o ano de 2009			Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Alunos que entraram antes de Janeiro de 2009	Válidos	12	16	23,5	23,9	23,9
		13	15	22,1	22,4	46,3
		14	10	14,7	14,9	61,2
		15	5	7,4	7,5	68,7
		16	6	8,8	9,0	77,6
		17	4	5,9	6,0	83,6
		18	9	13,2	13,4	97,0
		20	2	2,9	3,0	100,0
		Total	67	98,5	100,0	
		Omissos		1	1,5	
	Total		68	100,0		
Alunos que entraram depois de Janeiro de 2009	Válidos	12	13	33,3	33,3	33,3
		13	7	17,9	17,9	51,3
		14	7	17,9	17,9	69,2
		15	6	15,4	15,4	84,6
		16	2	5,1	5,1	89,7
		17	1	2,6	2,6	92,3
		18	3	7,7	7,7	100,0
		Total	39	100,0	100,0	

Fonte: Banco Toque na Bola/2009

5.2.1. Influência do projeto no círculo de amizades

Sobre essa questão, nota-se uma paridade entre os dois grupos, pois eles elegeram como os principais amigos os colegas de escola. Pode-se considerar o resultado natural, já que é com estes últimos que eles convivem a maior parte do tempo. O foco é, no entanto, em relação ao projeto. Quanto a isso, como mostra os resultados que aparecem na tabela 27, foi observado que 14% dos alunos antigos disseram que seus principais amigos são os do projeto. Não é uma porcentagem relevante em si. Quando se observa a resposta dos

alunos novatos, porém, a de (0%) , ela adquire importância. Vê-se que, de certa maneira, o projeto influi na rede de relacionamentos dos jovens. Apesar de conviverem no projeto apenas uma vez por semana, alguns alunos realmente fazem lá grandes amizades. Ainda que aos poucos, o projeto está sim influenciando positivamente na rede de relacionamentos de seus alunos.

Tabela 27 - Seus principais amigos são

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Da escola	32	50	18	47,4
Do bairro	22	34,4	18	47,4
Da igreja	1	1,6	2	5,3
Do projeto	9	14,1	0	0
Total Válido	64	100	38	100
Omissos	4		1	
Total	68		39	

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Em relação ao fato de os amigos se relacionarem com drogas, nota-se um equilíbrio entre os dois grupos quando respondem que os amigos consomem drogas de alguma forma, entre 17,7% e 15,8%, conforme mostram os dados que aparecem na tabela 28.

Outro aspecto observado foi o de que os mais antigos declararam que quase 40% de seus amigos não consomem drogas, um patamar bem mais alto dos que o dos mais novatos. Vislumbra-se aí a possibilidade de o projeto ser benéfico aos atendidos, pois provavelmente contribui para que os jovens não se relacionem com esses indivíduos.

Tabela 28 - Como os seus amigos se relacionam com as drogas

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Consomem diariamente	5	7,4	2	5,3
Consomem geralmente quando vão em festas	6	8,8	3	7,9
Consomem por outros motivos	1	1,5	1	2,6
Não consomem	26	38,2	9	23,7
Não sei	30	44,1	23	60,5
Total válido	68	100	38	100
Omissos	0		1	
Total	68		39	

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

Conforme os resultados que aparecem na tabela 29, mais uma vez há equivalência nas respostas à pergunta sobre se os amigos fazem uso de bebidas alcoólicas. Se, descartarmos o grupo que respondeu “não sei” nos dois casos, em torno de 52%, cerca de 1/3 declarou não consumi-las. Logicamente, 2/3 consomem. Pode-se avaliar dois fatores nesse quadro. O primeiro é o registro do alto consumo de bebidas alcoólicas nos dois grupos, em média 2/3. O segundo é o fato de que, considerando que a maioria dos amigos são menores de 18 anos, portanto legalmente proibidos de consumir bebidas alcoólicas, eles não deveriam ser consumidores.

Tabela 29 - Como os seus amigos se relacionam com as bebidas alcoólicas

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Consomem para aliviar a tensão e o mau humor	2	2,9	3	7,7
Consomem para se embriagar	7	10,3	4	10,3
Consomem para se relacionar com outras pessoas	2	2,9	3	7,7
Consomem por outros motivos	12	17,6	4	10,3
Não consomem	13	19,1	6	15,4
Não sei	32	47,1	19	48,7
Total	68	100	39	100

Fonte: Banco Toque na Bola/2009

Observa-se que, se segundo esses adolescentes atendidos pelo projeto, muitos amigos fazem uso de bebidas alcoólicas, há que se considerar a possibilidade de boa parte deles também fazerem.

Ainda sob o aspecto das amizades, é sabido que quando nos inserimos num círculo fechado de amizades, baseado em algo que nos torna semelhante aos demais, é mais difícil

apresentar valores avessos aos do grupo. Em outras palavras, a identidade coletiva criada por “nós” dificilmente é abalada ou criticada pelos diversos “eus” que dela compartilham. Assim, pode-se notar pelos dados apontados na tabela 30 que há uma pequena diferença entre os alunos antigos e novos com relação à participação dos amigos em alguma “gangue” ou tribo. Pelo resultado, pode-se considerar também que os alunos interpretaram tais termos de forma pejorativa. Ainda sobre amizades, segundo um pai:

“ Muito, eu creio que o esporte é a melhor ferramenta de criação de amizades, desenvolvimento, e além de amizades, amigos de alto nível.”²¹

Tabela 30 - Se os amigos participam de alguma “gangue” ou “tribo”

Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	
Sim	18	26,5	11
Não	50	73,5	28
Total	68	100	39

Fonte: Banco Toque na Bola/2009

5.2.2. Influência do projeto no ambiente familiar

Um dos pontos cruciais desta pesquisa foi explorar a hipótese de que o projeto talvez provocasse alterações positivas no relacionamento entre os jovens e sua família. Em primeira instância, observa-se que o grau de satisfação em relação ao ambiente familiar é muito grande, em torno de 93% nos dois grupos, como mostra os resultados apontados na tabela 41. Nota-se um diferencial considerável entre os dois grupos, na opção de resposta de – ambiente calmo - a favor dos mais antigos, o que é consistente com a hipótese de que o relacionamento tenha melhorado, pelo menos em parte. Nota-se também que só existe caso de ambiente familiar muito conflituoso entre os alunos novos. Além disso, a porcentagem de ambientes tumultuados também é maior para os mais novos. Outro referencial que pode ser considerado relevante é o depoimento dos pais. Eles declararam ter havido mudanças sensíveis do comportamento dos filhos no ambiente familiar, o que melhorou a relação entre eles.

²¹ Depoimento de Wladimir Segantine, concedido ao autor.

Tabela 31 - Como qualifica o seu ambiente familiar

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Muito conflituoso	0	0	1	2,6
Tumultuado	3	4,4	2	5,1
Regular	23	33,8	17	43,6
Calmo	42	61,8	19	48,7
Total	68	100	39	100

Fonte: Banco 2T"oque" na Bola/2009

Nesta questão, que envolve o acompanhamento dos pais, observa-se que em torno de 76% dos pais acompanham a vida escolar dos filhos. O diferencial mais relevante encontrado entre os dois grupos está na opção 1 da tabela 6, no qual ficou demonstrado que os alunos mais antigos têm um acompanhamento dos pais bem mais controlado que os novatos.

É importante ressaltar que os coordenadores do projeto acompanham a vida escolar dos atendidos e cobram deles e dos pais um bom rendimento. Por isso, pode-se ver o bom nível de acompanhamento dos pais. Portanto, está aí o indício de que o projeto, ao fazer esse monitoramento, está sendo benéfico aos adolescentes.

Tabela 32 - Como é o acompanhamento dos pais em relação à escola

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Acompanham com muito controle de tarefas e provas	25	37,3	12	31,6
Acompanham conversando sobre a escola, ajudando quando necessário	26	38,8	18	47,4
Somente verificam as notas, se passou de ano ou quando tem algum problema na escola	14	20,9	8	21,1
Não acompanham	2	3	0	0
Total válido	67	100	38	100
Omissos	1		1	
Total	68		39	

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Com relação ao lazer e ao ambiente familiar, nota-se um percentual relativamente maior de pais que saem ou levam os filhos para passear entre os alunos mais antigos. Isso quer dizer que esses pais passam mais tempo junto de seus filhos, relacionam-se, conversam e se divertem com eles, apesar de esses alunos serem, em geral, mais velhos, conforme aponta os dados da tabela 33. Pode-se dizer que o projeto pode contribuir para o estreitamento dos laços familiares.

Tabela 33 - Como é o acompanhamento dos pais em relação ao lazer

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Eles saem com você ou o levam para passear	19	28,4	9	23,7
Eles determinam onde você pode ir, com quem e o horário de voltar	35	52,2	22	57,9
Eles quase nunca deixam você sair	3	4,5	3	7,9
Eles deixam você fazer o que quiser, sem controlar muito	10	14,9	4	10,5
Total válido	67	100	38	100
Omissos	1		1	
Total	68		39	

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

Em relação às amizades dos filhos e o relacionamento com os pais, nota-se que os pais dos alunos mais antigos procuram conhecer e se relacionar melhor com os amigos dos filhos, conforme os resultados apontados na tabela 34. Com isso, também controlam menos as amizades que os pais dos alunos mais novos.

Tabela 34 - Acompanhamento dos pais em relação aos amigos

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Eles procuram conhecer seus amigos e se relacionar com eles	36	53,7	18	47,4
Eles controlam muito quem são suas amizades e com quem você se relaciona	19	28,4	13	34,2
Acompanham, sem muito controle	10	14,9	5	13,2
Eles deixam você ter as amizades que quiser, sem se preocuparem muito	2	3	2	5,3
Total válido	67	100	38	100
Omissos	1		1	
Total	68		39	

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

Quando vemos os resultados apresentados na questão que envolve a existência de algum parente viciado ou alcoólatra, observa-se que os dois grupos têm muitos envolvidos com o alcoolismo. O grupo dos alunos mais antigos apresenta uma porcentagem de 10% a mais de viciados. Mas o mais importante, nota-se, foi que esse resultado relaciona-se com os dados apontados na tabela 20, no seguinte sentido: o fato de cerca de 20% dos atendidos consumirem bebidas alcoólicas (índice alto para menores de 18 anos) corrobora também o alto consumo de seus parentes, 38% em média. Isso reflete mais um exemplo dado em casa. Nesse caso, o ambiente familiar e o círculo de amigos demonstrou ser mais influente do que o projeto. É o que mostra os resultados que aparecem na tabela 35.

Tabela 35 - Se alguém da família apresenta problemas de vício de álcool

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Sim	29	42,6	13	33,3
Não	39	57,4	26	66,7
Total	68	100	39	100

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

5.2.3. Influência do projeto na vida escolar

Conforme os dados apontados na tabela 36, pode-se notar uma tremenda diferença entre os alunos mais antigos e os mais novos no que tange à opção 1 (extremamente e muito interessado), a favor dos mais antigos. Pode-se entender que o maior interesse de boa parte dos alunos antigos pelos estudos podem advir de sua participação no projeto há mais tempo. Por outro lado, para os alunos que responderam estar pouco ou nada interessados, a porcentagem dos mais antigos foi cerca de 10% maior.

Tabela 36 - Como se considera como estudante

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Extremamente e Muito interessado	29	42,6	12	31,6
Interessado	26	38,2	22	57,9
Pouco e Nada interessado	13	19,1	4	10,5
Total válido	68	100	38	100

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

Um das metas do projeto é elevar o rendimento escolar dos alunos. Apesar de não agirem diretamente, acompanham e cobram melhorias. Nesse caso, afirma-se que o projeto pode contribuir para que os alunos encarem os estudos com mais seriedade. Como indica os dados que aparecem na tabela 37, houve uma considerável diferença no quesito estudar mais de cinco vezes por semana a favor dos mais antigos no projeto. Poder-se-ia dizer que, com as cobranças que lhe são feitas, eles estão mais comprometidos.

Tabela 37 - Frequência de estudo em casa por semana

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Mais de cinco vezes	59	86,8	28	71,8
Três a cinco vezes	2	2,9	2	5,1
Apenas quando tem trabalho ou avaliação	3	4,4	1	2,6
Nunca	0	0,0	2	5,1
Total	68	100,0	39	100,0

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Apesar dos dados apontados na tabela 37 mostrar os alunos estudando mais vezes na semana, o que, em parte, pode ser atribuído ao projeto, há outros problemas sérios a enfrentar com relação à educação. Nota-se que, tanto entre alunos antigos como novos mais de 40% já repetiram o ano pelo menos uma vez. Os mais antigos repetiram 10% a mais que os mais novos, como mostram os resultados apontados na tabela 38. Pela seriedade da situação, acredita-se que os coordenadores do projeto, juntamente com a direção das escolas, poderiam esforçar-se mais para ajudar a diminuir esses índices.

Tabela 38 - Se já repetiu o ano

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Não	38	55,9	25	65,8
Sim, uma vez	19	27,9	7	18,4
Sim, duas vezes	8	11,8	3	7,9
Sim, mais de duas vezes	3	4,4	3	7,9
Total válido	68	100,0	38	100,0
Omissos	0		1	
Total	68		39	

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Conforme os dados que aparecem na tabela 39, observa-se uma notável diferença na porcentagem dos alunos que interromperam os estudos. Entre os mais antigos é menor a proporção desses casos de interrupção, ainda mais considerando que eles são mais

numerosos e têm também mais anos de estudo. O projeto pode, portanto, auxiliar tais jovens a incorporarem o valor da educação escolar e a não abandonar a escola precocemente.

Tabela 39 - Se já ficou algum tempo sem estudar

Entrada antes de 2009			Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Sim	8	11,8	9	23,1
Não	60	88,2	30	76,9
Total	68	100	39	100

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

5.2.4. Influência do projeto na perspectiva e visão do respondente

Em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, destaco dois fatores importantes que podem ser vistos nos dados apontados na tabela 40. O primeiro: o grupo de alunos mais novos, apresentam maior índice de consumo que os mais antigos (25% contra 17%)., O segundo: metade dos alunos novatos que ingerem bebidas alcoólicas fazem-no para se embriagar, enquanto no grupo mais antigo ninguém apresentou tal comportamento. Outro agravante: os adolescentes que entraram por último são mais novos e, supostamente, deveriam consumir menos álcool. Isso não ocorre. Por esses resultados, considero ser uma evidência relevante que corrobora as hipóteses dos organizadores do projeto, que este produz efeitos positivos na vida dos jovens quanto a esta questão.

Tabela 40 - Como você se relaciona com o álcool na maioria das vezes

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Consumo para aliviar a tensão e o mau humor	3	4,4	3	7,7
Consumo para me embriagar	0	0,0	5	12,8
Consumo para me relacionar com as pessoas	0	0,0	1	2,6
Consumo por outros motivos	8	11,8	1	2,6
Não consumo	57	83,8	29	74,4
Total	68	100,0	39	100,0

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Conforme os dados apontados nas tabelas 41 e 42, sobre o consumo de cigarros e similares e de drogas, visualizam-se dois quadros. Primeiramente, o consumo é muito baixo, cerca de 5%, e isso é muito bom. Em segundo lugar observa-se que isso pode ter duas causas: uma, o consumo de tais substâncias é muito combatido pela sociedade; outra, deduz-se que os jovens que procuram o projeto assim agem porque não estão envolvidos com drogas, uma vez que elas são intensamente combatidas entre praticantes de qualquer esporte.

Tabela 41 - Se fuma

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Sim	0	0	1	2,6
Não	68	100	38	97,4
Total	68	100	39	100

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Tabela 42 - Se consome drogas

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Não consumo drogas	65	94,2	38	97,4
Maconha	1	1,4	0	0,0
Cocaína	2	2,9	0	0,0
Cola/Thiner	0	0,0	1	2,6
Omissos	1	1,4	0	0,0
Total de Uso de Drogas	3	4,3	1	2,6
Total	69	100,0	39	100,0

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

Um projeto social pode intervir de várias maneiras na vida de qualquer um, de formas diretas e indiretas. É o que possivelmente mostram os dados da tabela 43, quando se observa que quase 80% dos jovens dos dois grupos (não foi possível detectar diferenças dignas de nota entre eles) declararam saber o que querem para o futuro. Vindo de adolescentes, normalmente inseguros quanto à vida futura, isso é muito relevante.

Tabela 43 - Pensando no futuro, com que afirmação mais concorda

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Tenho todo um futuro pela frente, sei o que quero e estou fazendo tudo para conseguir	54	79,4	30	76,9
Sei que tenho um futuro pela frente, mas me sinto perdido, sem saber o que fazer	12	17,6	7	17,9
Não consigo me ver no futuro, não tenho muitos planos, não penso muito sobre isso	2	2,9	2	5,1
Total	68	100,0	39	100,0

Fonte: Banco 2 "Toque" na Bola/2009

O que se pode apurar em relação às expectativas profissionais dos jovens em relação ao futuro, conforme os dados apontados na tabela 44 é que não há fortes diferenças nos dados obtidos entre os dois grupos (alunos antigos e novos). O que se percebe é uma larga influência do projeto em ambos os grupos. Um enorme percentual deles desejam ser jogadores profissionais, isso porque enxergam o projeto como uma porta de entrada ou um veículo para essa carreira. Não deixa de ser um problema, pois esse não é o objetivo do projeto.

Tabela 44 - Expectativas profissionais em relação ao futuro

	Entrada antes de 2009		Entrada depois de 2009	
	Frequência	Percentual Válido	Frequência	Percentual Válido
Se vê somente como jogador de futebol	43	65,2	24	66,7
Se vê como jogador de futebol e/ou exercendo outras profissões	9	13,6	3	8,3
Não se vê como jogador de futebol, mas somente exercendo outras profissões	14	21,2	9	25,0
Total válido	66	100,0	36	100,0
Omissos	2		3	
Total	68		39	

Fonte: Banco 2 “Toque” na Bola/2009

5.3. A importância do projeto em outras dimensões

Nesta terceira e última parte da análise do projeto e de seus possíveis efeitos na vida das crianças e adolescentes, pretende-se mensurar se há relevância de resultados quando se comparam aqueles jovens que atribuem maior relevância e significado do projeto com os que só o enxergam como meio de lazer e diversão, em confronto com outras dimensões de vida.

Pelos resultados apontados, observa-se em primeiro lugar que, na composição dos dois grupos, os que vêem o projeto como relevante para seu crescimento pessoal são em torno de 10% mais numerosos do que os que utilizam-no somente para praticar esportes, como se observa nos dados assinalados na tabela 45. Entretanto, comparando os dois grupos em relação ao consumo de drogas, álcool ou fumo, observa-se que os resultados

foram parecidos. Com uma pequena diferença, somente três casos (13%), a mais para os que consomem tais substâncias são do grupo mais ligado ao projeto. O que se pode ressaltar é que tanto num grupo como no outro, o consumo de drogas é relevante, 19,6% do total, considerando que a maioria é de jovens abaixo dos 18 anos, proibidos por lei de consumir drogas e bebidas alcoólicas.

Com relação ao uso de drogas pelos adolescentes, uma mãe de aluno afirma:

" Acredito que sim , que o tempo que eles deveriam estar lá fora, ficando ociosos procurando alguma coisa para fazer, aqui não, pelo menos eles estão passando duas horas e meia cientes do que eles estão fazendo. Aqui também eles são muito orientados, eles vêem exemplos de muitas crianças na idade deles tanto na escola como na rua. As drogas tem tido um consumo muito grande hoje em dia, mas eles estão vendo que o melhor é se livrar delas e nada melhor que estando em boa companhia." ²²

²² Depoimento de . Luiza Aparecida Luiz da Silva, concedido ao autor.

Tabela 45 - Importancia do Projeto * Se consome drogas, álcool ou fumo

		Se consome drogas, álcool ou fumo			
		Não consome	Consome	Total	
Importância do projeto	Prática de esportes, exercícios físicos e lazer	Frequencia 40	9	49	
		% Se consome drogas, álcool ou fumo 46,5%	42,9%	45,8%	
	Relevância para o crescimento do aluno como pessoa, afastando-se de situações de vulnerabilidade	Frequencia 46	12	58	
		% Se consome drogas, álcool ou fumo 53,5%	57,1%	54,2%	
Total		Frequência 86	21	107	
		" % (1) "	80,4%	19,6%	100,0%
		" % (2) "	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: elaboração própria

Qui-quadrado 0,763

Uma das hipóteses levantadas pelos organizadores do projeto era a de que seus alunos apresentariam baixo rendimento escolar e alta taxa de repetência. Em boa parte vê-se essa hipótese corroborada. É alta a porcentagem dos que já repetiram o ano pelo menos uma vez. Apesar dos esforços dos professores, que cobram frequência e melhor rendimento, ainda não se alcançou êxito total. Há que se ressaltar, porém, duas coisas: primeiro, fazer com que melhorem o rendimento escolar é uma das metas do projeto, mas não a principal; segundo, o projeto existe há poucos anos, e muitas crianças e muitos adolescentes já haviam repetido o ano quando nele ingressaram.

Conforme os resultados observáveis entre os que valorizam mais o projeto e os que só se interessam lá pelo esporte, em relação aos que já repetiram o ano escolar pelo menos uma vez, não foi encontrada grande diferença, de acordo com os dados apresentados na tabela 26. O que se pode ressaltar é que os dois grupos apresentam um percentual considerável de alunos que já repetiram o ano no mínimo uma vez.

Tabela 46 - Importância do projeto * Se já repetiu o ano escolar

		Se já repetiu o ano escolar		Total	
		Não	Sim		
Importância do projeto	Prática de esportes, exercícios físicos e lazer	Frequência 31	17	48	
		% Se já repetiu o ano escolar 49,2%	39,5%	45,3%	
	Relevância para o crescimento do aluno como pessoa, afastando-se de situações de vulnerabilidade	Frequência 32	26	58	
		% Se já repetiu o ano escolar 50,8%	60,5%	54,7%	
Total		Frequência 63	43	106	
		" % (1) "	59,4%	40,6%	100,0%
		" % (2) "	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaboração Própria

Qui-quadrado 0,326

Finalizando, este capítulo se propôs a analisar de várias formas as dimensões das vulnerabilidades a que estão sujeitos os alunos do projeto 2 “Toque” na Bola. Tudo isso, foi baseado no banco de dados obtido por meio do questionário aplicado aos alunos do projeto. Suas 66 questões procuraram abranger todos os aspectos da vida dos jovens. Essa análise

foi separada em três eixos. O primeiro analisou as interações entre diferentes dimensões de vulnerabilidades que envolvem os atendidos e suas famílias e que estão à parte das ações do projeto. O segundo foi uma análise sobre se as ações do projeto produzem efeitos positivos na vida dos participantes, comparando dois grupos, os mais antigos e os mais novos. Por último, analisou-se algumas dimensões de vulnerabilidade de acordo também com a visão de dois grupos, os que valorizam mais o projeto e os que dele participam somente interessados nos esportes. No próximo capítulo serão apresentadas as conclusões finais desta pesquisa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nunca fiz nada sem crer. Credo nunca deixei de agir”.

Roquette Pinto

Hoje, o que se vê como uma tendência mundial é a articulação da sociedade em prol da defesa dos seus direitos e das reivindicações junto aos seus governantes por melhores condições de vida. Portanto, assistimos à criação de inúmeras organizações não-governamentais e associações que buscam preencher as lacunas deixadas pelo Estado, principalmente na área de assistência social.

Esta dissertação apresentou o estudo de um típico caso do que foi descrito acima. Os membros de uma associação de bairro, insatisfeitos e incomodados com suas precárias condições de vida, se mobilizam e articulam para tentar solucionar parte dos problemas. Uma das formas para tentar atenuar algumas das carências, principalmente das crianças e dos adolescentes, foi criar um projeto social na área de esportes. O excepcional é que, mesmo sem subsídios financeiros, eles conseguiram implantá-lo.

Este estudo apresentou o estudo de caso do Projeto 2 “Toque” na Bola, criado por uma Instituição não-governamental, que dirige seu atendimento a crianças e adolescentes. Esse projeto foi desenvolvido para atender os jovens de uma área carente de Belo Horizonte, o aglomerado do Morro das Pedras. A proposta do projeto é oferecer atividades esportivas a esses jovens de modo a ajudar na formação integral desses indivíduos. Procurando expandir o projeto e, ao mesmo tempo, oferecer um atendimento melhor a seu público alvo, os organizadores estabeleceram parcerias com outras Instituições. A principal delas é o Cefet-MG, onde têm lugar as principais atividades esportivas.

Para a análise desse projeto, inicialmente, utilizou-se como referencial teórico algumas dimensões das vulnerabilidades sociais. Essas dimensões são usadas para se estabelecer uma relação com as ações implantadas pelo projeto. As principais dimensões de vulnerabilidades exploradas e relacionadas ao projeto dizem respeito às questões familiares, escolares e ao relacionamento com os amigos.

A base, para a análise desse projeto foram: documentos oficiais, o banco de dados com os cadastros dos alunos, entrevistas realizadas com professores, organizadores e pais e

os resultados dos dados obtidos através da aplicação de um questionário auto-aplicável (survey) realizado com os alunos do projeto. Esse questionário constou de 66 perguntas que procuraram abranger todos os aspectos pessoais e socioeconômicos da vida dos jovens e de sua família.

A principal hipótese levantada por esta pesquisa foi se e em que medida as ações implementadas pelo Projeto 2 “Toque” na Bola estão produzindo efeitos capazes de afastar os envolvidos de uma situação de vulnerabilidade e riscos sociais.

Para analisar os possíveis efeitos das ações implantadas pelo projeto, inicialmente, é importante dizer sobre o perfil dos atendidos o que está exposto no capítulo terceiro e estabelecer um paralelo com as vulnerabilidades sociais abordadas no capítulo primeiro. A ideia é mostrar a realidade do projeto e o que ele poderia trazer para a redução das vulnerabilidades.

O capítulo terceiro analisou o perfil dos atendidos, comparando as expectativas iniciais dos idealizadores com a forma real, as respostas do alunos nos dados coletados do questionário. Esse capítulo apresentou também os objetivos a serem alcançados pelos organizadores, diretamente relacionados com as dimensões de vulnerabilidade mencionadas no começo desta dissertação. Eles foram enquadrados em três grandes eixos: a relação entre indivíduo e família, a entre indivíduo e escola e a entre indivíduo e sociedade.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que, por motivos vários, o projeto não atende exatamente o público-alvo que esperava atender. Um dos principais diz respeito aos custos de oportunidade: muitos adolescentes deixam de participar já que precisam “cuidar” da casa ou zelar pelos irmãos menores.

Em relação à dimensão familiar, foi constatado o seguinte: contrariando as expectativas dos idealizadores do projeto que esperavam que grande parte das famílias envolvidas apresentassem condições precárias de moradia, com baixa inserção no mercado de trabalho e ambiente familiar conflituoso, os dados apontaram outra realidade. Mesmo assim, o projeto pode apresentar uma parcela de contribuição no que se refere a essa dimensão, cobrando os pais para que acompanhem os filhos nas palestras educativas e nas atividades nas práticas esportivas. O resultado pode interferir na coesão familiar e para que a família una-se e se fortaleça de modo a enfrentar os riscos diários.

No que se refere à dimensão escolar, as hipóteses levantadas pelos organizadores foram corroboradas em parte. A alta taxa de evasão esperada não se confirmou. Em relação ao número de alunos que já repetiram o ano escolar pelo menos uma vez, porém, a taxa mostrou-se alta, mais de 40% dos alunos do projeto já perderam o ano escolar pelo menos uma vez. Não é possível mensurar estatisticamente a contribuição do projeto nesse ponto, mas os organizadores vinculam a permanência dos participantes ao rendimento escolar satisfatório. Por outro lado, o projeto procura dialogar com os atendidos de maneira a atender suas necessidades escolares. Ao mesmo tempo, estabelece uma relação direta com os professores das escolas dos meninos também para ajudá-los.

O quadro observado é o seguinte: a criança e o adolescente apoiados por uma rede que envolve pais e professores provavelmente não vai faltar às aulas, evadir-se da escola ou repetir o ano. A contribuição do projeto aqui é de torná-los menos vulneráveis a essa dimensão, à medida em que conseguem cumprir seus compromissos acadêmicos e continuar na sua trajetória escolar, fato importantíssimo para sua formação integral. Apesar de esse não ser o foco principal do projeto, seus organizadores reconhecem que as ações não produzem ainda resultados satisfatórios.

Com relação à dimensão social, no que se refere à rede de relacionamentos, amigos e membros da comunidade, foi observado o seguinte: ao contrário do que supunham os organizadores, não se confirmou que os principais amigos dos atendidos eram também participantes. Tais resultados se devem, em parte, a que boa porcentagem dos alunos entraram recentemente no projeto. Diferentemente do que acontece na escola, no projeto eles não têm contato diário com os colegas. Contudo, segundo Paulo Cesário, professor e coordenador, duas consequências positivas são apontadas²³: as amizades originadas lá são mais sólidas, e eles formam outra rede de amizades com os alunos do Cefet, devido ao intercâmbio esportivo entre eles. Portanto, a contribuição do projeto em relação a essa dimensão é esclarecer aos jovens participantes o valor das boas amizades e evitar que eles se envolvam com as más companhias.

O quarto e último capítulo apresentou uma análise mais criteriosa dos dados obtidos do questionário de avaliação. Ela foi feita de três formas: em primeiro lugar, estabeleceram-se cruzamentos entre questões do questionário que interagem diferentes dimensões de

²³ Estas considerações foram emitidas pelo senhor, Paulo Cesário da Silva, um dos coordenadores e professor do Projeto.

vulnerabilidades do cotidiano de vida das famílias, mas não diretamente ligadas às ações do projeto; em segundo lugar, foram comparados os possíveis efeitos sobre os alunos mais antigos em relação aos mais novos; em terceiro, foram feitos outros cruzamentos relacionando a importância dada ao projeto a outras dimensões.

Em relação à primeira parte da análise, destacaram-se dois resultados com certa relevância. O primeiro: quando os pais apoiam menos frequentemente os filhos, o índice de alunos que repetiram o ano pelo menos um vez foi bem maior. Nesse sentido, a contribuição do projeto é fazer com que os pais participem mais das palestras junto com os filhos. O segundo resultado, com consequências bem mais palpáveis e relevantes, apontou para o fato de que, quando existe na família alguém viciado em drogas ou álcool, o índice de alunos que consomem tais substâncias é bem maior que o daqueles cuja família não possui viciado algum.

Sobre a segunda parte de análise desse capítulo, não foi observada grande diferença na maioria dos resultados apontados entre os alunos mais recentes e os mais novos. Em três casos, no entanto, vale destacar o seguinte: os alunos mais antigos apresentaram um percentual bem maior na frequência de estudos em casa, mais de cinco vezes por semana. Nesse caso, poder-se-ia afirmar que o projeto pode contribuir para que os alunos estudem mais. O segundo caso mostrou que, entre os mais novos, houve mais interrupções na vida acadêmica que entre os mais antigos. Pode-se considerar também que os efeitos do projeto estejam levando os meninos a incorporarem o valor da educação. O terceiro caso aponta para o fato de que os jovens com menos tempo no projeto consomem mais bebidas alcoólicas. Esse resultado corrobora a hipótese dos organizadores que as ações do projeto podem produzir efeitos positivos na vida dos jovens, evitando esse vício.

A última parte da análise desse capítulo abordou a importância dada ao projeto em relação a duas dimensões de vulnerabilidade. Em primeiro lugar, vale destacar que o grupo de jovens que consideram o projeto mais relevante para o crescimento pessoal foi bem maior que o dos que o vêem apenas como oportunidade de jogar bola. Não apresentaram muita diferença as duas questões apresentadas sobre a importância dada ao projeto em relação tanto ao consumo de drogas e bebidas alcoólicas quanto ao fato de já se ter repetido de ano.

Por meio de várias análises, este estudo procurou detectar os possíveis efeitos do Projeto 2 “Toque” na Bola e se esses efeitos contribuem para amenizar as vulnerabilidades e os riscos sociais a que os jovens carentes estão sujeitos. Apesar de se ter construído um survey com 66 questões, de ele ter sido aplicado em 107 jovens e de os dados terem sido manipulados de inúmeras formas em busca de resultados sólidos, relevantes e significativos, isso não aconteceu. Isso não diminui em nada a relevância desse projeto social e esportivo para a sociedade. Segundo as entrevistas com pais e gestores do projeto, eles ressaltam a enorme contribuição proporcionada por essas atividades na vida das crianças e adolescentes.

Finalizando, queremos deixar evidente que a análise desse projeto poderá servir como objeto de estudo na construção e no desenvolvimento de outros projetos sociais na área de esporte e prestar uma contribuição aos organizadores do Projeto 2 “Toque” na Bola.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. ; CASTRO, M. G. . *Juventude no Brasil: vulnerabilidades negativas e positivas, desafiando enfoques de políticas públicas*. Juventude Cultura e Políticas Públicas: Intervenções apresentadas no seminário teórico-político do Centro de Estudos e Memória da Juventude, São Paulo, v. 1, p. 35-66, 2005.

ALVES, José Antonio Barros. PIERANTI, Octavio Penna. *O Estado e a formulação de uma política nacional de esporte no Brasil*. RAE-eletrônica, v. 6 n. 1 Art. 1, jan./jun.2007. Disponível em < <http://www.rae.com.br/electronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=3843&Secao=ARTIGOS&Volume=6&Numero=1&Ano=2007>> Acesso em: 20/11/2008

ARRIAGADA, I. *Familias Vulnerable o Vulnerabilidad de lãs Famílias ?* Apresentado em CEPAL , Seminário Vulnerabilidade, CEPAL , Santiago de Chile, 2001 – xerox.

BUSSO, D. *La vulnerabilidad social y lãs políticas sociales a inícios del siglo XXI: una aproximación a sus potencialidades y limitaciones para los países latinoamericanos*. Santiago do Chile: CEPAL/Celade, 2001. CEPAL – Comisión Económica para América Latina el Caribe

CASTEL ,Robert. *Insegurança social: o que é ser protegido ?* Petrópolis: Editora Vozes.2005.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. *Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências*. Cad. Pesqui. , São Paulo, n. 116, 2002 .

FILGUERIA, C.H. *Estrutura de Oportunidades y Vulnerabilidad Social Aproximaciones Conceptuales Recientes* Apresentado em CEPAL, Seminário Vulnerabilidad, CEPAL , Santiago de Chile, 2001-xerox.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. *A vila olímpica da verde-e-rosa*. Rio de Janeiro, 2003

LAURINDO, Elisabete. *O esporte-participação como política pública: um estudo de caso em Itajaí (SC)* Dissertação. Itajaí, 2007

MAIA,Carla Linhares. *Entre gingas e berimbaus:culturas juvenis e escola*. Belo Horizonte:Autêntica Editora.2008.

MARCELINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. Campinas:Papirus,1987

Simoni Lahud Guedes, Júlio D'Angelo Davies,Michelle Antunes Rodrigues e Rafael Medeiros Santos . *Projetos sociais esportivos*. XII Encontro Regional de História da ANPUH-RJ. Universidade Federal Fluminense-CNPQ.2006.

STOROLI, Fernanda Quevedo. *Inclusão Social e Esporte: os significados e sentidos da capoeira para adolescentes em situação de pobreza*. Dissertação Política Social: São Paulo, 2007.

VARGAS, Leandro Silva. *Esporte, Interação e Inclusão Social: um estudo etnográfico no "Projeto Esporte Clube Cidadão"* Dissertação Ciências Sociais Aplicadas: São Leopoldo, 2007.

VIGNOLI, J .R. *Vulnerabilidad Demográfica em América Latina . Qué Hay de Nuevo ?* In CEPAL , Apresentado em Seminário Vulnerabilidad, CEPAL, Santiago de Chile, 2001.- xerox

WAISELFISZ, J.J. *Mapa da Violência iv: Os jovens d Brasil-Juventude, Violência e Cidadania*. Brasília, UNESCO, 2004.287P.

APÊNDICE A – LISTA DOS ENTREVISTADOS

Entrevistados	
	Cristovam Teixeira dos Santos
	Edson Daniel da Silva
	Aldair José Candido
Pais	Mauro Jackson Batista Alves
	Wladimir Segantini
	Luiza Aparecida Luz da Silva
	Floripes de Oliveira dos Santos
Professores	Paulo Cesário da Silva
	Adelson Luiz da Silva

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS DOS PROFESSORES

- QUAL O SEU NOME ? - DESDE QUANDO ESTÁ NO PROJETO ?
- QUAL O ESPORTE QUE O SR. TRABALHA COM OS ALUNOS ?
- O SR ACHA QUE O PROJETO DEVERIA CONTAR COM A AJUDA DO GOVERNO OU DA INICIATIVA PRIVADA
- PORQUE E COM SE DEU A CRIAÇÃO DO PROJETO, QUAL O OBJETIVO PRINCIPAL
- QUAL A IMPORTÂNCIA DO PROJETO PARA VC?
- COM RELAÇÃO AOS ALUNOS E AS SUAS ESCOLAS , O SR. AVALIA QUE PODEM HAVER MUDANÇAS QUANTO A :
 - RENDIMENTO ESCOLAR ;
 - COMPORTAMENTO/ DISCIPLINA
 - RELAÇÃO COM COLEGAS E PROFESSORES
- COMO O SR. AVALIA O COMPORTAMENTO DOS ALUNOS NO AMBIENTE FAMILIAR, APÓS SUA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO ?
- O SR. ACHA QUE O PROJETO PODE AFASTAR OS MENINOS DO USO DE DROGAS; ENVOLVIMENTO COM O TRÁFICO - OU COM GANGUES.
- O SR. CONSIDERA QUE O PROJETO CONTRIBUI PARA QUE OS ALUNOS FAÇAM NOVAS AMIZADES ?
- SABE SE ALUNOS DO PROJETO JÁ FORAM CONVIDADOS A COMETER DELITOS OU PARTICIPAR DE GANGUES ?
- O SR TEM CONHECIMENTO SE OS ALUNOS JÁ SE ENVOLVERAM COM ALGUM TIPO DE DROGA (ALCOOL, FUMO , ENTORPECENTES) ?
- O SR ACHA QUE O PROJETO CONTRIBUI PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO ?
- COMO O SR VÊ A ATUAÇÃO DOS PROFS. E COORDENADORES ?
- COMO O SR. AVALIA A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO PROJETO ?

- O SR. CONSIDERA O LOCAL ONDE SÃO REALIZADAS AS ATIVIDADES ADEQUADO E SATISFATÓRIO? O QUE O CEFET PODERIA OFERECER MAIS?

- O SR ACHA QUE O PROJETO PODE INFLUENCIAR DIRETAMENTE NA VIDA DOS ALUNOS E TRAZER CONTRIBUIÇÕES PARA O FUTURO DELES ?

- QUAIS ÀS SUAS SUGESTÕES PARA O ENGRANDECIMENTO E MELHORIA DO PROJETO ? O QUE FALTA ?

- NA SUA VISÃO, O QUE O ALUNO BUSCA AO ENTRAR PARA O PROJETO?

- O TRABALHO DE VOCÊS É VOLUNTÁRIO OU REMUNERADO?

- COMO É O RELACIONAMENTO COM OS ALUNOS ?

- GOSTARIA DE FAZER MAIS ALGUM COMENTÁRIO ?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS PAIS

- QUAL O SEU NOME E O DE SEU FILHO COMPLETOS ?
- DESDE QUANDO SEU FILHO ESTÁ NO PROJETO ?
- QUAL A IMPORTÂNCIA DO PROJETO PARA O SEU FILHO E SUA FAMÍLIA ?
- CM RELAÇÃO DO SEU FILHO À ESCOLA , O SR AVALIA QUE HOUVE MUDANÇAS QUANTO A : RENDIMENTO ESCOLAR ;
COMPORTAMENTO/ DISCIPLINA
RELAÇÃO COM COLEGAS E PROFESSORES
- COMO O SR. AVALIA O COMPORTAMENTO DO SEU FILHO NO AMBIENTE FAMILIAR, APÓS SUA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO ?
- O SR. ACHA QUE O PROJETO PODE AFASTAR OS MENINOS DO :
USO DE DROGAS;
ENVOLVIMENTO COM O TRÁFICO;
ENVOLVIMENTO COM GANGUES.
- O SR. CONSIDERA QUE O PROJETO CONTRIBUI PARA QUE SEU FILHO FAÇA NOVAS AMIZADES ?
- O SEU FILHO JÁ FOI CONVIDADO A COMETER DELITOS OU PARTICIPAR DE GANGUES ?
- O SEU FILHO JÁ SE ENVOLVEU COM ALGUM TIPO DE DROGA (ALCOOL, FUMO , ENTORPECENTES) ?
- O SR ACHA QUE O PROJETO CONTRIBUI PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO ?
- COMO O SR VÊ A ATUAÇÃO DOS PROFS. E COORDENADORES ?
- COMO O SR AVALIA A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO PROJETO ?
- O SR CONSIDERA O LOCAL ONDE SÃO REALIZADAS AS ATIVIDADES ADEQUADO E SATISFATÓRIO ?

- O SR ACHA QUE O PROJETO PODE INFLUENCIAR DIRETAMENTE NA VIDA DOS ALUNOS E TRAZER CONTRIBUIÇÕES PARA O FUTURO DELES ?

- QUAIS ÀS SUAS SUGESTÕES PARA O ENGRANDECIMENTO E MELHORIA DO PROJETO ?

- GOSTARIA DE FAZER MAIS ALGUM COMENTÁRIO ?

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO

PROJETO 2 “TOQUE” NA BOLA

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO

1 – Sexo : A masculino B feminino

2 – Ano de Nascimento

3 – Local de residência :

Bairro

Cidade

4 – Há quantos anos mora em seu bairro ?

A Até 1 ano B De 1 a 2 anos

C De 2 a 3 anos D De 3 a 4 anos

E Mais de 4 anos

5 – Quantas pessoas residem em sua casa incluindo você?

6 – Quantos irmãos moram com você em sua casa ?

7 – Quem é o responsável por sua família ?

A Pai B..... Padrasto C Mãe

D Madrasta EIrmão FAvós

G Tio H Parente I O próprio

J Tia

K

Outros

8 – Situação de moradia

A Aluguel

B Cedida

C Casa própria quitada

D Casa própria em pagamento

E Outros (invasão)

9 – Situação de atividade do responsável pela sua família

AExerce atividade remunerada com carteira

B Desempregado

C Do lar

D..... Aposentado

E Exerce atividade remunerada sem carteira

10 – Como você qualificaria o seu ambiente familiar?

A Muito conflituoso B Regular

C Tumultuado D Calmo

11 – Com quais questões abaixo você mais se preocupa atualmente ?

(Escolha três opções 1º , 2º e 3º em ordem de importância)

A Emprego/profissional

B Política

C Sexualidade/namoro

D Saúde

E Violência

F

Meio ambiente

G Relação familiar

H Educação

I Drogas

J

Fome/miséria

K Moradia

L Crise econômica

M Outros

12 – Como é o acompanhamento dos seus pais em relação à escola ?

- A Acompanham com muito controle de tarefas e provas
- B Acompanham, conversando sobre a escola, ajudando quando necessário
- C Somente verificam as notas, se você passou de ano ou quando tem algum problema na escola
- D Não acompanham

13 – Como é o acompanhamento de seus pais em relação ao Lazer?

- A Eles saem com você ou o levam para passear
- B Eles determinam onde você pode ir, com quem e o horário de voltar
- C Eles quase nunca deixam você sair.
- D Eles deixam vocês fazerem o que quiserem, sem controlar muito

14 – Como é o acompanhamento de seus pais com relação aos seus amigos ?

- A Eles procuram conhecer seus amigos e se relacionar com eles
- B Eles controlam muito quem são suas amizades e com quem você se relaciona
- C Acompanham, sem muito controle
- D Eles deixam vocês terem as amizades que quiserem sem se preocupar muito

15 – Do que mais você sente falta na sua casa ou família? Marque a opção mais importante .

- A Mais diálogo e compreensão dos pais
- B Um espaço melhor para viver/dormir
- C Mais recursos (dinheiro, bens)
- D Menos violência , cobranças , brigas
- E Mais liberdade para sair e passear
- F Indicações para meu futuro
- G Mais amor
- H Não sinto falta de nada
- I Outro

16- Como estudante , você se considera :

- A Extremamente dedicado aos estudos
- B Muito interessado
- C Interessado
- D Pouco interessado
- E Nada interessado

17 – Existe um local apropriado para estudar em sua casa ?

- A Sim
- B Não

18 – Como é o seu comportamento na escola?

- A Presto atenção nas aulas
- B Sigo as normas para não ter problemas
- C Não participa muito das aulas
- D Faço bastantes brincadeiras ou bagunça nas aulas

19 – Já repetiu o ano escolar ?

- A Não
- B Sim , uma vez
- C Sim, duas vezes
- D Sim , mais de duas vezes

20 – Já ficou algum tempo sem estudar ?

- A Sim B Não

21 – Se sim, qual o principal motivo ?

- A Nunca deixei de estudar
B..... Gravidez
C Viagem
D Conflito com colega
E Conflito com professor
F Reprovação
G Doença própria
H Baixo desempenho
I Medo de Violência
J..... Trabalho remunerado
K Ajuda nos afazeres domésticos
L Doença ou morte familiar
M Outros motivos

22 – Estuda em casa quantas vezes por semana ?

- A Mais de cinco vezes
B Três a cinco vezes
C Apenas quando tem trabalho ou avaliação D Nunca

23 – Como é a sua Escola. Escolha duas opções (1ª e 2ª) com as quais você mais concorda.

- A Possui bons espaços físicos (salas, cantina,biblioteca,quadras,etc.)
B Tem bons professores e uma boa direção
C Seus espaços físicos são insuficientes e estão mal conservados
D Tem professores ruins e uma má direção
E É bagunçada e violenta

24 –Com relação a sua vida escolar, como seus pais ou responsáveis participam

- A Verificam seus estudos e ajudam nas tarefas
B Acompanham as notas em exercícios e provas
C Acompanham sua disciplina na Escola
D Não fazem nada

25 – Do que você mais gosta na sua escola? (escolha duas opções , 1ª e 2ª em ordem de importância)

- A Matérias (história , geografia , matemática, etc)
B Atividades físicas / educação física
C Ensino
D Professores
E Amigos
F Funcionários
G Festa da escola e atividades complementares H..... Outros

26 - O que você acha que deveria melhorar na sua escola? (escolha duas opções 1ª e 2ª em ordem de importância) .

- A Infra-estrutura (cadeiras , carteiras, prédio , quadra)
B..... Oferta de atividades extra-escolares (cursos , esportes, oficinas)
C Relacionamento aluno/professor D Métodos das aulas
E Administração (funcionários , diretores) F Eventos da escola
G Professores H Outros

27 – Você gosta de sua escola?

A Sim B Não

28 – Alguma vez, alguém já te ofereceu drogas para você ou seus amigos ?

A Sim B Não

29 – Você ou algum amigo já foi convidado a participar em :

A Venda de drogas(tráfico)

B Roubos

C Atos de violência (brigas)

D Prostituição

E Nenhum deles

30 – Você já foi convidado a integrar-se a uma “ gangue” ou “tribo “ ?

A Sim B Não

31 – Classifique o seu relacionamento com os professores de sua escola:

A Muito bom B Bom

C Ruim D Péssimo

32 – Classifique o seu relacionamento com os colegas de escola :

A Muito bom B..... Bom

C Ruim D Péssimo

33 – Classifique o seu relacionamento com o diretor e funcionários da sua escola:

AMuito bom B Bom

C Ruim D Péssimo

34 – Tem medo da violência na escola ?

A..... Me sinto bastante seguro

B Me sinto mais seguro do que inseguro

C Me sinto mais inseguro do que seguro

D Me sinto bastante inseguro

35 – Já se envolveu com brigas na escola ?

A Sim B Não

36 – Você já viu alguém vendendo drogas dentro da escola ?

ASim BNão

37 – Você já viu alguém consumindo drogas dentro da escola?

A Sim B Não

38 – Você tem medo da violência próximo de casa ?

A Me sinto bastante seguro

B Me sinto mais seguro do que inseguro

C Me sinto mais inseguro do que seguro

D Me sinto bastante inseguro

39 – Existe algum lugar de seu bairro no qual você ou alguém de sua família não possa ir?

A Sim , risco de assalto

B Sim , risco de agressão

C.....Sim, é proibido

- D Sim, risco de extorsão
- E Sim, outros
- F Não

40 – Já sofreu violência próximo de casa ?

- A Sim
- B Não

41– Já sofreu algum tipo de violência, como? (múltiplas alternativas)

- A Não sofreu violência
- B Brigas com Jovens
- C Assalto
- D Violência policial
- E Por traficantes
- F Outros

42 – Já sofreu violência dentro da família ?

- A Sim, algumas vezes
- B Sim constantemente
- C Raramente
- D Não nunca sofreu

43 – Como os seus amigos se relacionam com as drogas ?

- A Consomem diariamente
- B Consomem geralmente quando vão em festas
- C Consomem para ser aceito
- D Consomem por outros motivos
- E Não consomem
- F Não sei

44 – Como os seus amigos se relacionam com as bebidas alcoólicas ?

- A Consomem para aliviar a tensão e o mau humor
- B Consomem para se embriagar
- C Consomem para se relacionarem com as pessoas
- D Consomem por outros motivos
- E Não consomem
- F Não sei

45– Se já sofreu violência, por quem ?

(Múltiplas alternativas)

- A Não sofreu violência
- B Pai
- C Padrasto
- D Mãe
- E Madrasta
- F Avós
- G Irmãos
- H Companheiro(a)
- I Outros

46 – Alguém de sua família, que não seja você, apresenta problemas de vício com drogas ?

- A Sim
- B Não

47 – Alguém de sua família, que não seja você , apresenta problemas de vício com álcool ?

- A Sim
- B Não

48 – Como você se relaciona com o álcool na maioria das vezes ?

- A Consumo para aliviar a tensão e o mau humor
- B Consumo para me embriagar
- C Consumo para me relacionar com as pessoas
- D Consumo por outros motivos
- E Não consumo

49 – – Você fuma ?

- A Sim
- B Não

50 – Se consome drogas , quais você utiliza com mais frequência ? (múltiplas alternativas)

- A Não consumo drogas
- B Maconha
- C Crack
- D Cocaína
- E Cola/tínner
- F Lança perfume/loló

- G Comprimidos (ecstasy)
- H Outras

51- Como você se relaciona com as drogas ?

- A Consumo diariamente
- B Consumo apenas quando vou em festas
- C Consumo para ser aceito
- D Consumo por outros motivos
- E Não consumo

52 – Você tem algum amigo que participa de alguma “ganguê” ?

- A Sim
- B Não

53– Seus principais amigos são :

- A Da escola
- B Do bairro
- C Da igreja
- D Do projeto

54 – Como são os espaços públicos de lazer/esportivos na sua comunidade?

- A Muitos
- BRazoáveis
- C Poucos
- D Muito poucos
- E Nenhum

55 – O que é mais importante para você (Escolha três opções 1ª , 2ª e 3ª em ordem de importância)

- A Família, mãe , pai, irmãos, avós
- B Namorado(a) , companheiro (a)
- C Música , arte, cultura, dança, etc
- D Festas , bailes, baladas
- E Religião , fé , Deus
- FAmigos , colegas
- G Fama/Status
- H Sexo
- I Estudo
- J Trabalho
- K Dinheiro
- L Outros

56– Que tipo de atividade você prefere ? (Escolha três opções 1ª, 2 e 3ª em ordem de importância)

- AEsporte
- B..... Teatro
- C Artes
- D Desenho
- E Literatura
- F Ouvir música
- G Cinema/Video
- H Dança
- I Internet, computador
- J Tocar instrumentos musicais
- K Conversar com os amigos
- L Outros

57 – O que você faz no tempo livre ? (Escolha três opções 1ª , 2ª e 3ª em ordem de importância)

- A..... Esportes, academia, etc.
- B Brinco
- C..... Atividades domésticas
- D Ouço música
- E Leio
- F Assisto TV
- G Estudo
- H Danço
- I Passeio
- J Namoro
- K Descanso
- L Uso o computador
- M Conversar com os amigos
- N Outros

58 – Pensando no futuro, com qual afirmação você concorda mais ?

- A Tenho todo um futuro pela frente , sei o que quero e estou fazendo tudo para conseguir.
- B Sei que tenho um futuro pela frente, mas me sinto perdido, sem saber o que fazer .
- C Não consigo me ver no futuro , não tenho muitos planos , não penso muito sobre isto .
- D Não importa o futuro e sim o agora. Não importa se tenho um futuro ou não.

59 – Se você pudesse escolher qualquer atividade/profissão para exercer, independente de qualquer limitação ou restrição, o que gostaria de ser?

60– Qual a principal razão que levou você a procurar o projeto ?

- A Decisão dos pais
- B Para praticar esportes
- C Para não “ ficar a toa “
- D Para não me envolver com coisas ou pessoas erradas
- E Outras

61– Como você vê a atuação dos professores do projeto? (Escolha duas opções 1ª e 2ª que você mais concorda)

- A Ensina bem os esportes
- B Ensina como nos comportar bem
- C Têm controle das atividades
- D Transmitem orientações de vida
- ETem um bom relacionamento com os alunos

62 – O que você pretende ao participar do projeto ?

- A Tornar-se um atleta profissional
- B Aprender vários esportes
- C Fugir das más companhias
- D Fazer novos amigos
- ESer mais disciplinado e melhorar o rendimento escolar
- F Preencher o tempo livre com diversão

63– Como você ficou sabendo do projeto ?

- A Através de colegas
- B Na Escola

- C Pelos pais
- D Por propaganda
- E Fui convidado

65- Como você avalia os espaços físicos onde é realizado o projeto ?

- A Ótimo
- B Muito bom
- C Bom
- DRazoável
- E Ruim

66-Em que medida você avalia que as atividades e palestras ajudam em sua vida?

- A Muito
 - BRazoável
 - CPouco
 - DMuito pouco
 - E Nada
-

ANEXO I – FICHA DE CADASTRAMENTO

ORGANIZAÇÃO TOQUE DE ARTE – OTA

CNPJ:07.674.796/0001 – 07

Sede:Rua Bento, 48 – Vila São Jorge – CEP 30450 – 010

(Blog)www.projeto2toques.blogspot.com

(Email)projeto.2toques@yahoo.com.br

Ficha de Cadastro

Nome.....

Endereço

Bairro:.....

Data de Nascimento..... TELS :

E-mail

Filiação: Mãe.....

Pai

Escola

Escolaridade

Data de entrada

Modalidades : Futebol de Campo () - Voleibol () - Futsal ()

Futebol feminino () Outros () – Qual.....

Eu

Autorizo meu filho (a).....

a participar das atividades do projeto 2 “ Toque na bola “ .

Você tem condições de participar das atividades em quais dias :

Sábado () Domingo ()

E nos dias de semana : manhã () tarde ()

É de responsabilidade dos pais acompanhar seus filhos nos treinos , aos finais de semana no CEFET . Em caso de jogos fora , é de responsabilidade do projeto deixar os alunos no CEFET.

Senhores pais ou responsáveis : os nossos trabalhos são voluntários, por este motivo não temos condições de arcar com quaisquer despesas em caso de acidentes nas atividades, somente de prestar socorro e avisar os responsáveis.